



**CATÓLICA**  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO  
Faculdade de Educação e Psicologia

**A Dádiva:**

**uma arte mágica na relação pedagógica**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Ciências da Educação

– Especialização em Pedagogia Social –

Filomena Maria de Melo Rosa Amorim

Porto, fevereiro de 2012



**CATÓLICA**  
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO  
Faculdade de Educação e Psicologia

Porto, fevereiro de 2012

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção  
do grau de Mestre em Ciências da Educação

– Especialização em Pedagogia Social –

Sob a orientação de

Professor Doutor Joaquim Azevedo

E coorientação do Mestre José Luís Gonçalves

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz

Onde houver ódio, que eu leve o amor

Onde houver discórdia, que eu leve a união

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé

Onde houver erros, que eu leve a verdade

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão

Onde houver desespero, que eu leve a esperança

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei com que eu procure mais.

Consolar que ser consolado

Compreender, que ser compreendido

Amar, que ser amado

Pois é dando que se recebe

É perdoando, que se é perdoado

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

*Oração da paz - S. Francisco de Assis*

## **Agradecimentos**

A dádiva, a essência deste estudo. A dádiva pressupõe agradecimento.

Muitas são as dádivas que recebo, logo muitos serão os agradecimentos a escrever neste espaço, embora seja curto proporcionalmente à dimensão do muito que recebo.

Ao Professor Doutor Joaquim Azevedo, a primeira pessoa a quem ouvi falar do Mestrado em Pedagogia Social, agradeço e reconheço a sua sabedoria e atitude de sempre e o muito que me tem ensinado, quando tenho o prazer de o ouvir ou de o ler.

Ao Mestre José Luís Gonçalves, reconhecidamente lhe agradeço todo o profissionalismo, saber, postura e espírito de dádiva transmitidos e sentidos ao longo de todos estes árduos mas entusiasmantes meses de trabalho. Admiro a forma como me ajudou a construir esta investigação, numa atitude de verdadeiro Professor, um exemplar orientador, na verdadeira aceção da palavra. Nunca esquecerei.

À Professora Doutora Isabel Baptista, manifesto o meu agradecimento pelo muito que me ensinou e pela grande ajuda que me deu na descoberta do tema deste estudo, que sempre me foi tão caro, mas ao qual eu nunca teria chegado sem a sua colaboração.

Aos “amigos críticos” deste estudo, os meus Filhos, que apesar dos seus muitos afazeres profissionais e uma intensa vida familiar, conseguiram tempo e disponibilidade. Muito obrigada.

À Ana Camões, a grande amiga que só conheci no início desta caminhada da Pedagogia Social, agradeço a sua alegria, capacidade de luta por uma vida com qualidade, pela sua disponibilidade ímpar, pela sua dádiva contínua a tudo e a todos, por saber ser e por te sentir sempre a meu lado. Obrigada. E ao Carlos, seu marido, por toda a implicação sempre disponível, ao longo destes anos.

Às restantes Colegas de Mestrado, que tive a sorte de conhecer e partilhar momentos inesquecíveis, uns de ansiedade outros de uma grande boa disposição.

À Equipa Diretiva do Agrupamento de Escolas D. Pedro I, pela colaboração sempre dada para que este estudo pudesse ser uma realidade.

À Escola Básica de Chouselas e aos meus queridos Colegas, com quem tenho a felicidade de trabalhar, numa dinâmica contínua de profissionalismo, alegria, dádiva e troca de saberes, de maneira a que paire uma “arte mágica” sentida no ambiente criado por todos. Agradeço-vos muito.

Aos Alunos de Chouselas, aos que colaboraram no “*focus group*” e a todos os outros, agradeço a energia que me transmitem, os sorrisos que comigo partilham e me fazem sorrir, o olhar terno, as palavras ditas como só uma criança sabe dizer, o muito que me ensinam, na sua simplicidade perante a vida.

À comunidade educativa de Chouselas em geral, incluindo obviamente a Associação de Pais, e a todas as entidades que tanto colaboram com a Unidade Educativa de Chouselas, agradeço a forma como o fazem, percecionando que a escola é de todos e para todos, contribuindo assim para um bom e feliz ambiente de aprendizagens.

Ao Conselho de Docentes da Educação Pré-escolar do Agrupamento de Escolas D. Pedro I e nossa querida Coordenadora Teresa Vidigal, agradeço as muitas aprendizagens construídas em conjunto, a caminhada feita e refeita para que a Educação Pré-escolar seja devidamente valorizada, visando o bem de todas as crianças com quem trabalhamos, numa idade crucial das suas vidas.

A todos os Colegas que amavelmente responderam ao questionário de tanta importância para este estudo. Sem vocês, seria impossível. Obrigada a todos.

Às sempre minhas queridas Colegas, com quem tive a sorte de trabalhar numa equipa de valor e com tantos valores, quando fiz parte do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas D. Pedro I, na fase difícil dos primeiros passos como Agrupamento de Escolas. À Inês Pinto Monteiro e a todas, agradeço-vos o muito que convosco aprendi.

Às minhas Colegas da Escola Superior de Educação do Porto, pelos entusiásticos e alegres encontros trimestrais desde há dez anos, pelo grupo que conseguimos ser, associando os nossos maridos, para todos parecermos um só, nos bons e menos bons momentos.

Ao Professor Doutor Luís Rothes, Coordenador do Curso da Escola Superior de Educação do Porto, pelo muito que me ensinou no trabalho de interação com a comunidade.

Aos Superiores e Colegas do meu marido da Polícia Judiciária do Porto, pessoas que muito me têm ajudado, ao longo de muitos anos, através das suas atitudes e cuidados, alguns dignos de um caráter muito nobre, inolvidáveis.

Aos meus Amigos especiais, cada um deles sabe que o é, agradeço-vos porque partilham sempre comigo, e eu convosco, o espírito da dádiva e daí percecionarmos a existência de uma “arte mágica” entre nós.

A Deus, à Sr.<sup>a</sup> da Alegria e aos meus Amigos de Luz, por Vos sentir.

Aos meus Avós, eternamente presentes.

Ao meu Pai e à minha Mãe, agradeço com muita ternura o muito que sempre me deram, de quem muito recebi e, certamente, a quem nunca conseguirei retribuir da mesma forma, embora seja sempre essa a minha vontade. Lamento muito que o meu Pai já não possa assistir fisicamente a este momento, pois sei que seria para ele uma enorme felicidade (parece que estou a sentir o seu olhar brilhante) até pela sabedoria, cultura e valores que sempre nos transmitiu e tão referidos ao longo deste estudo. Está a minha Mãe, uma grande “miraculada” da vida, pela sua força, energia, sentido prático, saber ser e estar com tudo e com todos. Obrigada, Mãe, por ser como é. E por tudo quanto consegui e consegue transmitir-me, muitas vezes sem ser preciso falarmos. Com muito amor e cumplicidade.

Aos meus Sogros, que apesar de já não estarem entre nós, quero que sintam como lhes estou grata e o reconhecimento que tenho pelo muito que sempre me ajudaram, através das suas atitudes e espírito de dádiva.

Aos meus Irmãos e às minhas Cunhadas, de quem não escrevo os nomes porque felizmente são muitos, a quem ternamente agradeço a implicação sempre sentida, com quem me entendo sem sequer precisarmos de falar, agradeço os bons momentos que sempre passamos juntos, beneficiando da felicidade de sermos uma família unida.

À nossa Rosa, uma “preciosidade” que apareceu na família desde os meus cinco anos, a quem agradeço todas as dádivas gratuitas que com naturalidade nos oferece, toda a sua postura e dedicação a cada um de nós, toda a sua consanguinidade, que sem o ser, o é da família do coração e da alma. Obrigada sempre.

Aos meus Tios, Primos/quase Irmãos e Sobrinhos, com quem partilhamos tantos momentos memoráveis, nos passeios e encontros de família, nos teatros inesquecíveis que tanto nos fazem rir, nos fins de semana e férias em conjunto, nos muitos momentos de encontro.

À Família Giroflé, formada a partir da família consanguínea, pelos dias e momentos inolvidáveis, com programas devidamente pensados e estruturados, cuidando do físico, do espiritual e do lúdico, dos quais se fazem registos e até já se escreve a ata de cada encontro, para que fique e um dia mais tarde nos deem continuidade, sempre como Família.

Aos Pais das minhas Noras, por estarem sempre presentes, numa atitude de tão autêntica amizade. Obrigada.

Aos meus Filhos, Jorge Humberto e José Pedro, às minhas Noras, Rita e Clementina, aos meus Netos, Francisco, David, Salvador e Maria, por serem os meus “tesouros”. Pela recompensa que a Força Divina me deu, dando-os a mim. Como sempre disse aos meus Filhos desde bem novitos, “vocês são a minha ‘bomba de gasolina’”. Têm-no sido sempre. Agradeço-vos a todos estarem sempre ao nosso lado, cuidando para que nós estejamos bem, pelo vosso carinho e ternura. Por tudo aquilo que têm conseguido obter, pelo vosso justo mérito e capacidade de trabalho e por tudo aquilo que são, espíritos impregnados de valores, umas verdadeiras “almas de eleição”, como diria o meu Pai. Aos meus Netos queridos, pelos momentos mágicos que temos em conjunto, pelos jogos de futebol, cartas e iniciação cuidadosa na internet, leitura de livros, desenhos e colagens, campeonatos de “Beyblade” e brincadeiras com a “Hello Kitty”, pela partilha da vossa infância, que tão bem me sabe viver. Amo-vos muito.

Ao Amorim, o homem que escolhi bem novinha para meu marido, a quem prometi amar na saúde e na doença e a quem realmente amo profundamente. Agradeço-te toda a força anímica que me tens dado ao longo da vida, todas as vezes em que me fazes cumprir o

meu papel nesta vida terrena e a razão de a viver, o que me ensinas com a tua sabedoria e inteligência. Agradeço-te a força que me deste para me matricular neste Mestrado, algo que sabias que gostava mas que achava inimaginável que acontecesse. Agradeço-te a energia que me transmitiste nos momentos de trabalho mais apertado e a paciência que sempre tiveste para esperar quando estava a acabar de trabalhar uma ideia, além da grande ajuda que me deste na elaboração dos gráficos e transcrições dos dados. Bem sabes quanto te admiro. És um herói, Amorim, do Ultramar e acima de tudo da Vida, da tua e nossa Vida. Sorte a minha que a tenho vivido ao teu lado. Por tudo o que tu és e porque te amo. Que a nossa vida continue a ser uma dádiva constante, para continuarmos a sentir a “arte mágica” que nos ajuda a combater e a superar o menos bom e a valorizar enormemente o que de muito bom nos acontece.

Para o conseguirmos, agradeço a todos a grande ajuda que têm dado, aos que nomeei e a tantos outros que se têm cruzado na nossa vida.

Retribuo-vos ternamente, reconhecendo a vossa dádiva.

E assim se inicia ou se dá continuidade a uma cadeia de dádiva em dádiva.



## **Resumo**

Neste estudo, pretende-se analisar a importância da dádiva ou do “dom”, conforme a denominação dada por Marcel Mauss, na relação pedagógica e avaliar a sua pertinência, ou não, no quotidiano da prática pedagógica, entre pares, na relação entre professor e aluno e vice-versa, bem como com a restante comunidade educativa.

Procurou analisar-se a sua pertinência no contexto escolar da comunidade da Escola Básica de Chouselas/ Agrupamento D. Pedro I, em Vila Nova de Gaia e perceber as repercussões que projeta nos vários atores envolvidos.

A avaliação foi composta por dois métodos complementares (um instrumento e uma técnica de recolha de informação): o inquérito por questionário passado aos docentes dos vários graus de ensino para se perceber a existência da dádiva na sua prática pedagógica e, em caso afirmativo, apreender os efeitos sentidos; a técnica qualitativa consistiu na realização de um “*focus group*” com um conjunto de alunos do 4º ano do Ensino Básico que teve por objetivo perceber qual a atitude dos alunos perante o professor de quem gostam e como lhe retribuem ou demonstram gratidão, assim como a sua reação quando a relação com o professor não é a mais desejável.

De uma forma sintética, poderemos afirmar, perante os dados recolhidos que a existência da dádiva é sentida e considerada importante no relacionamento interpessoal e pedagógico, conduzindo a um efeito contagiante, construindo, assim, uma cadeia de dádivas sucessivas, propiciadoras da assunção de uma autêntica arte mágica na relação pedagógica.

Por último, concluiu-se quão importante é a relação baseada na dádiva no estar e (con)viver com as pessoas, portanto numa área humanamente rica como é a da Pedagogia Social.

### **Palavra-Chave:**

Dádiva, dom, gratuidade, educação, pedagogia social.

## Abstract

The objective of this study is to analyse the importance of the “gift”, according to Marcel Mauss denomination, in the pedagogical relationships, and to evaluate its relevance in the daily relationships at school: among peers, between teacher and student, as also with the entire educational community.

The assessment of its pertinence, and the repercussions on the different actors involved, was focused on the educational context of the community of the Elementary School of Chouselas/“*Agrupamento*” D. Pedro I, at Vila Nova de Gaia.

This analysis was composed of two complementary methodologies (a tool and a technique for collecting information): following a questionnaire survey addressed to the different teaching levels, aiming to identify the presence of gift in the pedagogical practice and, in the positive cases, to understand the effects; and the other method, the qualitative technique, was based on the organization of a focus group with students from the 4<sup>th</sup> grade of the elementary level with the objective of interpreting their attitude to a teacher they like, and how they return and show gratitude, as also their reaction when the relationship with a teacher is not the most desirable.

From the analysis of the data collected it can be concluded that the existence of gift is perceived and considered important in the interpersonal and pedagogical relationships, leading to a contagious effect that builds a chain of consecutive gifts, which makes possible the assumption of an authentic magic art in the pedagogical relation.

At last, it was demonstrated how important it is to lay the foundations of the relationships between people in the gift, especially in an area so humanly rich as the Social Pedagogy.

**Keywords:** Gift, gratuitousness, education, social pedagogy.

## ÍNDICE

Agradecimentos.....	iv
Resumo.....	ix
Abstract.....	x
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	xiii
ÍNDICE DE TABELAS .....	xiii
SIGLÁRIO .....	xiv
Introdução.....	1

### **PARTE I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS**

CAPÍTULO 1. A DÁDIVA HODIERNA.....	3
1.1. O “dom” ou a dádiva: de Mauss aos autores contemporâneos.....	3
1.2. O dom na atualidade: utopia ou ainda realidade?.....	11
CAPÍTULO 2. A DÁDIVA NA EDUCAÇÃO.....	13
2.1. Valor do afeto, valor do laço .....	16
2.2. Gratuitidade da Dádiva.....	18
2.3. A Dádiva nos bastidores da relação pedagógica .....	22
CAPÍTULO 3. PEDAGOGIA ESCOLAR E PEDAGOGIA SOCIAL: PROXIMIDADE E INTERLIGAÇÃO.....	27
CAPÍTULO 4. DÁDIVA, UM VALOR INERENTE À PEDAGOGIA SOCIAL.....	32

## **PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO DO TEMA**

CAPÍTULO 4. PROBLEMA DE PARTIDA E AS QUESTÕES E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO .....	36
4.1. O Problema de Partida.....	36
4.2. Questões e objetivos da investigação .....	37
CAPITULO 5. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CAMPO .....	38
CAPITULO 6. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO .....	40
6.1. A Análise Documental.....	40
6.2. Recolha da informação e construção da amostra .....	42
6.2.1. “Focus group” .....	42
6.2.2. O inquérito por questionário.....	44

## **PARTE III: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

CAPITULO 7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	51
7.1. Do “focus group” ao inquérito por questionário .....	52
7.2. Interpretação dos dados do inquérito por questionário passado aos professores	55
7.3. Conclusões dos objetivos de investigação formulados.....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>88</b>
ANEXO I: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISTRIBUIÇÃO DOS INQUÉRITOS .....	92
ANEXO II: INQUÉRITO AOS ALUNOS .....	93

ANEXO III: INQUÉRITO AOS DOCENTES .....	94
ANEXO IV: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO “ <i>FOCUS GROUP</i> ” .....	97
ANEXO V: GUIÃO DO “ <i>FOCUS GROUP</i> ” .....	98
ANEXO VI: RESULTADOS DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO .....	100
ANEXO VII: TRANSCRIÇÃO DO FOCUS GROUP .....	135
ANEXO VIII: PROJETO “CIVISMO ALERTA” .....	155
ANEXO IX: GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	156

## **ÍNDICE DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Distribuição percentual do género dos inquiridos.....	56
Gráfico 2 - Distribuição percentual das características mais frequentes que os inquiridos sentem receber por parte dos alunos, dos outros professores e assistentes e dos encarregados de educação .....	56
Gráfico 3 - Panorâmica geral dos quadros anteriores.....	57

## **ÍNDICE DE TABELAS**

TABELA 1 - Quadro Teórico.....	47
--------------------------------	----

## **SIGLÁRIO**

**CERCI** - Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados

**FG** - "Focus Group"

**INQ** - Inquérito

**TEIP** - Território Educativo de Intervenção Prioritária

## Introdução

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.”

Assim escreveu Luís Vaz de Camões na primeira estrofe do seu poema “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” (1994:162). Palavras sempre atuais porque tudo no mundo se encontra em mutação. Cada pessoa, a viver no seu tempo, dirá que são alterações muito grandes, ao ponto de sentir que se mudam “as vontades, o ser, a confiança”.

Também nós, tal como os que sentiram e sentem a mudança, o afirmamos.

Na realidade, a sociedade tem sofrido alterações muito notórias. Sentem-se, por vezes, incertezas na exigência do cumprimento de algumas regras, ouvimos até perguntar se esta ou aquela cortesia ainda se usa... Há quem tenha receio de cair no ridículo ou de ser criticado ao dar o seu lugar a uma pessoa de mais idade ou até ao ensinar o filho ou neto a tirar o boné quando cumprimenta alguém. Estes são, porventura, valores educacionais que fizeram parte do quotidiano de gerações passadas, obedecidos natural e automaticamente, mas atualmente questionados.

Um *dar e receber* tradicionalmente aceites e cumpridos.

Obviamente que é saudável que os questionemos, porque felizmente vivemos em liberdade, mas que saibamos dar-lhes continuidade, quando se trata de valores que transmitem integridade, segurança e harmonia para, assim, o código de conduta cívica imperar na nossa sociedade, que se pretende seja humana, solidária, hospitaleira, educada.

Um mundo em mudança, mas “tomando sempre novas qualidades”.

O *dar* tradicional e o *dar* moderno: será que o primeiro se extinguiu e o segundo nem sequer existe? O que se alterou tanto para que nem se fale em “dom”? E até o termo “dádiva” seja dito quase de uma forma envergonhada?

Sentimos, ou não, a importância, cada vez mais notoriamente, da existência da dádiva e que cada um de nós necessita dela: dando, recebendo, retribuindo, utilizando a trilogia de Marcel Mauss.

Ao longo da vida, vamos percebendo como os nossos gestos e atitudes têm influência em cada um dos outros e como os seus têm influência em nós e assim sucessivamente. Essas dádivas e retorno de dádivas conseguirão, ou não, em cada um de nós como que uma “arte mágica” que irá influenciar o nosso comportamento e equilíbrio psíquico e emocional.

Esta percepção sentir-se-á, ou não, também no dia a dia profissional, junto das crianças e adultos. Na escola. Essa “arte mágica” provocada pela dádiva, na relação pedagógica, que modificará comportamentos e atitudes, conduzindo ao bem-estar do próprio e do outro.

Assim surgiu um grande interesse por este estudo, para se investigar e tentar escrever sobre aquilo que poderá ser sentido e vivido. Grande desafio, temos consciência disso!

Na parte I, explanamos o enquadramento teórico, com base nos vários autores que tão admiravelmente se têm debruçado sobre este assunto, culminando com a interligação de uma relação de Dádiva com a Pedagogia Social e o enriquecimento que esta simbiose trará para o desenvolvimento da Pedagogia Social em si e, principalmente, para cada um dos intervenientes, até porque essa é a razão de ser de qualquer das pedagogias. Muito mais o será para esta pedagogia porque social, na qual “o outro” tem sempre um pensamento e voz ativos, o “outro” é uma Pessoa.

Na parte II, procede-se ao estudo empírico, de acordo com o enquadramento teórico efetuado. Após apresentação do que se pretende estudar – o problema de partida, definimos as questões e respetivos objetivos da investigação, a metodologia de investigação utilizada – o método qualitativo, contextualizando o estudo de campo.

Na parte III, a da discussão dos resultados, apresentamos o plano de recolha de dados e sua interpretação, inferindo as respetivas conclusões. Finalmente tecem-se algumas considerações finais sobre o estudo e o seu contributo na área da Pedagogia Social.



## PARTE I: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

---

### CAPÍTULO 1. A DÁDIVA HODIERNA

#### 1.1. O “dom” ou a dádiva: de Mauss aos autores contemporâneos

A partir da obra de Mauss *Essai sur le don. Forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques* (1923-1924) poderemos ser levados a concluir que, na atualidade, a noção de “dom” poderá ser observada como fenômeno e resistir sob a forma de “troca”, com a obrigação de dar e receber presentes, sobretudo nas datas festivas; poderá surgir ainda sob a forma de serviço gratuito de alguém ou como uma prestação de complemento solidário de natureza estatal, bem como naquelas situações de solidariedade coletiva que tanto empolgam as pessoas e as move, desencadeando até uma movimentação tal que suscita admiração social, quer por parte de quem dá quer por parte de quem recebe.

Esta admiração sentida leva-nos a entender as interrogações legítimas de Godbout, quando questiona se “a visão do mundo ocidental permite pensar o dom” (1997:309).

Parece-nos ser este um bom ponto de partida para o estudo deste tema. Na realidade, num mundo em que o ser humano se preocupa tanto com a produção, o “ter”, a circulação de bens materiais, a racionalidade, o utilitarismo, poderá parecer utópico ou até ingênuo estudar-se algo que parece só ter existido numa sociedade tradicional ou arcaica.

Como experiência histórica, sentimos a dádiva como um relacionamento humano que caracterizou grande parte das articulações sociais em épocas que precederam a introdução da moeda. A difusão da moeda e, com elas, as trocas mercantis conduziram a que outros processos e dinâmicas sociais, especialmente o da dádiva, fossem substituídos pelo processo da compra e venda, implementando no coração da vida social uma atitude mais utilitária, prática e facilitadora das relações humanas, fazendo com que quem dá sinta que cumpriu o seu dever.

Hoje em dia, acentuamos esta dinâmica em rituais e ocasiões festivas, plenamente no Natal, com a troca de presentes, também na Páscoa, com os ramos oferecidos, nos

aniversários, com o dia do pai, o da mãe, atualmente até festejando o dia de S. Valentim, o que leva inúmeras pessoas a comprarem as suas “dádivas” nos supermercados e centros comerciais. E não obstante a vontade genuína de um *dar* gratuito e generoso estar presente, quando qualquer um de nós se apercebe, está a ter o mesmo comportamento utilitarista e pragmático que todos os outros, e, gastando, compactua na circulação e troca de bens materiais.

Godbout definiu estes comportamentos como fazendo parte da “circulação do dom na esfera doméstica” (1997:72), distinguindo-os em quatro patamares de análise no referido setor: o universo das trocas e apoios efetivos, os serviços prestados e ajudas do dia a dia realizados em cadeia, os dons de transmissão que interligam as gerações e os dons rituais, que são os presentes, mais ou menos excessivos.

O mesmo se passa com certas Organizações Não Governamentais, constituídas, pensamos, em prol do outro mas a viverem muito do trabalho dos voluntários, que frequentemente têm até de suportar as despesas para irem apoiar os que necessitam, em países longínquos, pondo em risco a sua própria vida. Indagamos: por que se formou essa organização se, por vezes, de “dar” pouco possui? E por que se organizaram grupos de pessoas de ajuda mútua, oficializando a sua instituição, quando, por vezes, se dá conta que os lucros são para partilhar entre os próprios promotores das atividades, como se de um ordenado se tratasse? Estes serão casos em que o altruísmo e a dádiva não existem. Poderão até ter nascido como associações baseadas num sistema de dom, mas rapidamente se transformaram e adotaram o sistema de mercado ou de dependência estatal, em organizações totalmente profissionais, com gestores preocupados com os lucros. Associações essas fundamentadas num sistema de “dom secundário”, conforme denominação de Caillé, “o dom que une pessoas ligadas umas às outras pela necessidade de realizar tarefas funcionais, por um lado, e o dom massificado, impessoal e anónimo, por outro” (2006:26).

O “dom secundário” baseia-se no sistema do “dom primário”, sendo este “o dom que sela a aliança entre as pessoas” (Caillé, 2006:26), regendo a sociabilidade primária, na qual se engloba tudo o que envolve a estrutura familiar, de amizade, de ambiente de trabalho, vizinhança ou outras expressões de relação de proximidade.

Obviamente que o mundo do dom arcaico, tão bem estudado por Marcel Mauss, desapareceu não sem deixar as suas marcas. Mauss questiona “qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa que se dá que faz com que o donatário a retribua” (2008:56)? Ao longo dos tempos, esse “dom” foi sendo modificado, quer pela especificidade do mundo atual, quer pela tipologia de relações estabelecida na sociabilidade secundária. De qualquer modo, a trilogia tão defendida por Mauss do “dar, receber, retribuir” continua a sentir-se bem na sociedade moderna e a ser a base de interação entre as pessoas.

Constata-se atualmente uma crescente preocupação relativamente a este tema da dádiva assim como em relação a outros valores, pela transformação social que se vive e que instaura um sentimento de fragilidade nas pessoas, pelas carências económicas sofridas nas famílias, conduzindo à procura de refúgio junto dos familiares, dos amigos, dos que estão mais próximos, depois de esgotado o auxílio dado pelo Estado. Como refere Godelier, “...face à amplitude dos problemas sociais e à incapacidade do mercado e do Estado em resolvê-los, a dádiva está em vias de voltar a ser uma condição objetiva, socialmente necessária, da reprodução da sociedade” (2000:267).

Estamos a vivenciar, porventura, momentos históricos em que uma determinada expressão de dádiva se destaca cada vez mais: a dádiva de “caridade”; os peditórios que são constantes e que se sucedem são disso manifestação. Esta não será certamente uma dádiva retributiva no sentido mercantil, porque a quem se dá, não retribuirá materialmente. Fá-lo-á de uma outra forma ou será sentido, por quem dá, de um outro modo. Será uma retribuição simbólica. Será uma dádiva de memória. Em todo o caso, pode significar um retrocesso histórico nas conquistas sociais e cívicas.

Vivemos numa sociedade individualista em que as pessoas estão separadas entre si, até dentro das próprias famílias; viveu-se, ou vive-se ainda motivado para ter e conseguir obter mais ainda do que o outro, o vizinho ou até o familiar. Conduzindo até a que as pessoas se afastem, “pisando-se” por vezes ou servindo-se umas das outras para obterem o desejado num pragmatismo que ultrapassa muitas vezes o eticamente tolerável.

O que daqui pode resultar é uma espécie de “embrulhada social”, onde se misturam relações tipicamente mercantis com outra mais de cariz afetivo; relações que tecem os vínculos da sociabilidade primária e secundária das pessoas bem no coração do mundo moderno; este tipo de sociabilidade que se constrói entre grupos acaba, invariavelmente, por invadir o mercado.

Reformulando a questão de Godbout atrás transcrita, perguntamo-nos se teremos ainda a ousadia de pensar sequer no “dom” ou na dádiva como razão e forma de estabelecer vínculos numa sociedade como a atual.

As relações humanas não podem ser encaradas como um meio, como uma mercadoria de troca. Numa ótica de humanização, será importante que cada um se interesse pelo outro, mas “desinteressadamente”, na família, nas relações de trabalho, na sociedade.

Acreditamos que as redes de afinidade criadas a partir da dinâmica e da lógica do dom constituem bases fundamentais para uma sociedade mais humanizada.

E criar laços. “O dom está ao serviço do laço, ele não é a totalidade do laço”, refere Godbout (1997:116). Muitas referências há sobre a importância do laço social, mas o mesmo não acontece sobre a do “dom”.

A maioria dos autores rejeita a gratuidade do “dom”, partilhando a ideia de Mauss relativamente à obrigação de retribuir nas relações de “dom”.

Essa “nova dádiva”, apesar de apoiada em raízes profundas das tradições antigas, apresenta traços que a distinguem daquelas outras dádivas articuladas nas sociedades “primitivas”.

Mas então o que será a dádiva? De um modo negativo, podemos defini-la como o valor de laço que circula entre as pessoas, que supõe geralmente mercantilização e que é realizada esperando sempre algo em troca, quase que obrigando a que tal aconteça. De um modo positivo, será tudo o que desencadear o laço pessoal ou social. Como escreve Godbout “qualifiquemos de dom toda a prestação de bens ou de serviços efetuada, sem garantia de retribuição, tendo em vista criar, alimentar ou restabelecer os laços sociais entre as pessoas” (1997:30).

Basta pensarmos na partilha entre a família, os amigos, os vizinhos.

Godelier refere que “o que fascinava Mauss eram as dádivas em que predominavam a rivalidade, a competição e o antagonismo” (2000:71), parecendo-lhe que o *potlatch*<sup>1</sup>, apresentado por Mauss, dos índios Kwakiutl e o dos seus vizinhos da costa noroeste da América do Norte, era um bom exemplo disso. Nesse *potlatch*, segundo Godelier, alguém dá para colocar o outro em dívida, tentando dar mais do que aquilo que se supõe que o outro possa retribuir ou, se o puder fazer, retribuir-se-á ainda com muito mais do que o recebido (*idem, ibidem*:71). Esta dinâmica de trocas permitia, assim, entrar num sistema sequencial de rivalidade e de competição constantes e sucessivas.

Como afirma também Godelier, “tal como nas dádivas e contradádivas não agonísticas<sup>2</sup>, a dádiva-*potlatch* endivida e obriga aquele que a recebe, mas o objetivo é explicitamente tornar difícil, se não mesmo impossível, o retorno de uma dádiva equivalente” (*idem, ibidem*:71).

Mauss também estudou o caso dos Polinésios, cujas pessoas estavam presentes nos contratos, consideradas “pessoas morais”, pertencentes a clãs, tribos, famílias. Estas, além de trocar riquezas, móveis, imóveis e coisas de utilidade, partilhavam acima de tudo festins, amabilidades, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas (2008:58). A este sistema apelidou-o de “*sistema das prestações totais*”. Esta troca de prestações ou contraprestações era realizada de forma voluntária, mas, de alguma forma, havia a sensação de que existia uma pressão para que fosse mais ou menos obrigatória, porque se não fosse feita, poderia originar uma guerra entre pessoas ou entre grupos. Nesse sentido, havia subjacente a esta prestação uma expectativa de contraprestação que devia ser correspondida: “Em determinados *potlatch*, deve gastar-se tudo quanto se tem

---

<sup>1</sup> Para Mauss “*potlatch*’ quer dizer essencialmente ‘alimentar’, ‘consumir’ (2008:59), quando nos remete para o exemplo de duas tribos do Noroeste americano que passavam o inverno em festas permanentes. Em todas estas manifestações festivas encontra o rito, a prestação jurídica e económica mas, imperava, por outro lado, a rivalidade e o antagonismo, podendo conduzir até à batalha e à morte dos chefes ou dos nobres. Esta prestação é “essencialmente usurária e sumptuária, e assiste-se, antes de mais, a uma luta dos nobres para assegurarem entre si uma hierarquia de que posteriormente aproveitará ao seu clã” (2008:59-60). Mauss propõe apelidar este género de instituição de “*potlatch*”, poder-se-ia, segundo o autor, chamar, sendo menos perigosa e mais precisa, de “*prestações totais de tipo agonístico*”.

<sup>2</sup> O termo “agonístico” deriva do grego “agonistiké”, significando “próprio da luta, do combate/ que gosta da luta, da discussão”, segundo o Dicionário Grego-Português, Isidro Pereira, S. J., Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.

e não guardar nada. É ver quem será o mais rico e também o mais louco gastador. O princípio do antagonismo e da rivalidade funda tudo” (*idem, ibidem*:110).

Segundo Mauss “o *potlatch*, a distribuição de bens é o ato fundamental do reconhecimento militar, jurídico, económico, religioso, em todos os sentidos da palavra. ‘Reconhece-se’ o chefe ou o seu filho e fica-se-lhe ‘reconhecido’” (*ibidem*:114).

Mauss analisou bem e observou, nesta competição desenfreada no interior dos clãs e entre chefes, o desejo de transmissão de um título, de um cargo, a vontade de conquistar, ou de adquirir um novo, conduzindo inclusive à destruição de pessoas, bens e de muita riqueza. Como refere, “nalguns casos, nem sequer se trata de dar e de retribuir, mas de destruir, a fim de nem sequer se querer parecer desejar que se retribua. (...) queimam-se as casas e milhares de mantas (...) para ‘rebaixar o rival’ . Não só nos fazemos assim progredir nós mesmos, como também se faz progredir a respetiva família na escala social” (*ibidem*:110).

Segundo Godelier, “Mauss viu muito bem é que, uma vez desencadeada a lógica do *potlatch*, depois de acionado um sistema de dádivas e contradádivas não agonísticas e tendo ele integrado a maioria dos grupos que compõem uma sociedade, nada parece detê-lo” (2000:86). Esta é uma ideia bastante importante a reter neste estudo, a de uma verdadeira força motriz sentida a partir de uma cadeia de dádivas, gerando como que uma arte mágica sentida e “espiralmente” transmitida.

Godelier (2000) analisou assim o mecanismo das dádivas e contradádivas estudadas por Mauss, que as considerou como ponto de partida para perceber o *potlatch*, concluindo:

- a coisa ou a pessoa dada não é alienada. Alguém ou alguma coisa é dada, mas não é cedida a propriedade.
- por essa razão, a dádiva acarreta uma dívida, não conseguindo a contradádiva equivalente anulá-la.
- dádiva e contradádiva supõem um estado de endividamento e dependência para ambos: “dar é, portanto, partilhar endividando ou, o que significa o mesmo, endividar partilhando.” (*ibidem*:62)

- a dádiva, nestas sociedades, além de servir para partilhar e distribuir os bens, servia também para interligar os grupos ou clãs, de modo a que a descendência fosse assegurada.

- assegurando a troca e reprodução entre as pessoas e coisas, nesta dinâmica de dádiva e contradádiva, os recursos materiais acabavam por se encontrar relativamente repartidos dentro da sociedade.

Godelier concluiu que “Mauss foi o primeiro a realçar a importância da dádiva, das trocas de dádivas no funcionamento das sociedades humanas, antigas ou modernas, ocidentais ou não. Foi o primeiro a distinguir duas espécies de dádivas, as dádivas e as contradádivas antagonistas, que batizou, sem com isso ficar inteiramente satisfeito, com o termo ‘potlatch’” (*ibidem*:189-190).

Godbout refere as hesitações e incertezas de Marcel Mauss, apresentando, sem receio, a hipótese de que “o dom não diz respeito apenas às sociedades arcaicas” (1997:29) e, se é realmente perdurável, tem também de iluminar o presente e o futuro.

Percebido o “dom” como um ciclo, tal como o apresentou Mauss, e não como um ato isolado, a trilogia do “dar, receber, retribuir” surge como se o “receber” fosse a expectativa primeira do indivíduo. Deste modo, o “dar” e o “retribuir” tornam-se incompreensíveis, segundo Godbout.

O referido autor, indo mais de encontro à teoria apresentada por Lévi-Strauss, defende não a existência concreta de dádiva na sociedade, mas sim os seus efeitos sobre a mesma, apresentando na sua obra problemas modernos ligados ao egoísmo, à violência, ao altruísmo, à democracia e às políticas públicas.

Godbout segue o estudo de Marcel Mauss, inovando-o e modernizando-o. Ambos partem do conceito da “troca” existente na dádiva, Mauss interligando-a com as sociedades primitivas, Godbout tornando-a mais universalizante, remetendo-nos para a reciprocidade inerente a um sistema de “troca” entre seres sociais e não no sistema mercantil. Quando se recebe, estabelece-se uma relação de dívida social, conduzindo à inter-relação humana e social. Estabelecem-se laços humanos. As pessoas tentam seduzir, cativar, tornar o outro único. Contudo, na sua opinião, esta manifestação está “em vias de rarefação. Porque o tempo falta, e cativar leva tempo” (1997:30). Por isso, e

cada vez mais, a expressão deste sistema de ‘troca’ circunscreve-se, contemporaneamente, às prendas compradas – é mais fácil e prático. Mas se as comprarmos, pensando a quem se destina e cuidarmos dessa compra, sentindo que é para alguém realmente único, a dádiva é na verdade sentida.

Godbout propôs-se continuar o “empreendimento de Mauss a partir do ponto onde ele se deteve: às portas da modernidade” (*ibidem*:35). Refuta a ideia da dádiva como exclusivamente assente em relações de interesse e poder. A seu ver, a dádiva não pode ser imposta nem negociada, como tal não pode ser entendida como um sistema de direitos, como acontece na segurança social ou no Estado.

Godbout questiona Mauss pelo facto de este, apesar de reconhecer a importância do dom na sociedade moderna, ter considerado, na sociedade ocidental, o dom como forma de redistribuição estatal, sendo a segurança social de algum modo a continuação moderna do dom arcaico, e o imposto o substituto natural do dom. Godbout apresenta inclusivamente o exemplo da pergunta típica do cidadão que, quando interpelado por um organismo estatal ou perante a necessidade de se justificar socialmente, responde: “não acha que já dou o suficiente através dos meus impostos?” (*ibidem*:74).

Tal como Godbout nos faz recordar (*ibidem*:82), antes da profissionalização da vida quotidiana, o altruísmo era uma constante nos funcionários do setor público. Nessa altura, o voluntariado era uma situação ideal e todos se regiam pelo mesmo código de conduta, até os assalariados. A partir do momento em que surgiu o profissionalismo, o voluntariado deixou de ser considerado competente e até a ser desvalorizado.

Esta situação, nos últimos anos, tem sofrido alteração porque há muitas pessoas aposentadas felizmente em muito boas condições físicas e que naturalmente não querem sentir-se “inúteis”, como tal apoiam as várias organizações que obviamente as recebem de braços abertos. Por outro lado, estamos a assistir atualmente ao “voluntariado forçado” constituído pelos jovens e menos jovens desempregados e que, a troco do ganho de tempo de experiência, trabalham gratuitamente.



## **1.2. O dom na atualidade: utopia ou ainda realidade?**

Temos a percepção de que as famílias, há alguns anos atrás, se apoiavam mais no seu seio: os mais velhos cuidavam dos mais novos e, mais tarde, os mais novos cuidavam dos mais velhos. A dádiva era intergeracional, continuada entre pessoas próximas, familiares, amigos, simultaneamente consequência e testemunho desse relacionamento que os unia, impondo-se-lhes natural e automaticamente obrigações recíprocas, expressas respetivamente em dádivas e contradádivas. Nessa medida, “o que marcava e continua a marcar a dádiva entre próximos, não é a ausência de obrigações, é a ausência de ‘cálculo’” (Godelier, 2000:14).

Atualmente, por uma questão de (des)organização de tempo ou falta dele, egoísmo e/ou pouca confiança no apoio exclusivamente doméstico, procuram-se redes de suporte nos organismos institucionais estatais ou privados. Nos tempos áureos do Estado-providência, este tentou chamar a si todo esse trabalho, desvalorizando o voluntariado, tentando negar a realidade do “dom” e a importância das redes sociais e comunitárias de apoio. Com a crise a evidenciar-se cada vez mais, os voluntários e as associações regressam às luzes da ribalta, com toda a força, requisitados por todos e o Estado será o primeiro a fazê-lo.

E sendo os prestadores de serviços pagos, pelo Estado ou por outrem, prestarão os seus cuidados a outrem numa lógica do “dom”? Fazem-no unicamente para receberem o salário a que têm direito, no final do mês? Fazem-no estendendo o seu horário de trabalho, aguardando o pagamento de horas extraordinárias?

Felizmente que “mesmo que os serviços sejam prestados no quadro de um direito dos cidadãos por funcionários remunerados para esse fim, muitos desses funcionários acabam por acrescentar o dom a esse direito” (Godbout, 1997:82).

Mas por outro lado, num tom de desabafo e desânimo reveladores de que a expectativa na retribuição não é correspondida, ouvem-se essas pessoas dizer “para quê? Afinal é esta a resposta que dão...” após uma ou outra atitude menos agradável de quem usufruiu do serviço prestado. No âmbito escolar, quase diariamente, ouve-se um professor a emitir este desabafo. O que se passa na nossa sociedade? Por que se reclama tanto o direito e se esquece o dever?

Godelier afirma que “dar é instituir simultaneamente uma dupla relação entre quem dá e quem recebe. Uma relação de solidariedade, visto que quem dá partilha o que tem, mesmo aquilo que é, com quem dá, e uma relação de *superioridade*, já que aquele que recebe a dádiva e a aceita fica em dívida para com quem a recebeu” (2000:21). Parece-nos que há anos atrás a relação com o professor, quer dos alunos quer das famílias, seria vista deste modo, por vezes excessivamente até. Atualmente, o excesso de exigências é situado do lado totalmente oposto e ouve-se “não é para isso que o teu professor lá está? Ele ganha para isso mesmo, para te ensinar e educar”. O professor, analisado por uma sociedade utilitarista e mercantil, é recompensado deste modo.

Sabemos que o facto de oferecer não pode nem deve pressupor esperar retorno pela doação inicial. Mas não esperar retorno não significa não ter nenhuma expectativa “como se a ação não tivesse motivação e objetivo, ação sem porquê (sem *weil*) nem porquê (sem um *zu*)” (Caillé, 2006:31).

Caillé remete-nos para uma questão fundamental que é a de se saber de que conceito mínimo de dom nós necessitamos e que tipo de relações o dom mantém ou deveria manter com os conceitos de interesse e “desinteressamento” (*ibidem*:29).

José Luís Gonçalves, numa das suas reflexões sobre palavras escritas por Caillé, refere que “se o dom puro não existe, o dom não é definível *sem* levar em conta o interesse, bem pelo contrário, afirma que o dom deve ser definido *contra* o interesse. Nenhum dom é dom-em-si, mas encontra-se sempre ligado, de forma ambivalente, a outra realidade que não ele próprio” (apontamentos cedidos pelo autor). Essa ambivalência é a razão de ser do dom, mas não poderá ser baseada no interesse. Se assim for, deixa de se poder chamar “dom”. Quem dá gratuitamente, fá-lo desinteressadamente. A isso chama-se dom ou dádiva.

No mesmo sentido, o referido autor refere que “há que interrogar em que medida numa sociedade fragmentada, *líquida* (Bauman), *tornada não social* (...), *de risco* (U. Beck), onde predomina a *racionalidade instrumental* e sistémica em detrimento da dimensão simbólica (Escola de Frankfurt), a pergunta pelos destinatários da doação não será a questão chave, muito antes da da (im)pureza do dom...” (apontamentos cedidos pelo autor).

Como reage quem recebe? Como se sente? Sentir-se-á simplesmente agradecido ou, na sociedade atual, corre para retribuir, de maneira a não ficar em dívida?

## **CAPÍTULO 2. A DÁDIVA NA EDUCAÇÃO**

Cada vez mais, na realidade, o indivíduo parece ser utilitarista e calculista. Aceita depois de perceber. Age não somente porque tem de obedecer, mas pretende saber por que tem que o fazer. Reage mais. Questiona. Reclama, por vezes, por questões infundadas, mas outras há em que a reclamação e até a indignação são justas e provocam a mudança. E se traz uma mudança benéfica, então bendita tomada de posição!

“Vivemos até aqui demoradamente. Mas a temporalidade demorou desde os tempos da ditadura: esta fazia dos portugueses seres adiados; hoje, em democracia, numa sociedade normalizada, à superfície das coisas, o presente eterno que foi o nosso já esconde mal as mutações que se vão operando, o adiamento transformou-se em espera, a espera em ansiedade e a ansiedade aspira cada vez mais ao real” (Gil, 2005:44).

Há que lutar por esse real, então.

Certamente “há que procurar uma nova chave para ler o mundo e uma nova grelha de leitura da modernidade” (Godbout, 1997:10). Não podemos ficar agarrados a um passado e aos valores preconizados então. Temos de olhar os rostos, observá-los, comunicar com cada um deles. Temos de os ouvir.

A partir do momento que fazemos parte de uma sociedade somos todos convidados a tornarmo-nos atores sociais, cada um de nós detentor de um “*ethos*” que é o nosso e que é exigível que seja respeitado. Somos “individualidades” de uma sociedade. Todos somos “individualidades”, no sentido de “personalidades importantes” e singulares.

Necessitamos uns dos outros, quer queiramos quer não. Segundo Isabel Baptista, “as pessoas – todas as pessoas – são seres únicos, misteriosamente em trânsito e em desenvolvimento e, nessa condição, partilhando ‘o mesmo barco’ na aventura de ser mais, melhor, diferente” (2008a:20).

Nesta subjetivação contínua do ser, cada um vai construindo a sua própria identidade, aquela que poderá um dia ser narrada numa história de vida. Todas, temos a certeza, são importantes para serem narradas, porque únicas e diferentes. A nossa história de vida pertence a cada um de nós, tal como a identidade e a própria vida, numa atitude permanente de auto-eco-re-organização, como lhe chamam Pineau e Le Grand (1993:64).

E como “quem conta um conto, acrescenta um ponto”, poderá até promover o autoconhecimento e até uma mais específica definição da sua identidade moral. Escrevermo-nos, conduz a conhecermo-nos.

A dependência e interligação entre cada um de nós e o meio envolvente, um verdadeiro “entre-dois invisível”, expressão utilizada também por Pineau e Le Grand (*ibidem*:64) fazem-nos sentir que a construção da identidade é feita no quotidiano de cada um de nós, enquanto atores sociais. Vivemos e revivemos cada momento, construímo-nos e apoiamos a construção daqueles que conosco “habitam”, numa relação contínua de dádiva, numa autêntica “trilogia do dom ritual – dar, receber, retribuir”, conforme definição de Marcel Mauss.

E os que “habitam” conosco e nós com eles numa “casa” grande, à qual chamamos Escola? Como sentem e sentimos esse “dar, receber, retribuir”?

Numa partilha constante, no diálogo, na cooperação, na busca e encontro permanente de razões, na capacidade de escutar o outro e de o levar a que ele nos escute: uma autêntica arte.

Baseada em todos estes valores, a relação pedagógica passaria também a ser uma dádiva quotidiana e constante, porque naturalmente exercida e aceite: uma magia sentida até.

Godelier não deixa de nos lembrar que “ao idealizar-se, a dádiva ‘sem cálculo’ funciona no imaginário como o último refúgio de uma solidariedade, de uma generosidade na partilha que teria caracterizado outras épocas da evolução da humanidade. A dádiva torna-se portadora de uma utopia (uma utopia que tanto pode projetar-se no passado como no futuro)” (2000:266).

Pensou-se, por exemplo, na democracia como portadora da igualdade, justiça e verdade em tudo e todos, incluindo na política e na economia. Depressa detetámos que não passava de uma utopia que não se realizou, pelo contrário, verifica-se que o fosso entre pessoas e os grupos sociais entre si é cada vez maior.

Nestes contextos de desigualdade e de ilusão frustrada, dão-se as fraturas sociais. Executam-se os tratamentos, com os meios que cada um vai conseguindo, alguns com muito esforço e depois de bater a muitas portas, porque o Estado se desresponsabiliza, a pouco e pouco, do apoio social, da saúde, da educação.

É neste contexto que nenhum de nós pretendia viver, em que a dádiva generosa, a dádiva sem retorno, vai sendo cada vez mais solicitada, para resolver e colmatar os problemas sociais. Para tratar as fraturas.

As fraturas que são e serão crescentemente sentidas nas escolas, por pessoas muitas vezes desabitadas da vivência e da transmissão de valores que façam sentido, em que o valor do “ter” calcava ou ainda pisa quase sempre o do “ser”. Será que, mediante a necessidade provocada pela alteração de vida económico-social, essas mesmas pessoas irão continuar com a mesma postura? Porque vão ter de receber, seja de quem for, passarão a dar, não o material porque dificilmente o terão, mas sim qualquer valor, por exemplo, aquele que permite construir o valor do laço?

Pretendemos, neste estudo, aprofundar a noção e a importância da dádiva na relação pedagógica em contexto escolar e indagar se o “dom” ritualizado no tríptico “dar, receber, retribuir” permite estabelecer um laço fundado na gratuidade que facilite o processo de aprendizagem e a relação pessoal, humanizando os seus intervenientes.

Tornar-se-á uma arte mágica, sentida pelos intervenientes e auto-eco-retribuída.

“Quanto mais a troca é igual, mais nos aborrecemos. O dom assegura a sobrevivência do tempo, desequilibrando a oferta e a contrapartida”, opina Raymond citado por Godbout (1997:241). O “dom” faz com que não esqueçamos os traços de ligação anteriores, ao contrário do mercado, o qual é presente e imediato: compra-se, paga-se, usa-se ou até se esquece. No mercado, poderá recordar-se só o laço entre as coisas.

Na dinâmica do “dom”, recorda-se o laço não entre as coisas mas entre as pessoas, ou se há objetos, eles são transportadores dos laços tidos ou mantidos com as pessoas. Por essa razão, guardamos com tanto carinho pequenos ou à partida insignificantes objetos que nos recordam pessoas afetivamente ligadas ou momentos com elas vividos.

Godelier conclui “mas tanto ao nível do todo como das suas partes (famílias, clãs e mesmo castas ou classes), dois princípios contrários devem ser sempre combinados: trocar e guardar, trocar para guardar, guardar para transmitir. É necessário que em toda a sociedade, a par das coisas que circulam, que se movem, haja pontos fixos, pontos de estabilidade, para as relações pessoais e as identidades coletivas e individuais, são eles que permitem a troca e lhe fixam os limites” (2000:201).

## **2.1. Valor do afeto, valor do laço**

O “dom”, a dádiva constituem-se em valores que geram afetos e criam laços. Ao circular, os laços enriquecem-se e transformam as pessoas, conduzindo a uma dinâmica de afetuosidade, de proximidade. Transformam as pessoas, que por sua vez, sentindo essa magia, as conduz a uma postura menos rígida e naturalmente afastada de qualquer tipo de mercantilismo, interesse ou cálculo na relação que estabelecem. O “dom” entra assim numa cadeia, sentindo-se as pessoas beneficiadas e representando elas próprias “uma argola” desse encadeado, que as interliga no presente e num futuro. Daí o facto de referirmos que o “dom” cria laços entre as pessoas.

Godbout (1997:35) distingue os vários laços: os da esfera do mercado, da esfera do Estado e os da esfera doméstica<sup>3</sup>. O referido autor, a propósito destas três esferas, cita Hirshchman (*ibidem*:35) que distinguiu três conceitos “*exit, voice and loyalty*”: na esfera do mercado a hipótese de sair (“*exit*”) de uma relação é muito facilitada, na esfera política é regida essencialmente pelo debate (“*voice*”) e na esfera doméstica pressupõe-se que a lealdade (“*loyalty*”) seja a base de qualquer relação no seio familiar, nas relações privadas ou interpessoais.

Seja qual for a esfera, o interesse, o carácter e a honra de cada um de nós, estamos sempre a ser postos à prova, através das atitudes que tomamos. E aí se nota a diferença entre as pessoas: na sua atitude consigo próprias e para com os outros.

---

<sup>3</sup> Nota de rodapé de Godbout (*ibidem*:35): “ou, se assim se preferir, a ‘sociabilidade primária’”.

Assim entendida, “a relação intersubjetiva surge como um lugar antropológico”, como afirma Isabel Baptista (2009:16), como que uma dinâmica relacional que instaura o princípio da identidade pela relação, obrigando as pessoas a saírem de si, a preocuparem-se com o outro, não numa lógica simples de reconhecimento, mas sim de se *dar* ao outro, de “ser outro para outro” (*idem, ibidem:16*). Acima de tudo, preocupando-se com o outro, identificando o outro como alguém importante na sua vida. Quando essa relação acontece, o outro sente-se bem e denota-o. Dá-se, assim, uma “eleição intersubjetiva”, conforme denominação dada pela referida autora.

Tal como afirma Amartya Sen “o sentimento de identidade pode exercer uma influência muito significativa – e bastante complexa – sobre o comportamento, facilmente contrariando uma conduta egoísta do indivíduo” (2007:52). E segundo esse mesmo autor “se o sentimento de identidade conduz ao sucesso do grupo e, através disso, à melhoria do indivíduo, então os modos comportamentais sensíveis à identidade poderão acabar por ser multiplicados e fomentados” (*ibidem:52*).

Esta multiplicação e fomento é o tal encadeado da relação humana, já anteriormente referido, resultando numa verdadeira “arte mágica”.

Nesta sociedade cada vez mais provocadora, o que obviamente acarreta os seus benefícios pois não pretenderíamos seres iguais, calados, desumanizados, somos muitas vezes confrontados com situações em que somos obrigados a escolher porque nos são mostrados vários caminhos.

Amartya Sen afirma “no mundo contemporâneo, verifica-se uma forte necessidade de fazer perguntas, não só sobre a economia e a política da globalização, mas também sobre os valores, a ética e o sentimento de pertença que moldam a nossa conceção do mundo global.” (*ibidem:237*).

Somos quotidianamente postos à prova, questionados sobre certos valores que causam admiração nos outros. Ao ponto de até nós próprios nos interrogarmos sobre a sua atualidade e pertinência.

Como refere Isabel Baptista “o que é feito da ‘palavra de honra’ e da confiança atestada na franqueza de um aperto de mão ou através de um sorriso cúmplice?” (2009:21)

A este propósito, lembramos uma conversa tida com um avô de um dos nossos pequeninos alunos e que afirmava “digo sempre ao meu neto que quando se cumprimenta alguém, se olha nos olhos dessa pessoa... assim é que é um cumprimento verdadeiro!” Citando de novo Isabel Baptista “ainda haverá lugar no nosso quotidiano para os gestos de genuíno bem-querer, para o encontro franco e desinteressado, vivido com saboroso desprendimento?” (*ibidem*:21)

Sentimos o peso da nossa responsabilidade neste mundo atual. Se muitos de nós defendermos estes valores, temos uma responsabilidade acrescida.

E é fomentando e multiplicando os afetos, os nossos laços que vamos ajudando a construir uma sociedade de valores, não tendo a pretensão de que todos os defendam, mas lutando para que muitos os questionem e os sigam, quando sentem interiormente essa necessidade. Até porque “a identidade global pode ser exercida sem eliminar as nossas outras lealdades” (Amartya Sen, 2007:237). Essas nossas outras lealdades são importantes que existam e que as sigamos, enquanto seres individuais, autónomos e acima de tudo livres.

Precisamos de compreender o mundo.

Evocando Alçada Baptista, num dos seus diálogos intensos e maravilhosos “só é preciso compreender o mundo. Tudo o que quero já cá está: a serenidade, a ternura, os muitos caminhos do afeto, as coisas que a gente pode fazer com uma simples entoação de voz” (1999:150).

## **2.2. Gratuitidade da Dádiva**

O valor do laço é diferente do valor da troca e do valor do uso. O valor do laço é gratuito. É a essa gratuitidade que nos referimos como arte mágica. Sente-se, mas não se compra. Tem-se e transmite-se. Dá-se e transforma-se, moldando-se a cada um, a quem dá e a quem recebe.

Para Mauss, o *hau* é o espírito da coisa que circula. Poderá ser essa gratuitidade, essa arte mágica. Godbout afirma que “o valor do laço é o valor simbólico que se prende com o dom, que está ligado àquilo que circula sob a forma de dom” (1997:247).



E o que circula não sob a forma de dom, o que circula sem gratuidade? O que é certamente mais vulgar na sociedade atual.

Numa grande parte dos laços sociais atuais, não estão isolados estes dois gestos: o ato de *dar* e o ato de *receber*?

Lembramos algumas expressões e palavras de uso corrente que poderão evidenciar essa realidade, adaptando algumas sugeridas por Godbout (*ibidem*:242).

- Reconhecimento – este vocábulo representa um duplo significado: o reconhecimento de quem recebe, do outro para si e o reconhecimento de quem dá, como prova de reconhecimento a um outro. Implica um duplo movimento, tal como todas as palavras no sistema do “dom”. A sociedade mercantil, por sua vez, reduz esta palavra a um significado único: a do “reconhecimento de uma dívida”.
- Hospitalidade – esta palavra é também possuidora de ambiguidade: significa “receber” alguém em sua casa, mas igualmente “dar” hospitalidade, “dar” uma refeição. Até dizemos, habitualmente, “vou receber para jantar...”, sabendo nós que estamos a “receber” para “dar”, sendo omitida a palavra “dar”.
- Devo-lhe muito – esta expressão exprime que se recebeu muito de alguém e que se lhe fica eternamente grato, não num contexto económico, mas sim no de gratidão, no de laços sociais. A palavra dívida foi recuperada no sistema mercantil, sendo utilizada num só sentido e totalmente diferente do significado da conotação dada à expressão “devo-lhe muito”.
- Obrigado/obrigada – quando recebemos e agradecemos, fazemo-lo prometendo a retribuição, a troca, sentindo-nos “obrigados” a retribuir. Não será esta uma expressão mercantilista? Assim será, parece-nos, se o valor for material. E se o valor for afetivo, se for um valor de laço?
- Emprestar – “em latim ‘praestare’, é em primeiro lugar pôr gratuitamente à disposição sem expectativa de retribuição” (Benveniste citado por Godbout, *ibidem*:243). Ainda hoje, utilizamos do mesmo modo e com o mesmo sentido a palavra “emprestar”.
- Valor – vocábulo tão rico e que também pode ser analisado de diferentes modos: o do valor financeiro (montante em dinheiro), o do valor material das jóias, mas

também sentimental e o valor de um ser humano, que é tudo aquilo que há de bom e deveria fazer parte de qualquer um de nós, se a sociedade fosse justa, equitativa, honrada, enfim “rica em valores”.

A propósito deste último conceito, há um valor que o “dom” possui: o de permitir estabelecer laço com alguém. E é esse que transforma os protagonistas, enriquecendo-os, numa perspectiva dos valores.

Na Bíblia, na Carta aos Romanos (5, 16) podemos ler “e não é com a obra de um só pecador que o dom se comporta, pois o julgamento, que deriva de um só ato, reverte em condenação, enquanto o dom gratuito, partindo de muitas faltas, reverte em justificação”.

Como refere Godbout “o dom contém sempre um além, um suplemento, qualquer coisa mais, que a gratuitidade tenta nomear” (1997:245).

O mesmo autor refere-se aos três conceitos “dom, gratuitidade, generosidade”, que estando correlacionados se emaranham e se interligam uns aos outros. A gratuitidade simboliza a unilateralidade do “dom”, sendo, portanto, um termo totalmente estranho e paradoxal ao sistema mercantil, utilitário. Assim como a generosidade está presente no sistema do “dom”, retribuindo-se por vezes mais do que aquilo que se recebe.

Por essa razão e segundo Benveniste, citado por Godbout, existe uma ambivalência no “dom gratuito”. Gratuitidade tem origem no termo latino *gratia*, que deriva de *gratus* (grato, agradecido), aplicando-se às duas partes: “aquele que acolhe com favor” e “aquele que é acolhido com favor, que é agradável” (*ibidem*:248).

Benveniste faz também alusão ao “valor recíproco”, evoluindo assim para o sentido religioso da graça.

Usava-se até a expressão “qual é a sua graça?” para perguntar o nome a uma pessoa, porque, entre os católicos, o batismo significava e, ainda significa, receber a graça de Deus e, portanto, associava-se o nome à graça recebida.

A este propósito, seguindo o raciocínio de Caillé (2006), a resposta estudada pelas grandes religiões e sobretudo pelo cristianismo, pode conduzir-nos a algumas dúvidas:

por um lado, buscam a “pacificação do dom agonístico”, do “dom” entre pares, quase obrigando a que se tome por modelo o “dom” unilateral, vertical, o de Deus aos homens. Por outro lado, tentam “dilatam tendenciosamente ao infinito, as fronteiras do próximo e do distante, do aliado e do inimigo, do irmão e do estrangeiro, criando uma comunidade cada vez maior” (*ibidem*:51). Na realidade, o processo religioso consegue um desenvolvimento de comunidade e solidariedade, mas pode também contribuir para uma separação do homem consigo próprio e com os outros, ao exigir-lhe a imitação dos deuses, a obrigação de *dar*. Esta é também uma das posições radicais de Derrida (*ibidem*:53), que nos obriga de novo a pensar:

- Se o dom realmente existe.
- Se existe: onde, como e quando o identificamos?
- Que benefícios nos traz a descoberta da sua existência?

Dando ainda continuidade ao raciocínio sobre a “graça”, partimos do princípio de que por parte do ser humano, o que é recebido graciosamente dá lugar ao reconhecimento. O prazer de *dar* conduz à noção de *gratuidade*.

Segundo Benveniste, a noção de gratuidade remete-nos para vários sentidos:

- No sistema mercantil, o que é gratuito, é conseguido a preço zero. Significa, portanto, não ter valor de troca. É obtido a troco de nada. É conseguido “de graça”.
- Gratuito significa também não possuir valor de uso, aquilo que se faz “para nada”, que se faz “gratuitamente”.
- Gratuitamente pode querer dizer que se proferiu “sem racionalidade”, não fundamentando, não comprovando.
- Para quem dá, gratuito significa dar de livre vontade, portanto sem esperar retribuição. Esta postura é muitas vezes criticada por ser uma “mentira social”.
- Finalmente, gratuito, conserva o seu toque de graça, de graciosidade, sendo generoso quem dá e ficando agradecido (do latim “*gratus* – o que agrada ou reconhece um agrado”) quem recebe (Godbout, 1997:248).

Citando Caillé, “P. Bourdieu aparece como aquele que diz que o único objetivo intrinsecamente desejável é o da gratuidade, mas que este objetivo é inacessível porque é de facto impossível escapar do universo do cálculo” (2006:44).

Será, então, a gratuidade uma utopia? Será ingenuidade acreditar nela?

Por sua vez, também Caillé cita Boltanski, que “admite que existe um além do cálculo, e que este não é apenas possível como real” (*ibidem*:44).

Perante as várias posições, sentimo-nos com mais vontade de aprofundar as várias teorias, de modo a podermos reportá-las à nossa realidade, à sociedade atual.

Provocantemente Derrida insiste “ainda que todas as antropologias, até as metafísicas do dom, tenham, *a justo título* e com razão, tratado em conjunto, como um sistema, o dom e a dívida, o dom e o ciclo da restituição, o dom e o empréstimo, o dom e o crédito, o dom e o contra-dom, nós nos *separamos* aqui, de forma viva e cortante, desta tradição. Isto é, da própria tradição” (*ibidem*:46).

Tal como nos leva Caillé a concluir, Derrida pretende tirar a razão àqueles a quem ele próprio admite terem razão. Defende querer separar-se de tudo e de todos, até da tradição. Critica tanto o estudo de Mauss, mas não foi Mauss que deu o “pontapé de saída” para que Derrida e muitos outros estudassem sobre o assunto?

Não nos obriga a todos nós a refletir? A questionar?

Desiludidos pela posição tão radical de Derrida, somos levados a procurar “um consolo” nas palavras escritas por Caillé ao concluir que “é preciso então tentar libertar-nos da dualidade, propriamente moderna, do realismo cínico e do idealismo intransigente e esboçar os contornos de um conceito de dom mais modesto, mas muito mais acessível aos reles mortais” (*ibidem*:48).

### **2.3. A Dádiva nos bastidores da relação pedagógica**

E nós, os “reles mortais” seguimos o conselho, buscando o dom nos gestos simples do dia a dia, na gratuidade neles sentida, na arte mágica que daí advém, através do sentir,

facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável quer entre pares quer na relação aluno - professor e vice-versa.

Neste contexto, lembramos a objetividade e consistência dos “sete saberes para a educação do futuro” apresentados por Edgar Morin. Para qualquer educador, a sua pertinência é tal que seria fundamental que todos os conhecêssemos e seguíssemos.

São eles:

1. *“As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”* – necessidade de a educação transmitir o que é o conhecimento humano, havendo uma articulação entre a sociedade e o conhecimento. Isso conduzirá ao fortalecimento das pessoas, à sua lucidez. O ser humano necessita de conhecer o que é conhecer e só deste modo evoluirá pessoal e socialmente.

2. *“Os princípios de um conhecimento pertinente”* – é necessário fazer a integração dos saberes, reforçando a estratégia da metodologia, o que levará mais facilmente à apreensão das relações mútuas e influências recíprocas entre os objetos ou situações.

3. *“Ensinar a condição humana”* – necessidade de que cada um tome consciência da sua identidade complexa e da sua identidade comum com todos os outros seres humanos. Perceber a condição humana. Ser ensinada, estudá-la, para melhor nos percebermos como seres humanos individuais e sociais, entendendo assim a nossa unidade e diversidade.

4. *“Ensinar a identidade terrena”* – é indispensável ensinarmos que a natureza não é o palco humano, mas sim que temos de interagir com o ambiente. E sentimo-lo cada vez mais: é necessário aprender a identidade terrena, respeitando-a, porque somos seres planetários, coabitando um planeta que pretendemos saudável.

5. *“Afrontar as incertezas”* – temos de estar preparados para o inesperado, portanto há que ensinar os princípios de estratégia, para ser possível transpor os obstáculos, vencer os dissabores, dominar o risco. Por essa mesma razão, muitas vezes o conhecimento se produz ao mesmo tempo que a ação, à medida que o

inesperado vai surgindo. Tal como refere Morin “é necessário aprender a navegar num oceano de incertezas através de arquipélagos de certezas” (2002:19).

6. “*Ensinar a compreensão*” – é necessário educar para a compreensão. Para tal, há que fazer uma reforma de mentalidades. É urgente a educação da compreensão mútua entre os seres humanos, mais ou menos próximos. A sociedade mergulhou numa onda de incompreensão muito generalizada, contra a qual temos de lutar. No ensino, tem de se englobar a compreensão. Tem de se mostrar o quão importante ela é no dia a dia de qualquer cidadão que faz parte de uma sociedade, que se pretende justa e compreensiva. Morin propõe até a necessidade de ser feito um estudo sobre a incompreensão, suas causas e efeitos. Investigar bem as causas para melhor se compreender a vantagem de uma educação para a paz.

7. “*A ética do género humano*” – a educação tem de englobar a ética, uma “antropo-ética”, conforme refere Morin, pelo carácter ternário da condição humana: o ser humano é ao mesmo tempo indivíduo, parte de uma sociedade e parte de uma espécie. A ética assim transmitida fará perceber o verdadeiro papel do ser humano, o desenvolvimento das suas autonomias, das participações comunitárias e a tomada de consciência de pertencer à espécie humana. A partir dessa aprendizagem, parte-se para “as duas grandes finalidades ético-políticas deste milénio: estabelecer uma relação de controlo mútuo entre a sociedade e os indivíduos por meio da democracia e conceber a Humanidade como comunidade planetária” (*ibidem*:21). E Morin conclui, apelando à importância de o ensino dever contribuir para a “tomada de consciência da nossa Terra-Pátria”, conduzindo a uma vontade de realização de uma “cidadania terrena” (*ibidem*:16-21).

Se cada um de nós, pais ou educadores, for capaz de pensar nestes sete saberes, de os interiorizar para os praticar, saberemos educar no presente, visando uma sociedade futura mais humanizada, íntegra e compreensiva.

Saberemos como nos comportar, ética e humanamente, procurando sempre, como afirma Isabel Baptista “manter o equilíbrio entre a intencionalidade pedagógica e a necessidade de respeitar o espaço necessário à afirmação do outro enquanto outro” (2005:79-80).

E o que é isto, senão o espírito de dádiva?

Não será esta a base da relação pedagógica, assente numa relação de dádiva?

Se considerarmos e respeitarmos o outro com todas as suas fraquezas ou potencialidades, reveses ou conquistas, azares ou sortes, oriundo de uma família desestruturada ou de um ambiente equilibrado, franzino ou fortalecido, não será que o fazemos porque uma atitude de dádiva se encontra bem nos bastidores da nossa relação pedagógica?

E procuremos que esses outros, com quem lidamos diariamente, tenham “o acesso a todas as dádivas do universo”, citando Walt Whitman (2002:471)<sup>4</sup>, se essas dádivas vão gerar alegria.

Para tal, é necessário que todos estejamos preparados não só para receber as dádivas mas acima de tudo para as dar.

Citando Isabel Baptista “o misterioso laço apertado como presença solidária em resultado do acolhimento da eleição vinda de um rosto contém, a nosso ver, a essência de todo o ato pedagógico” (2009:18).

Esse “misterioso laço apertado” faz parte de qualquer relação de dádiva, portanto tem de fazer parte do ato pedagógico. Assim o processo de aprendizagem será facilitado e a aprendizagem para a vida será conseguida.

---

<sup>4</sup> Parece-nos importante transcrever o poema completo, pela sua beleza:

“AOS RICOS QUE DÃO

O que me dais aceito com alegria,

Um pouco de comida, uma cabana e um jardim, um pouco de dinheiro

logo que esteja na companhia dos meus poemas,

Um quarto de viajante e o pequeno-almoço quando ando pelos Estados

- por que havia eu de ficar envergonhado por declarar

tais dádivas? Por que havia eu de ficar envergonhado por dá-las a conhecer?

Porque eu próprio não sou como aquele que nada concede ao homem e à mulher,

Porque eu concedo a qualquer homem ou mulher o acesso a todas as dádivas do universo.”

Como refere Adalberto Dias de Carvalho, Kant coloca a educabilidade no centro das atenções, “fá-lo, contudo, não tanto para acentuar as carências do ser humano (...), mas para valorizar o potencial sentido antropológico do futuro que cumpre à educação realizar através do aprofundamento da liberdade de que o homem desfruta no espaço da sua não-determinação natural. Significa isto (...) que a humanidade deve progressivamente reconhecer-se como autor do seu próprio destino” (2000:150).

É importante que sejamos autores e “donos do nosso destino”, lembrando um poema de William Ernest Henley, retirado do filme “Invictus” de Clint Eastwood <sup>5</sup>.

Temos de contribuir para que quem nos rodeia e quem educamos ou ensinamos sejam “capitães da sua alma”, numa dinâmica de arte educativa e pedagógica baseada na dádiva de pequenos gestos, carinhos, palavras. Sentir-se-á como que uma magia nas pessoas envolvidas.

Referindo Isabel Baptista, “é através da atitude moral, através da linguagem da responsabilidade e do compromisso, que se honra o privilégio de ter sido eleito por alguém” (2009:19). Se temos o privilégio de termos sido eleitos, também o teremos para eleger, porque é uma honra “o outro” deixar que nos aproximemos. Será um “dar, receber, retribuir” na relação humana, baseado na gratuidade e, como tal, reconhecido.

Isabel Baptista afirma “do lado de quem elege, declarar algo como: ‘eu reconheço-te’, ‘eu sei quem tu és’, deverá ser o mesmo que dizer: ‘obrigada pela tua presença’, ‘aceito e confio na tua atitude, admiro o teu trabalho’, ‘aprecio e estimo a forma como trouxeste diferença à minha vida’” (*ibidem*: 19-20).

---

5

"Da noite que me cobre,  
negra como o poço, de poste a poste,  
agradeço a quaisquer deuses que possam existir,  
a minha alma inconquistável.  
Aprisionado pelas circunstâncias,  
não vacilei nem gritei alto.  
Sob o peso do destino,  
a minha cabeça está ferida mas erguida.  
Para lá deste lugar de ódio e lágrimas  
espreita o horror das trevas.  
E, contudo, a ameaça dos anos  
encontra-me e há de sempre encontrar-me  
sem medo.  
Não importa se a porta é estreita,  
se é duro o sofrimento  
pois eu sou o dono do meu destino.  
Sou o capitão da minha alma."



Esta postura espiritualmente humana e solidária proporcionará uma relação de proximidade e interligação em qualquer pedagogia.

### **CAPÍTULO 3. PEDAGOGIA ESCOLAR E PEDAGOGIA SOCIAL: PROXIMIDADE E INTERLIGAÇÃO**

Como refere Joaquim Azevedo, “a ação socioeducativa que se desenvolve na comunidade – a comunidade de aprendizagem – deveria assentar em princípios éticos e antropológicos, de tal modo que a sua conceção, planeamento e execução se guiassem por um conjunto de vetores principais: (i) reconhecer que cada pessoa é mais do que contextos e os epítetos que a classificam, é uma história e uma vida interior únicas e irrepetíveis, que só podem ser reveladas por e com cada pessoa (...)” (2007:11-12).

É importante que consideremos cada um das pessoas com quem lidamos no dia a dia como única e diferente de todas as outras. Seja pessoal ou profissionalmente. Temos consciência da importância dos nossos atos, enquanto educadores, partindo do princípio de que, tal como refere José Luís Gonçalves, “se a experiência pertence a todos, aprendemos na e com a vida, apenas necessitamos de consciencializar essa aprendizagem” (2009:43).

Essa aprendizagem recebida na família, na escola e fora dela é realizada a partir das mais variadas experiências, originando um enriquecimento humano e cultural diversificado. Um maior número de experiências conduz-nos a uma maior facilidade de compreensão, assim como nos facilitará o inter-relacionamento com os outros, os diferentes outros.

Como refere Augé, somos “nós” e os “diferentes outros”: o “outro exótico”, referente a um “nós”, talvez idêntico; o “outro dos outros”, o outro étnico ou cultural; o “outro social”, que leva a que sejamos diferentes e ainda o “outro íntimo”, no qual assenta toda a nossa individualidade (2005:20).

A necessidade da tal “promoção da humanidade em cada homem”, citando Isabel Baptista (2005:59). Há então que insistir na promoção de cada ser humano que cruza a nossa vida, enquanto pessoas educadoras.

À educação cabe um grande papel, dela depende o presente e o futuro de uma sociedade, cada vez mais globalizante, mas que se pretende mais humanizada. Muitos lutam por esse ideal, com paixão. Entregam-se diariamente a promover o bem-estar geral na sua escola, um espaço de todos e para todos. Construído a todo o momento por cada um de nós, crianças e adultos, relacionando-se numa atitude de disponibilidade, porque só assim se entende a educação. Numa atitude de dádiva. Porque a educação se faz em cada momento, nos mais pequenos e quase que insignificantes momentos, no começo e durante toda a vida, constituindo assim um “desenvolvimento permanente de cada pessoa”, como também refere Isabel Baptista (*ibidem*:60).

Só assim poderemos ter uma escola verdadeiramente escola, assente na educação e ensino permanentes, num clima alegre, de partilha de saberes e de jovialidade constante e renovadora, numa abertura para com as crianças e os adultos que conosco a coabitam, de modo a que todos entendamos a importância de nos fazermos ouvir, para aprendermos uns com os outros, “humildemente” (utilizando um dos valores tão apontados por Joaquim Azevedo).

Numa atitude contínua de partilha e cruzamento de valores, numa autêntica “cadeia de valores”. Assim conseguiremos um “cadeado” valoroso, resistente, partilhado, criando como que uma arte mágica, baseada na dádiva gratuita, simplesmente.

Só assim criaremos laços sociais, assentes numa relação comprometida, deixando espaço ao outro de se dar a conhecer, respeitando os seus ritmos e as suas dificuldades, aceitando-as.

“O que impele o sujeito para a dádiva é a presença interpelante de outrem que, interrompendo a mesmidade, permite que um sopro de Bem venha despertar a consciência para a bondade da vida e para a trama espiritual que anima o espírito dos lugares” (Isabel Baptista, 2008b:7).

Cada um terá o seu método, o seu modo de o conseguir. Todos teremos num dado momento um “outrem” ou seremos nós o “outrem” de alguém. Basta estarmos atentos, interromper a dinâmica fechada da “mesmidade” e deixarmos também que a nossa seja interrompida. O sopro do Bem sentir-se-á, despertando-nos.

Tal como Descartes há tantos anos nos aconselhou no *Discurso do Método*, “não é meu propósito deixar aqui o método que deve cada um seguir para bem guiar a sua razão, mas tão só fazer ver de que modo procurei guiar a minha” (s/d:53).

Como educadores, de que modo guiamos? Interpelamos o outro? Despertamo-lo? Interrompemos a nossa e a sua “mesmidade”?

Numa atitude diária de dar, receber, retribuir, numa dádiva constante de nós próprios, não com a intenção de receber, mas sim porque ao darmos-nos descobrimo-nos como pessoa, construimo-nos e somos felizes: é talvez uma arte.

Ao sentirmo-nos assim felizes, conseguimos transmitir natural e autenticamente toda essa postura alegre e otimista na vida e isso é contagiante, é mágico. Aos poucos, os outros com quem lidamos passam a ser menos sisudos, mais construtivos, mais alegres também, sendo intercetados pela tal “cadeia de valores”.

Assim conseguiremos dar um “sentido ao espaço”, expressão utilizada por Innerarity (2009:103). Segundo o referido autor “o espaço não é o recetáculo das nossas ações, mas o que surge entre nós mediante a nossa ação, de modo que cada sociedade produz o seu próprio tipo de espaço. Mais que atuar num espaço, os atores criam e desenvolvem um espaço quando atuam, em virtude do seu próprio movimento” (*ibidem*:103)

Acreditamos, muito veementemente e cada vez mais, que este espaço criado por todos nós atores que dele fazemos parte, a nossa escola, baseado num ambiente saudável poderá contribuir muito para o sucesso de todos.

Também a este propósito, e citando Isabel Baptista, “a verdadeira riqueza, ou identidade, dos lugares não está nas suas potencialidades materiais, mas sim na forma como são apropriados, percebidos, desfrutados, amados, e, sobretudo, partilhados. Na relação de partilha, as coisas do mundo transformam-se em conteúdos de interação e, dessa maneira, deixam de ser simplesmente coisas. Passando a beneficiar de luz antropológica, as coisas adquirem valor e sentido” (2008b:6-7).

Cabe a cada um de nós transformar esses espaços físicos em autênticos lugares de “luz antropológica” para que cada um e todos nos sintamos bem e consigamos transmitir aos

outros e a quem vem de fora essa paz interior, partilhada num espírito de dádiva gratuita, transformando-se numa autêntica arte mágica no dia a dia da escola.

“Uma cidade educadora e de aprendizagem permanente preocupa-se atentamente com a sua escola. Esta constitui o seu património moral, cultural e espiritual, sem o qual lhe será difícil reconstruir os caminhos para o progresso humano. Poucas outras instituições possuem a radicalidade social de vocação e projeto, que permite escolher a instituição educacional como um sócio nuclear de um novo projeto de cidade” (Roberto Carneiro, 2006:10).

Será importante que nós, os muitos atores implicados na dinâmica da escola, interna ou externamente, tenhamos consciência da corresponsabilidade que possuímos, visando a construção de uma eficaz “sociedade nuclear”, rumo à construção de uma nova cidade educadora.

Seria benéfico, por exemplo, podermos rentabilizar mais a permanente curiosidade das crianças, uma das suas naturais capacidades, que tão depressa é ceifada pela obrigatoriedade, disciplinarmente cumprida dos programas escolares, importantes sim, mas tantas vezes castradores da criatividade e vontade/capacidade de se exprimirem.

Conservamos ainda essa riqueza na educação pré-escolar, mas tendencialmente a ser questionada. Perdê-la-emos, se passar a ser escolarizada, programada e não só planificada e projetada, como ainda o é atualmente, passando a dar-se menos tempo à observação e ao tal tesouro, o da criatividade de cada criança, assim como ao próprio tempo que ainda nos deixa deambular, com intencionalidade educativa, na nossa prática diária.

Apesar de toda essa carga programática, cabe a todos nós educadores de qualquer grau de educação ou de ensino, uma grande missão, pois cada vez mais se reconhece, tal como afirma Isabel Baptista, na entrevista escrita por João Rita, “a Educação não é apenas um fator, mas o fator determinante no processo de desenvolvimento das pessoas e das comunidades” (1999:13).

Mauss recorda-nos a célebre Távola Redonda, na qual se poderiam sentar seiscentos e mais, como disse o carpinteiro ao Rei Artur. Nessa mesa deixou de haver o “lugar de honra” e as querelas deixaram de existir. “Por toda a parte onde Artur levou a sua

Távola, a sua companhia manteve-se alegre e invencível. É assim que ainda hoje se fazem as nações, fortes e ricas, felizes e boas” (2008:216). Por vezes, seria bom pensarmos e agirmos como Artur, pois são pormenores que transmitem a diferença.

São pequenas atitudes que conduzem à mudança.

E Mauss refere “os povos, as classes, as famílias, os indivíduos, poderão enriquecer, mas só serão felizes quando souberem sentar-se, tal como os cavaleiros, à volta da riqueza comum” e continua “é inútil ir procurar longe o bem e a felicidade, pois ele está ali, na paz imposta, no trabalho bem ritmado, comum e solitário alternativamente, na riqueza acumulada e depois redistribuída no respeito mútuo e na generosidade recíproca que a educação ensina” (*ibidem*:217).

Há que sensibilizar quem nos rodeia, os vários atores que fazem parte das comunidades escolar e educativa para o valor do caráter, tal como afirma Roberto Carneiro “a corrente designada por *Educação do Caráter*<sup>6</sup> sublinha a importância do património de valores duráveis de uma comunidade e a necessidade de a escola os transmitir e desenvolver no seio das gerações futuras que tem a seu cargo. Valores como a honestidade, a lealdade, o apego à democracia ou a solidariedade, são considerados alicerçantes de uma ordem social coesa e estável e, como tal, incontestáveis numa ordem educativa moderna (Roberto Carneiro, s/d:61).

Grandioso valor o da educação. Citando Adalberto Dias de Carvalho “a educação serve a construção de um homem definido pelo seu futuro: antecipa a humanidade futura – o que lhe confere sentido – porque o homem tem necessidade da educação para concretizar a sua liberdade e se instituir como ser moral” e conclui “daí que a educabilidade seja, de uma só vez, fundamento e garante do projeto antropológico e do projeto educativo” (2000:151).

Visando a junção dos dois projetos, o antropológico e o educativo no espaço público, surge a Pedagogia Social, porque qualquer ser humano tem necessidade de educação e direito a ela, como ser livre que é. Há que “criar civicamente”, adaptando a expressão de Isabel Baptista (2009:28).

---

<sup>6</sup> Escrito conforme o original.

Há que vestir o colete do “Civismo Alerta” (projeto da Unidade Educativa de Chouselas – anexo VII) e insistir no comportamento cívico de quem o veste e no dos outros.

Assim surgirá a Pedagogia Social como uma “pedagogia de alteridade”, citando de novo Isabel Baptista, porque será uma pedagogia preocupada com o outro, o outro que não teve acesso ao que deveria ter tido, mas não encontrou no seu caminho quem tivesse o “dom” do tempo, o “dom” de dar, o “dom” de educar, o “dom” de acarinhar. Não sentiu a dádiva.

#### **CAPÍTULO 4. DÁDIVA, UM VALOR INERENTE À PEDAGOGIA SOCIAL**

Numa perspetiva de Pedagogia Social, parece-nos que esta postura é muito sensata e necessária num mundo tão controverso como o atual, com problemas de vária ordem, no qual cada um de nós é cada vez mais chamado a ser “pedagogo social” na família, no espaço onde vive, onde trabalha, colocando muitas vezes os interesses dos outros acima dos seus, percebendo bem o rosto do outro, sabendo que ele é imprevisível, numa autêntica atitude de dádiva.

Deste modo, seremos verdadeiros artífices do laço social.

Nesta atitude contínua de mediação, algo será construído em comum, quer pessoal quer profissionalmente, originando uma auto e uma heteroconstrução. Esta relação intersubjectiva, criadora de laços, vai contribuir para a educabilidade da pessoa no ambiente social. Até mesmo para a da família, que tantas vezes sentimos que necessita de ajuda, fazendo-nos repensar o nosso “tempo doméstico” que, embora possa ser curto, tudo fazemos para que seja de qualidade!

Nesta sabedoria da ação humana que é a ética, somos levados a refletir sobre os princípios e os valores que nos norteiam e sobre a nossa postura e prática diárias. Numa relação comunicacional contínua, temos presente que podemos ajudar o outro, contribuindo para que se sinta bem e aprenda melhor. Criamos laços, porque estabelecemos permanentemente uma corrente de “estar presente” nos bons e maus momentos. Há uma atitude de reconhecimento, de gratidão, de ternura (vocábulo português tão grandioso e bonito).

Detentores de integridade, apercebemo-nos natural e sensitivamente da inclusão ou exclusão pessoal ou social. Revoltamo-nos se a exclusão impera, tudo fazemos para que os obstáculos sejam vencidos e todo o ser humano se sinta intimamente incluído, seja onde for. Sendo esta inclusão tão importante em todo o processo educativo, criemos dinâmicas intra e extraescolares para que a mesma aconteça.

E intra e extrafamiliares. Porque temos de zelar pela família, pelas famílias dos nossos alunos. Algumas desestruturadas, a precisarem muito do nosso apoio, do nosso “colo”, dos nossos ouvidos, mas também da nossa firmeza, do nosso profissionalismo docente.

Por vezes, basta “dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar. Ser espírito humano é isso” (Lévinas, 2007:81).

Assim se constroem os laços, assim se poderão construir espaços facilitadores de relação pedagógica assente na trilogia do dom ritual: dar, receber, retribuir.

Isto não se tem, constrói-se. Em comunidade. Uns com os outros, numa autêntica “pedagogia de alteridade”.

Como refere Isabel Baptista “a Pedagogia Social pode ser definida como uma ‘pedagogia de alteridade’, de acordo com a matriz ético-antropológica (...) ou seja como ‘pedagogia de sociabilidade humana’, a que é capaz de criar laços através da relação entre pessoas” (2009:28).

Na atualidade, é cada vez mais urgente uma pedagogia desta natureza, uma pedagogia social, numa alteridade sentida e autêntica, onde não haja lugar para a comiseração, mas sim para uma verdadeira (com)paixão. Esse sentimento levar-nos-á a estar atento, a atuar, a facilitar um pouco a vida daquele que está ao nosso lado e que ficou em más condições, a ajudar para mudar algo que pode ficar um pouco melhor.

Vivemos, infelizmente, momentos em que a Pedagogia Social é uma realidade necessária e urgente. Será certamente cada vez mais aplicável a citação de Isabel Baptista quando refere “a pedagogia social pode ser abordada como disciplina científica, como conhecimento profissional e como filosofia de ação” (*ibidem*:27). Na realidade os muitos estudos feitos e a serem realizados nesta área serão de toda a importância científica, para melhor procedermos profissionalmente na nossa prática

diária e na atitude a ter conosco próprios e para com os outros, visando a construção de uma sociedade menos desigual, onde os direitos humanos sejam uma realidade.

Segundo Serrano (2003) existem três dimensões importantes na construção da Pedagogia Social: epistemológica, tecnológica e profissionalizante.

A epistemológica, na medida em que é necessário perceber a educação social como dimensão educativa da sociedade e a praxis ou resposta educativa aos problemas sociais de carências, marginalidade e conflito.

A tecnológica, pois a pedagogia manifesta-se como ciência da educação social e como tecnologia socioeducativa.

A profissionalizante, porque a Pedagogia Social atravessa situações multidisciplinares, já que os problemas sociais são muito complexos. Relativamente aos “espaços” da Educação Social e da Pedagogia Social “não necessitam de procurar espaços, porque já estão neles, mas sim de tomar consciência da sua própria localização para assim ganhar um renovado sentido da sua ação e reflexão” (Ortega, cit. in Serrano, *ibidem*:58).

Em contexto escolar, estas três noções enunciadas por Glória Serrano parecem-nos muito evidentes. É pedido ao docente, cada vez mais, que estude não só para saber transmitir o que está transcrito nos manuais, mas também para que epistemológica, tecnológica e profissionalmente seja um pedagogo social.

Como refere Roberto Carneiro “à teia de relações entre atores numa sociedade e, sobretudo, ao conjunto de recursos sociais que ela gera – obrigações e expectativas –, tendo em vista a manutenção da sua coesão e a construção de bases de confiança entre os seus membros, chama-se hoje *capital social*” (s/d:64).

Na realidade, sentimos cada vez mais este apelo nas nossas escolas, pelo facto de a família estar mais ocupada ou até ausente, pelos problemas socioeconómicos notoriamente a avolumarem-se, pela inexistência de valores considerados outrora como básicos da educação e parecerem estar ultrapassados ou fora de moda, como já referimos. Não se pretende, de modo algum, defender a ideia de que a escola substitui a família, mas para que a família esteja objetivamente presente, a Pedagogia Social tem de contribuir, através de uma ação de mediação junto das famílias de muitos dos nossos



alunos, detetando problemas de uma forma muito subtil, dando-os a conhecer aos técnicos, para atempadamente todos podermos contribuir para o bem-estar da criança e da família.

Também segundo Glória Serrano (2003), as tendências teórico-práticas que fazem parte do devir histórico da Pedagogia Social são: a educabilidade ou função e capacidade educadora da sociedade e, por outro lado, a função socializadora da educação.

Damos conta, assim, da interligação e correlação cada vez mais prementes da educação com a socialização ou criação de laços sociais.

A escola e família necessitam de caminhar lado a lado, visando o bem-estar de todos.

“Família e Escola são as duas instâncias sociais que mais podem contribuir para a geração desse corpus crítico de capital social. Enquanto na primeira prevalecem as aprendizagens do coração, isto é baseadas no afeto e na cumplicidade, na segunda, têm lugar as aprendizagens da mente, que aliam cognição a estabilidade emocional. Uma e outra são indispensáveis ao proporcionado desenvolvimento da personalidade humana, ou seja, a uma educação integral da pessoa” (Roberto Carneiro, s/d:64).

A educação enfrenta sérias dificuldades na construção do projeto antropológico emaranhado no projeto educativo.

Kant, citado por Adalberto Dias de Carvalho, afirma “o homem deve desenvolver primeiro as suas disposições para o bem, a Providência não as colocou completamente acabadas; são simples disposições sem a marca própria da moralidade. Tornar-se melhor, cultivar-se, e se ele é mau, desenvolver nele a moralidade, eis o dever do homem. Ora, quando refletimos nisso maduramente, vê-se quanto tal é difícil. A educação é, pois, o maior e o mais difícil problema que pode ser proposto ao homem” (2000:153-154).

## PARTE II: ESTUDO EMPÍRICO DO TEMA

---

### CAPÍTULO 4. PROBLEMA DE PARTIDA E AS QUESTÕES E OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

#### 4.1. O Problema de Partida

Parafraseando de novo Luís Vaz de Camões acerca da ideia de todo o mundo ser composto de mudança, conforme se deu início a este estudo, no nosso percurso da investigação questionámos a existência da dádiva hoje, o seu cabimento nas relações pessoais e, certamente mais posto em causa, o seu lugar no espaço pedagógico.

Conforme os muitos e valorosos estudos atrás referidos, propomo-nos humildemente questionar a existência, nos dias de hoje, da dádiva na relação pedagógica.

Será que existe?

Há o cuidado de a ter para com o outro?

O outro tem-na para connosco?

Ele sente-a e nós sentimo-la? Ao senti-la temos pressa em retribuí-la para não ficarmos “em dívida”? Mauss refere “nesta vida à parte que é a nossa vida social, nós próprios não podemos «ficar em dívida», como se diz ainda entre nós. É preciso retribuir mais do que aquilo que se recebeu. A «roda» é sempre mais cara e maior” (2008:196).

Haverá como que um sentimento de vergonha em demonstrar e proclamar esse valor?

Será que o consideram antiquado?

Será que a sociedade se des-encantou da dádiva e resolveu tomar o caminho mais fácil, o do egoísmo? Citando Godelier (2000), “estamos, na verdade, numa sociedade cujo próprio funcionamento separa os indivíduos uns dos outros, isola-os até mesmo nas suas famílias, e só lhes dá esperanças opondo-os uns aos outros. Trata-se de uma sociedade que liberta, como nenhuma outra fez, todas as forças, as potencialidades que dormem no

indivíduo, mas que obriga também cada indivíduo a dessolidarizar-se dos outros, servindo-se deles” (*ibidem*:268).

Acreditando nas potencialidades do ser humano, as tais potencialidades que poderão estar adormecidas, como refere Godelier, procurámos perceber se a dádiva existe na realidade na relação pedagógica e, se existe, quais os efeitos que poderá ter na relação entre as pessoas – professores, alunos, comunidade educativa em geral.

Como refere Godbout “retribuir é dar, dar é receber e é retribuir, receber é dar; dar, receber, retribuir é, de cada vez, afirmar a indeterminação do mundo e o risco da existência, é, de cada vez, fazer existir a sociedade, toda a sociedade” (1997:314).

Será que “fazemos existir a sociedade”, a nossa sociedade, aquela com que lidamos no nosso quotidiano?

## **4.2. Questões e objetivos da investigação**

Face ao problema de investigação preconizado, pormenorizamos, de seguida, as questões e os objetivos de investigação, a saber:

1. Avaliar, na perspetiva dos seus intervenientes, se existem gestos e atitudes demonstrativas de um fenómeno próximo do espírito de dádiva entre os atores da Escola Básica de Chouselas/Agrupamento de Escolas D. Pedro I.
2. Se existir tal fenómeno, identificar o ciclo dar-receber-retribuir na relação pedagógica que estabelecem sobretudo professor/aluno e vice-versa.
3. Compreender em que medida as atitudes demonstrativas do espírito de dádiva contribuem para o equilíbrio pessoal e emocional de cada um na relação pedagógica.
4. Equacionar se existem gestos quotidianos de gratuidade e se estes são facilitadores da aprendizagem dos alunos e de reconhecimento de estima profissional dos docentes.
5. Compreender em que medida se sentem implicados os atores perante uma atitude de dádiva do outro. Haverá como que um efeito de contágio se alguém inicia um ciclo de dar-receber-retribuir? Um efeito em espiral? Sentir-se-á a tal “arte mágica”?

6. Avaliar a qualidade do laço social, construída pelo sistema de dádiva/dom, existente entre os sujeitos da comunidade escolar.

## **CAPITULO 5. CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO DE CAMPO**

A Escola Básica de Chouselas situa-se na Rua de Chouselas, na freguesia de Canidelo, em Vila Nova de Gaia. Encontra-se ladeada por moradias, prédios e ainda alguns espaços abertos com árvores, originando um ambiente agradável e aprazível.

É composta por dois edifícios: um edifício onde funciona o 1º ciclo do Ensino Básico, construção de tipologia P3, constituído por oito salas de aula e um outro que dispõe de duas salas de Educação Pré-escolar.

O edifício que recebe as turmas do 1º ciclo tem quatro salas no piso inferior e quatro no superior, com patamares entre elas. Num dos pisos superiores, no patamar entretanto fechado, encontra-se a Biblioteca, um espaço muito agradável e procurado por todos.

No patamar oposto, encontra-se a sala de Apoio Educativo, pois cerca de vinte e cinco alunos carecem de aulas de apoio educativo. Nos pisos inferiores, nos patamares também fechados, num deles é a sala de Educação Especial (frequentam, este ano, seis alunos com necessidades educativas especiais) e no outro o gabinete da Associação de Pais.

O edifício onde funciona o Jardim de Infância, além das duas salas de atividades e de um espaço comum entre as salas, área de expressão plástica e de outras atividades, tem um gabinete de reuniões.

Dispõe de um recreio circundante a todo o edifício e um parque infantil devidamente pavimentado e apetrechado.

Os dois edifícios, o do 1º ciclo e o do Jardim de Infância, têm cozinha e cantina.

A Unidade Educativa dispõe de um polidesportivo, equipamento muito apreciado por todos os alunos e comunidade educativa em geral.

Existem ainda duas salas modulares, perto do polidesportivo, de apoio às Atividades de Enriquecimento Curricular e parte do tempo do ATL (Atividades de tempo livre).

Além disso, possui muito poucas áreas cobertas, à exceção dos átrios de acesso às salas.

Quando chove, o polivalente e esses poucos espaços servem de recreio.

O espaço exterior descoberto é bastante grande e muito agradável, com arvoredo muito antigo e bonito; tem ainda uma área dedicada à horta pedagógica, roseiral e cantinho das ervas aromáticas. O restante destina-se ao recreio das crianças.

A Unidade Educativa é frequentada por duzentos e cinquenta e sete alunos: duas turmas da Educação Pré-escolar, uma turma de 1º ano, duas do 2º ano, três do 3º ano e três turmas do 4º ano.

Há assim onze docentes titulares de turma (duas Educadoras de Infância e nove Professores do 1º ciclo) uma Professora de Educação Especial, uma Professora de Apoio Educativo, cinco Professores das Atividades de Enriquecimento Curricular e uma Coordenadora de toda a Unidade Educativa, sem turma de Educação Pré-escolar atribuída devido ao elevado número de alunos.

Relativamente ao pessoal não docente, esta Unidade Educativa dispõe de três Assistentes Operacionais e uma Assistente Técnica a fazerem parte do quadro, além de mais quatro Funcionários ocupacionais, colocados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional. Possui duas Cozinheiras e respetivas Ajudantes para confeção das refeições destinadas ao elevado número de alunos e adultos servidos diariamente.

A Escola Básica de Chouselas é uma das várias escolas pertencentes ao Agrupamento de Escolas D. Pedro I, cuja sede é a Escola Básica de Canidelo, em Vila Nova de Gaia.

Pelo facto de, há alguns anos atrás, ser um Agrupamento com alunos muito problemáticos, oriundos de famílias desestruturadas, o Conselho Executivo de então propôs o Agrupamento para ser considerado Agrupamento TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária), o qual foi conseguido e continua a sê-lo.

Por essa razão a Unidade dispõe da colaboração de várias Técnicas que trabalham com a comunidade escolar de todo o Agrupamento: Técnica de Serviço Social, Educadora Social, Terapeutas da Fala. A Psicóloga fazia já parte do Agrupamento, antes de este ser considerado TEIP.

Além destas Técnicas, duas Psicólogas e uma Terapeuta da Fala da CERCI de Vila Nova de Gaia, trabalham com quatro dos nossos alunos com necessidades educativas especiais, uma vez por semana.

Para dois outros alunos portadores de deficiência, e também uma vez por semana, o Município de Vila Nova de Gaia disponibilizou um Professor de Psicomotricidade e uma Professora de Musicoterapia.

Conclui-se, assim, que os alunos são muito acompanhados, nesta escola que é pública.

A Associação de Pais tem um papel também muito importante neste contexto, colaborando o mais possível com a coordenação, restantes docentes e comunidade escolar em geral, visando um bom ambiente, de modo a que todos se sintam bem no seu local de trabalho ou de estudo.

Trata-se de uma Unidade Educativa que tenta transmitir exigência, alegria, educação e muita atenção à transmissão de valores.

Citando Isabel Baptista “separamos a relação pedagógica de outros tipos de encontro intersubjetivo, inscrevendo-a explicitamente num determinado quadro de valores – num projeto. Até porque, e como sabemos, esta capacidade de projeto, a capacidade de imprimir um rumo ao seu próprio processo de desenvolvimento constitui a grande marca distintiva do animal humano” (2005:84).

## **CAPITULO 6. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO**

### **6.1. A Análise Documental**

Ao longo da investigação, foi-nos possível consultar “documentos oficiais”, conforme o termo utilizado por Bogdan e Biklen “as escolas e outras organizações burocráticas têm a reputação de produzir uma profusão de comunicações escritas e ficheiros” (1994:180). Assim acontece na realidade e cada vez mais nas nossas escolas.

Mas há documentos que desde há muito se constroem e serão sempre importantes para que toda a comunidade educativa perceba o rumo e a direção que se pretende dar, de modo a que todos “remem para o mesmo lado” e não seja sentida instabilidade entre os

atores que fazem parte da comunidade escolar. Por essa razão, são construídos o Projeto Educativo de Agrupamento, o Regulamento Interno e o Projeto Curricular de Agrupamento, entre outros documentos.

Estes documentos oficiais servem para um melhor conhecimento do contexto, das necessidades dos alunos, meio socioeconómico das famílias, da região onde está inserida a Escola Básica de Chouselas, uma das Unidades Educativas do Agrupamento de Escolas D. Pedro I.

Conforme já referimos, trata-se de um Agrupamento TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária). É constituído por mais de dois mil e duzentos alunos.

Tem demonstrado ser um Agrupamento preocupado com o acesso de todos à educação, numa dinâmica de investimento o mais individualizado possível junto de cada um dos seus intervenientes, quer das crianças quer das famílias.

Por essa razão o Projeto Educativo é bem a amostra daquilo que se pretende, do trabalho a realizar e das estratégias a serem utilizadas para se conseguir obter essencialmente o sucesso pessoal e académico de cada um dos atores. Nele pode ler-se “exigimos o direito ao Sonho e por isso queremos reunir as condições que consideramos necessárias para intervir ao nível do trabalho de sala de aula – queremos, além do processo educativo, melhorar em particular o processo de ensino-aprendizagem, para que os alunos possam aprender mais e melhor” (2011:8).

O Regulamento Interno define as regras a cumprir, depois de devidamente construídas e analisadas pelos vários representantes da comunidade educativa, para assim termos um código de conduta pelo qual todos nos possamos reger.

O Projeto Curricular de Agrupamento inicia assim: “O Agrupamento de Escolas D. Pedro I de Canidelo funciona como um espaço organizacional de participação, com responsabilidades e competências definidas, aberto ao meio e atento ao mundo que o rodeia, consciente do seu papel na formação integral dos seus alunos.

Uma vez constituído o seu Projeto Educativo, resultado de um trabalho conjunto da comunidade escolar, urge constituir o Projeto Curricular de Agrupamento, que tenha em

conta a realidade socioeconómica e cultural do meio envolvente e reflita os valores, as preocupações e os interesses de todos.”

Parece-nos facilmente perceber, através destes dois parágrafos, as preocupações do Agrupamento, inserido numa comunidade que se pretende o mais possível em inter-relação com a escola e vice-versa.

O Plano Anual de Atividades dá-nos bem conta dessa pretensão de des-envolvimento junto das famílias. São muitas as atividades propostas junto da comunidade educativa, provocando o mais possível a interação dos vários intervenientes.<sup>7</sup>

## **6.2. Recolha da informação e construção da amostra**

### **6.2.1. “Focus group”**

No final do ano letivo 2010-2011 foram passados inquéritos (vd. anexo II) a dez alunos do 4º ano, portanto, com nove ou dez anos de idade, com o objetivo de perceber, através das suas respostas, a representação que têm das qualidades de um professor amigo, de como e se lhe demonstram a gratidão que sentem, o que sentem ou sentiriam se o professor não se interessasse por eles, se já tiveram algum professor de quem não gostassem e qual a sua atitude para com ele.

Teriam sido passados mais inquéritos a outro grupo de dez alunos, mas perante as respostas que surgiram neste primeiro grupo, concluímos que esta não era a melhor técnica de recolha de informação pretendida a utilizar neste estudo porque

- Os alunos não perceberam bem algumas perguntas.
- Não entenderam o significado da palavra “gratidão”, questionando-o, o que conduziu a uma troca de diálogos, levando à imitação de algumas respostas.

Perante estas dificuldades bem sentidas no momento e após a leitura das respostas, resolvemos alterar a estratégia a utilizar junto dos alunos, recorrendo à técnica dos “grupos de focagem” ou “*focus group*”.

Estávamos a tempo de alterar o método, era oportuno e certamente mais eficaz. Como referem Galego e Gomes (2005), o facto de se classificar um método como etnográfico, qualitativo, experimental, ou outro qualquer, não significa que, uma vez selecionado um

---

<sup>7</sup> Estes documentos podem ser consultados no site do Agrupamento D. Pedro I em <http://dpedro.net/>



tipo de abordagem, o investigador não possa afastar-se dos métodos normalmente subjacentes a esse estilo.

Pareceu-nos, então, que seria mais fácil obter e perceber, através das palavras e reações dos alunos, aquilo que se tentou em vão através do inquérito. Além de que, com crianças desta idade, a aplicação desta técnica consubstanciava uma estratégia que nos pareceu mais acessível, até porque conhecemos bem todos os alunos, permitindo um à-vontade facilitador de uma conversa agradável para as crianças. Demos conta da importância de que se “exige que o moderador/investigador tenha experiência na condução dos trabalhos com grupos e seja capaz de promover o debate, fazendo perguntas abertas e lançando desafios aos participantes” (*idem, ibidem*:181).

David Morgan, citado pelos referidos autores, afirma que “o *focus group* privilegia a observação e o registo de experiências e reações dos indivíduos participantes do grupo, que não seriam possíveis de captar por outros métodos, como, por exemplo, a observação participante, as entrevistas individuais ou questionários” (*ibidem*:177). Foi o que sentimos no momento em que os alunos preencheram os inquéritos e posteriormente ao ler as suas respostas. O método não podia, de modo algum, ser esse e, como já referimos, decidimos reestruturar a estratégia a utilizar, preparando o “*focus group*”, composto por elementos com características comuns, utilizando o critério da idade. Para tal, solicitámos aos professores das três turmas de 4º ano que disponibilizassem a presença de quatro alunos para fazerem parte do grupo de focagem, num total de doze alunos, solicitando-lhes que a seleção fosse aleatória mas congregadora de alunos das três turmas existentes na Unidade Educativa, informando previamente de todos os passos eticamente exigidos e que iriam ser tidos em conta. Como referem Galego e Gomes “deve-se assegurar o equilíbrio entre uniformidade e diversidade do grupo” (*ibidem*:180) e daí o critério utilizado.

Foi elaborado um guião do “*focus group*” (vd. anexo V) e pedida a autorização aos respetivos encarregados de educação (vd. anexo IV). A sala foi escolhida de acordo com a pouca disponibilidade de espaços físicos existentes na Unidade Educativa, mas tudo foi devidamente planificado e conseguido.

Como grande ajuda, tivemos a felicidade da presença amiga e profissional de uma observadora – secretária, que foi anotando cuidadosamente todas as reações manifestadas e sentidas nas crianças, os seus gestos e atitudes à medida que a conversa ia decorrendo. Além de todas estas preciosas anotações, toda a conversa ficou registada

em sistema áudio, para depois poder ser transcrita na totalidade. Todos estes registos encontram-se no anexo VII.

Galego e Gomes referem que “o focus group, comparado a outras técnicas e/ ou métodos, proporciona uma multiplicidade de visões e reações emocionais no contexto do grupo” (2005:177). E só com a colaboração e anotações devidamente efetuadas por uma observadora é que esta multiplicidade de visões e reações emocionais se consegue obter.

Na linha de pensamento de Bogdan e Biklen, “a tentativa de equilíbrio entre a participação e a observação pode também surgir como particularmente difícil” (1994:127), contudo, no nosso caso, esta situação não se verificou, devido não só ao conhecimento que a moderadora tem já do trabalho com as crianças, mas também à grande cumplicidade existente entre a moderadora e a observadora. Esses são fatores revestidos de elevada importância e que muito contribuíram para o sucesso da “conversa” com as crianças e que, mais tarde, os fez verbalizar que tinham gostado muito daquela “reunião especial, na qual puderam falar de assuntos tão importantes”.

### **6.2.2. O inquérito por questionário**

Se, por um lado, nos interessava perceber o sentir dos alunos quando percecionam ou não uma relação de dívida no seu dia a dia na escola, por outro lado, pretendíamos estudar o que pensam os docentes da existência da dívida e, no caso de admitirem a sua atualidade, o papel facilitador que esta poderá originar na relação pedagógica.

O inquérito foi construído tendo em conta que “há que atentar na seleção do tipo de questões, na sua formulação, apresentação, ensaio, distribuição e devolução dos questionários” (Bell, 2010:117).

Optou-se por distribuir pessoalmente os inquéritos (vd. anexo III) a todos os docentes da Escola Básica de Chouselas “há vantagens claras na entrega pessoal dos questionários aos indivíduos. Poderá explicar os objetivos do estudo” (*idem, ibidem*: 129-130). Solicitou-se também à Equipa Diretiva a entrega de mais alguns questionários a outros docentes, aleatoriamente, de modo a que abrangesse todos os níveis de educação e ensino: da educação pré-escolar ao 3º ciclo. Foram distribuídos um

total de cinquenta inquéritos, correspondendo a uma quarta parte do corpo docente do Agrupamento D. Pedro I.

Foram devolvidos trinta e cinco inquéritos respondidos. Obviamente que não foi solicitada uma segunda via pois os inquéritos foram recebidos sob total anonimato. Daí que segundo Moser e Kalton citados pela referida autora “a falta de resposta constitui um problema devido à probabilidade – repetidamente confirmada na prática – de as pessoas que não devolvem os questionários diferirem das que o fazem!” (*ibidem*:131).

Nesse momento do estudo, lembrámos o próprio estudo, pela atitude dos inquiridos, uma grande parte cuidando em responder prontamente ao solicitado, numa autêntica dinâmica de dádiva.

Citando Quivy e Campenhoudt, “o inquérito por questionário de perspectiva sociológica distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise de correlações que essas hipóteses sugerem” (1992:190).

Utilizando estes métodos, tentaremos descobrir a existência da dádiva e o seu papel na relação pedagógica. Vários foram os inquiridos que, ao ser-lhes apresentado o tema em estudo, se mostraram surpreendidos, denotando alguma admiração pelo objeto de estudo, pela palavra “dádiva” que julgavam estar arrumada no canto de uma gaveta, bem lá no fundo.

O comportamento humano é importante sempre, sendo um fator de grande notoriedade num tipo de estudo como este. Bogdan e Biklen (1994) afirmam “o objetivo dos investigadores qualitativos é o de melhor compreender o comportamento e experiências humanas” (*ibidem*:70).

De facto, pareceu-nos ser o método mais adequado a utilizar, visto tratar-se de uma investigação na qual o comportamento, as atitudes, os gestos, as experiências de cada um têm um valor dominante.

Tentaremos “compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem esses mesmos significados” (*idem*, *ibidem*:70).

Com base na fundamentação teórica explanada na parte I deste estudo, nomearam-se as categorias, partindo da definição do tema central da investigação e das leituras convergentes, identificámos as categorias teóricas e definimos os instrumentos para a pesquisa do que pretendemos estudar (Maria Marly de Oliveira, 2007:97).

Baseando-nos nessas categorias, foram formuladas as questões, sendo elaborado um conjunto de perguntas que iriam fazer parte dos dois questionários já referidos, um a ser preenchido pelos alunos e outro pelos docentes. Posteriormente, optou-se pela realização de um “*focus-group*” junto dos alunos, pela razão que já apontámos.

Para uma melhor organização e sistematização do estudo, optou-se pela construção de uma tabela (vd. tabela 1). As categorias definidas são:

- Dádiva/Dom
- Princípios da Ação Pedagógica

Estas categorias conduziram-nos à descoberta das dimensões, as quais distinguimos de acordo com os objetivos que se pretende investigar:

A - Caraterísticas do sistema de Dádiva/Dom

B – Formas de manifestação e circulação de Dádiva/Dom

C – Reconhecimento da perfectibilidade do ser humano

D – Crença na educabilidade

E – Dom/Dádiva na relação pedagógica.

**Tabela 1 - Quadro Teórico**

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Inquéritos / “Focus Group”	
			Objetivos	Questões
<b>DÁDIVA / DOM</b>	A – Caraterísticas do sistema de Dádiva/Dom	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Unilateralidade/gratuidade</li> <li>- Dom primário: sela a aliança entre as pessoas</li> <li>- Criação de redes de afinidade a partir do dom</li> <li>- Desencadear do laço social a partir de uma relação de dádiva</li> <li>- Estabelecimento de uma relação de dívida social, quando se recebe, conduzindo à inter-relação humana e social</li> <li>- Desenvolvimento de relações sociais a partir do interesse e do “desinteressamento”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o ciclo dar-receber-retribuir na relação interpessoal.</li> <li>• Conhecer as atitudes demonstrativas do espírito de dádiva, na Escola Básica de Chouselas/Agrupamento de Escolas D. Pedro I.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• No seu dia a dia, que tipo de atitudes sente receber e considera importantes:               <ul style="list-style-type: none"> <li>a) Da parte dos alunos</li> <li>b) Dos outros professores e assistentes</li> <li>c) Dos encarregados de educação</li> <li>a) Considera essas atitudes importantes para si? Porquê?</li> <li>b) Sente que as têm desinteressadamente?</li> <li>c) E tem o cuidado de as ter para com os outros?</li> <li>d) E fá-lo desinteressadamente?</li> <li>e) Gosta de dar? A quem, especialmente?</li> <li>f) Sente a existência de um relação de dádiva, no seu dia a dia profissional? Se sim, em que termos?</li> <li>g) Costuma retribuir, isto é, dar a alguém que lhe deu? Se sim, o quê?</li> <li>h) Sente que, a partir dessa dádiva, poderá criar-se um laço afetivo?</li> </ul> </li> </ul>

	<p>B – Formas de manifestação e circulação de Dádiva/ Dom</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Prestação de serviços e ajudas do dia a dia, realizados em cadeia</li> <li>- Interligação de gerações criada a partir da transmissão de dons</li> <li>- Estabelecimento de trocas e apoios efetivos</li> <li>- Presença de dons rituais (presentes mais ou menos excessivos)</li> <li>- Interação entre as pessoas, baseada no dar, receber, retribuir</li> <li>- Sensação de uma força motriz, a partir de uma cadeia de dádivas, gerando como que uma “arte mágica” sentida e “espiralmente” transmitida.</li> <li>- Execução de trabalho para além do horário laboral remunerado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar características fundamentais no relacionamento interpessoal.</li> <li>• Identificar valores presentes nesse relacionamento</li> <li>• Perceber a importância desse relacionamento no equilíbrio pessoal e emocional de cada um.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na sua opinião, o que é necessário para que duas pessoas se relacionem bem? Para que criem laços afetivos?</li> <li>• Que sentimentos experimenta quando estabelece esse tipo de relação?</li> <li>• Alguma vez experimentou gratidão por alguém que trabalha consigo nesta Escola/ Agrupamento? Como lhe demonstrou? Numa única ocasião ou em várias?</li> <li>• Sente a existência de um relação de dádiva, no seu dia a dia profissional? Se sim, em que termos?</li> <li>• O seu relacionamento com os seus colegas extravasa os domínios da escola? Sente necessidade de estar ou falar com eles, fora da escola?</li> </ul>
--	---	---	---	--

<b>PRINCÍPIOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA</b>	<p>C – Reconhecimento da perfectibilidade do ser humano</p>	<p>- O ser humano como “individualidade” de uma sociedade</p> <p>- Construção da sua identidade, que será narrada numa história de vida.</p> <p>- Construção da identidade feita no quotidiano de cada um de nós</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a consciência da intencionalidade do ato educativo, equilibrando-o com a necessidade de respeitar o outro, na sua plenitude.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sente a importância que tem na formação individual de cada um dos seus alunos, como pessoas?</li> </ul>
	<p>D – Crença na educabilidade</p>	<p>- Crença na educabilidade das pessoas</p> <p>- Preservação no ser</p> <p>- Acolhimento da interpelação da alteridade</p> <p>- Visão positiva da alteridade</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber a capacidade de acolhimento relativamente ao outro, por mais diferente e “difícil” que este seja.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Existem alunos, para si, “não educáveis”?</li> <li>• Já alguma vez desanimou totalmente perante as capacidades de um seu aluno? Baixou os braços e deixou de trabalhar, honestamente, com ele?</li> </ul>
	<p>E – Dom/Dádiva na relação pedagógica</p>	<p>- Partilha constante, diálogo, cooperação, busca e encontro permanente de razões, capacidade de escutar o outro e de o levar a que ele nos escute: uma autêntica arte</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar o ciclo dar-receber-retribuir na relação pedagógica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na sua relação pedagógica, sente-se motivado por um espírito de dádiva? Ou preocupa-se unicamente em cumprir o programa e estabelecer com os alunos uma relação que não passe da de professor/aluno e vice-versa?</li> </ul>

		<p>- Valor da integridade</p> <p>- Estabelecimento de uma dinâmica de dádiva facilitadora do processo de aprendizagem e da relação pessoal, humanizando os seus intervenientes</p> <p>- Transformação das pessoas através de um valor que o dom possui: o do laço</p> <p>- Presença de gestos simples do dia a dia, na gratuidade neles sentida, na arte mágica que daí advém, através do sentir, facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer as atitudes demonstrativas do espírito de dádiva, na relação professor/aluno e aluno/professor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Se se enquadra dentro da 1ª hipótese, sente que os alunos percebem essa sua relação, motivada por um espírito de dádiva? Através de que manifestações?</li> <li>• Que valores manifesta uma relação pedagógica, baseada num espírito de dádiva?</li> <li>• Que características adquire uma relação pedagógica motivada pela dádiva?</li> <li>• Que efeitos tem essa relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno?</li> <li>• Que efeitos tem uma relação de dádiva sobre a realização profissional do docentes?</li> <li>• Que limites experimentam, professores e alunos, numa relação pedagógica baseada na dádiva?</li> <li>• Que efeitos produz, na comunidade educativa, uma relação professor/aluno, baseada num espírito de dádiva?</li> </ul> <p>Alunos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentes que os teus professores são teus amigos? Como o sentes?</li> <li>• Se sim, de que forma demonstras a gratidão para com os professores?</li> <li>• O que sentirias se os professores não demonstrassem interesse por ti?</li> <li>• Já tiveste algum professor de quem não gostaste? Se sim, que reações sentiste? E qual a tua atitude para com esse professor?</li> </ul>
--	--	---	--	---



## PARTE III: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

---

### CAPITULO 7. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Citando Robert Bogdan e Sari Biklen “chega-se a um ponto em que se tem dados suficientes para realizar aquilo que nos propusemos, e a explicação do porquê permanece vazia. É essa altura de dizer adeus e de passar para a análise dos dados” (1994:201). É neste ponto que estamos, com muitos dados obtidos, propomo-nos passar à sua análise.

Com base no quadro de referência teórico anteriormente apresentado, definido a partir das categorias teóricas de Dádiva/Dom e Princípios da Ação Pedagógica, e a recolha de dados empíricos obtidos a partir dos inquéritos por questionário, procedeu-se à sua sistematização. Da recolha de informação de todas as respostas obtidas, foram efetuadas as inferências, relativamente a cada uma das questões (vd. anexo VI).

Daí partimos para a elaboração de uma grelha para uma mais fácil e organizada análise de conteúdo (vd anexo IX), através da inserção das respostas que nos pareceram ir ao encontro de cada um dos indicadores referentes às várias dimensões. Como referem Quivy e Campenhoudt “o lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade” (1992:224-225).

Foi exatamente esse o sentimento tido, como tal a análise de conteúdo foi constituindo uma compreensão da procura da resposta às questões de partida, assim como uma mais fácil sistematização dos dados.

Como referem Bogdan e Biklen “a análise de dados envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.” (1994:205).

Pretende-se que o rigor e a capacidade de transmissão sejam uma realidade neste estudo, dada a profundidade que sentimos que o tema possui. Como afirmam Quivy e

Campanhouts “melhor do que qualquer outro método de trabalho, a análise de conteúdo (ou pelo menos, algumas das suas variantes) permite, quando incide sobre um material rico e penetrante, satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva, que nem sempre são facilmente conciliáveis” (1992:225).

### **7.1. Do “*focus group*” ao inquérito por questionário**

Tal como já referido, foi de uma forma muito simples e natural que se realizou o “*focus group*”, baseando-nos na referência de Bogdan e Biklen “os investigadores qualitativos tentam interagir com os seus sujeitos de forma natural, não intrusiva e não ameaçadora.” (1994:68).

Através da “conversa” tida com os alunos, fomos apercebendo daquilo que seria importante entender da parte dos professores, através do inquérito por questionário.

Na primeira questão formulada aos alunos “você sentem que os professores são vossos amigos?” os alunos responderam “em coro e sorridentes que sim”, conforme anotou a observadora, acrescentando um dos alunos “isso é óbvio” (Aluno nº 12/ FG/ página 135).

Surge-nos assim a primeira questão e que nos parece muito importante: “e como percebem os professores essas atitudes e de que modo as retribuem?”

Os alunos consideram que os professores são amigos porque exigem o melhor para eles, exigem “n” coisas (Aluno nº 1/ FG/ página 136), recebem dos professores a ajuda para trabalhar e para perceber, corrigem os erros, “querem trabalhar connosco” (Aluno nº 3/ FG/ página 137), sentem que os professores estão “sempre lá para ajudar, estão aqui para ajudar” (Aluno nº 10/ FG/ página 137).

É óbvio que pretendíamos também perceber que tipo de gestos e comportamentos os professores sentem da parte dos alunos. E se sentem essas atitudes como tidas desinteressadamente.

Por sua vez, os alunos disseram retribuir aos professores “fazendo um bom trabalho, respondendo... devemos ficar o mais possível com atenção nas aulas e depois como nós fazemos aos professores, eles agradecem-nos também fazendo outras atividades em que

não temos que estudar: pintar, participar em propostas...” (Aluno n.º 5/ FG/ página 138). O “dar, receber, retribuir” tão simplesmente descrito por uma criança.

E será que essas atitudes despertarão, no professor, necessidade de as retribuir?

No “*focus group*” inferimos que os alunos ficam agradados a partir de simples gestos “quando fazemos os trabalhos de casa, a professora põe lá os parabéns” (Aluno n.º 8/ FG/ página 138) ao ponto até de se esforçarem mais para obterem uma reação positiva da professora “eu às vezes quando chego a casa, não faço só os trabalhos de casa, de escrever, também faço trabalhos no computador” (Aluno n.º 8/ FG/ página 138).

Manifestam demonstrar a sua gratidão para com os professores por vezes de uma forma mais material “fazemos desenhos e até algumas doçarias, damos uns bombons de chocolate...” (Aluno n.º 5/ FG/ página 140) mas o mesmo aluno acrescenta “é assim que eu demonstro. Ou fazer o meu melhor, tentar esforçar-me ao máximo e depois agradeço ao professor”.

Os alunos manifestam a sua retribuição aos professores fazendo o que eles gostam “às vezes compramos um bolo para os professores para lhes mostrarmos que nós gostamos deles e fazemos-lhes coisas que sabemos que eles vão gostar” (Aluno n.º 7/ FG/ página 140).

Neste estudo, gostaríamos também de saber a opinião dos professores acerca da influência que percecionam ter na formação humana dos seus alunos e como têm o retorno da influência que tiveram.

Os professores ensinam, os alunos aprendem e, segundo o Aluno n.º 10 (FG/ página 141), os alunos retribuem “em épocas especiais, como a Páscoa, como o Natal, nós damos presentes aos professores para dizer obrigado por nos terem dado essa matéria, por nos terem ensinado” ou então de um modo gratuito e natural “no ano passado escrevi um postal à minha professora a dizer-lhe que gostava muito dela e depois escrevi lá o que sentia dela... (Aluno n.º 8/ FG/ página 141) e acrescentou “escrevi que gostava, que gostava do trabalho que fazia... hum... e agradei por todos os trabalhos que nos ensinou”.

O reconhecimento escrito e verbalizado por uma criança.

E perante os alunos com menos capacidades, como reagem os professores. Desanimam? Facilitam?

No “*focus group*”, tentámos perceber como se sentem os alunos se os professores não demonstram interesse “e também ficávamos tristes porque os professores não nos ligavam nenhuma (Aluno n.º 1/ FG/ página 143) ou sentem tristeza quando os professores não agem bem “eu tinha muita dificuldade e o professor ou a professora não me ajudava a ultrapassá-la” (Aluno n.º 6/ FG/ página 145) e quando confundem o nome, talvez porque razoavelmente sinta ferida a sua identidade “e também não gosto que me troquem o nome com outras pessoas...” (Aluno n.º 1/ FG/ página 146).

Pareceu-nos também que seria importante perceber os efeitos que poderá ter uma relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno e da comunidade educativa em geral.

A noção de retribuição sentida pelos alunos “pelo bem que nos fez”, bem explícita “uma vez a nossa professora deu-nos uma coisa e eu agradei-lhe com umas prendas que lhe oferecia nos vários dias especiais... na Páscoa... ofereci-lhe pelo bem que nos fez...” (Aluno n.º 10/ FG/ página 150), provocando a felicidade recíproca “de quem eu gosto... a professora dá-nos algo e eu... eu... se nos deu, eu também dou uma coisa à professora... ela fica feliz e eu fico feliz também” (Aluno n.º 8/ FG/ página 151). O Aluno n.º 11 refere mesmo “retribuimos o favor” (FG/ página 150).

Ou confundindo até o verbo, mas sabendo bem o que queria dizer “depois eu “contribuo-lhe” (Aluno n.º 9/ FG/ página 152) porque descreveu exatamente como gosta de retribuir à mãe “de manhã, como a minha mãe tem falta d’ar e o meu irmão acorda lá para as 8 horas e então eu fico com o meu irmão em casa e a minha mãe... o meu pai vai levar a minha mãe porque a minha mãe tem falta d’ ar”. O “dar, receber, retribuir”, verbalizado de uma forma tão simples e natural, a já fazer parte do desenvolvimento pessoal desta criança.

Quer na análise dos dados retirados do “*focus group*” quer nos dos inquéritos por questionário, lembrámos Bogdan e Biklen “à medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos (1994:221).

## **7.2. Interpretação dos dados do inquérito por questionário passado aos professores**

A dádiva, porque pertence à dimensão simbólica, foi e será sempre difícil de comprovar e nem foi essa a razão de ser deste estudo, pela simples razão de, logo à partida, termos essa noção.

De qualquer modo e porque se percebe a sua existência, pretendemos perceber até que ponto a dádiva existe na realidade e a sua importância na vida das pessoas e muito especificamente na relação pedagógica, constituindo uma autêntica “arte mágica” nesse relacionamento interpessoal.

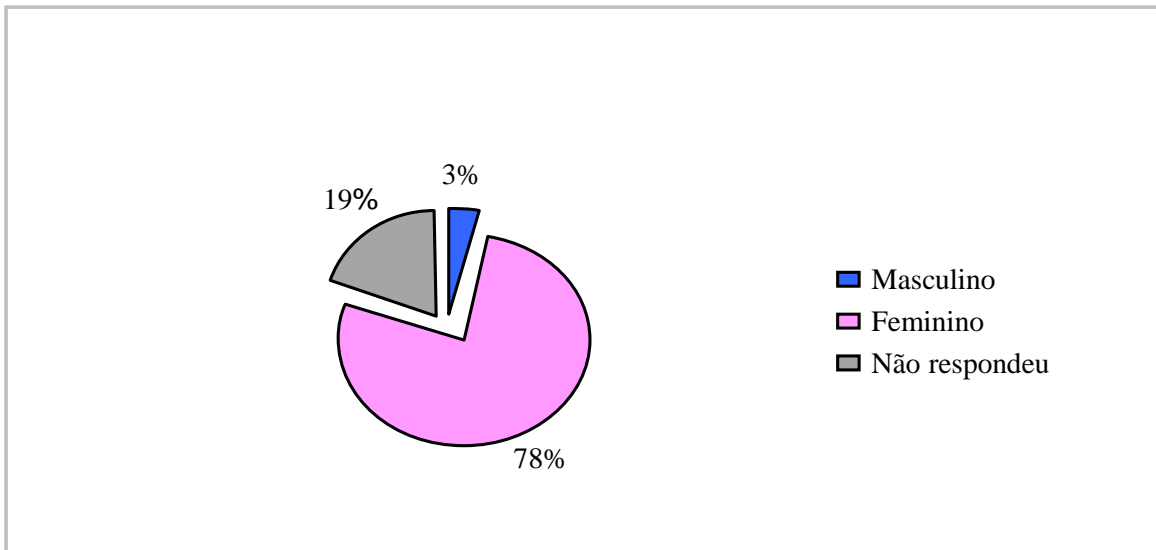
Esta fase da investigação faz-se a partir do confronto entre a grelha construída a partir das categorias teóricas, a Dádiva/Dom e os Princípios da Ação Pedagógica e as respostas obtidas através do inquérito por questionário, bem como do “Focus Group” realizado com os alunos.

Bassey, citado por Judith Bell (2010), refere que “ um critério importante para julgar o método de um estudo de caso consiste em verificar até que ponto os pormenores são suficientes e apropriados para que um professor que trabalhe numa situação semelhante possa relacionar as suas tomadas de decisão com as descritas na pesquisa” (*ibidem*: 180).

Pretende-se então que os pormenores das respostas dadas pelos inquiridos sejam um meio facilitador da compreensão teórica e prática do estudo. Que através delas, quem as lê, possa ser levado a questionar e a sistematizar situações semelhantes, comparando assim o seu comportamento e atitudes, de modo a uma melhor realização pessoal e profissional, concluindo, de maneira a sentir-se mais feliz. Árdua obra a nossa porque cientes da grandiosidade do tema de estudo, assim como da sua complexidade.

O inquérito por questionário, após a apresentação e formalidades éticas, começa por questionar vários dados quantitativos, cujos resultados apresentamos em quadros e em gráficos.

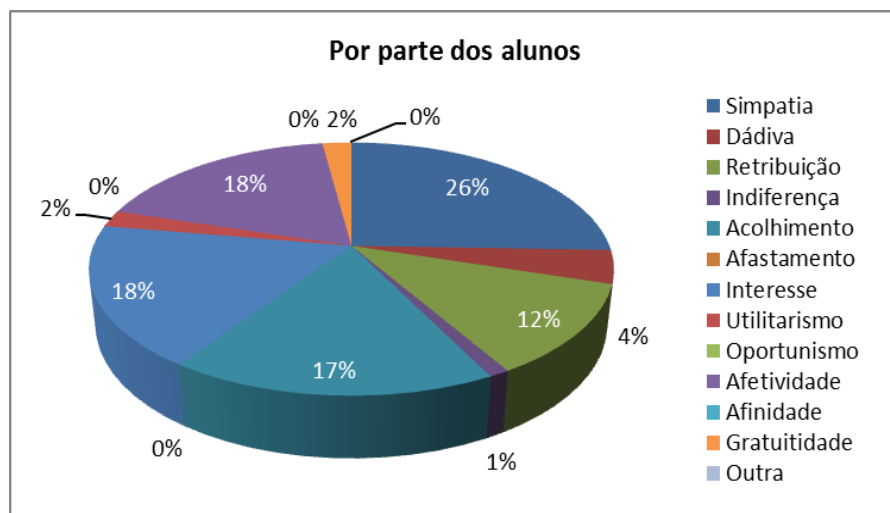
**Gráfico 1 - Distribuição percentual do género dos inquiridos.**

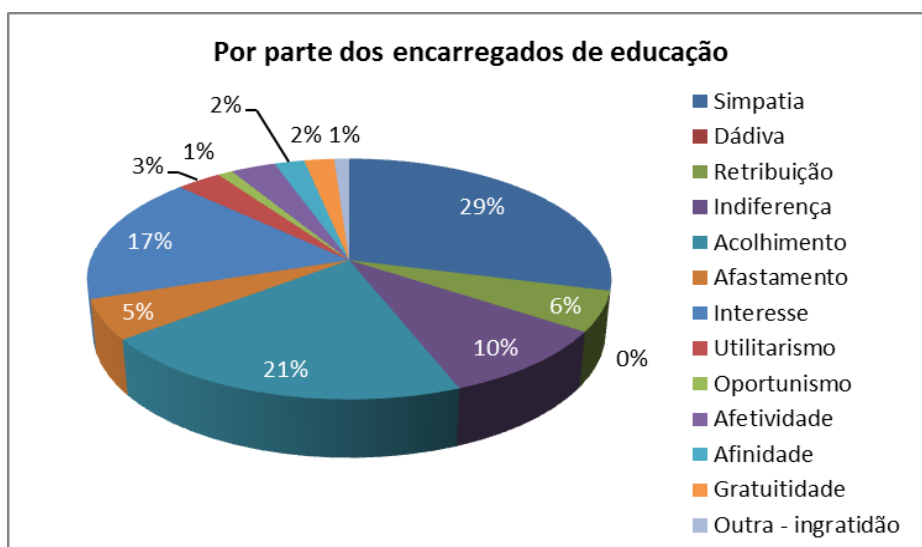
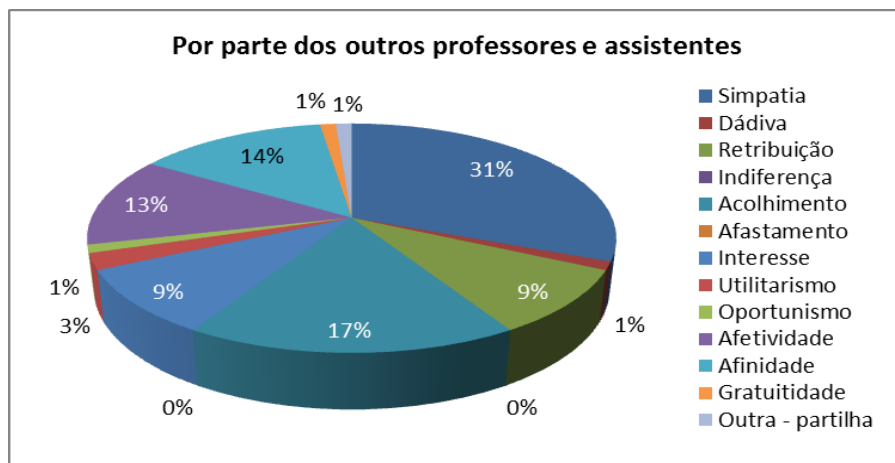


Fonte: Amorim, 2012

À questão “no seu dia a dia, como caracteriza a sua relação profissional perante as atitudes que sente receber dos vários agentes educativos?” solicitámos que seleccionassem as três características mais frequentes de doze apresentadas e/ou proposta de alguma outra.

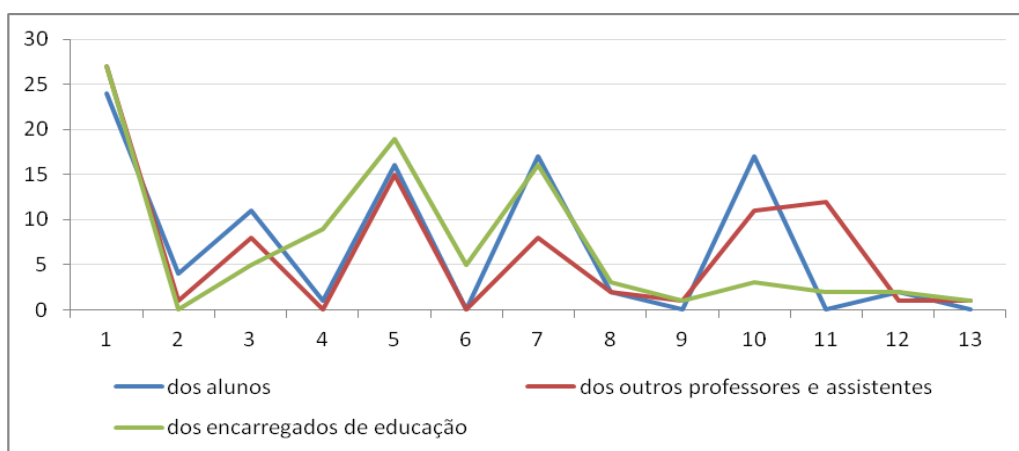
**Gráfico 2 - Distribuição percentual das características mais frequentes que os inquiridos sentem receber por parte dos alunos, dos outros professores e assistentes e dos encarregados de educação**





Fonte: Amorim, 2012

**Gráfico 3 - Panorâmica geral dos quadros anteriores**



Fonte: Amorim, 2012

À primeira pergunta de “como percebe e retribui as atitudes de que é alvo e se sente que os grupos referidos (alunos, professores, assistentes e encarregados de educação) as têm desinteressadamente e, no caso de tal acontecer, como as manifestam (gestos, comportamentos)”, deparamo-nos unicamente com a existência de uma resposta negativa e de um inquirido que não respondeu, ou seja, em trinta e cinco inquiridos responderam trinta e quatro (vd. Anexo VI).

Os restantes sentem, de um modo ou de outro, as atitudes positivas da parte dos outros, sendo os termos mais aplicados: o sorriso, o reconhecimento e o carinho/afetividade.

Percecionamos, nas suas respostas, a importância que dão às atitudes e gestos recebidos, porque também são dados “sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles” (INQ 11).

A questão do desinteressamento na dádiva é levantada “a maior parte, penso que sim, dado que estes gestos e comportamentos são favoráveis para ambas as partes e por isso não deve ser norteado por interesses secundários” (INQ 17), não deixando o inquirido de iniciar a sua resposta com a expressão “a maior parte”.

Citando José Luís Gonçalves “resumindo: a) dom e interesse pessoal não apenas não são compatíveis como se atraem; b) existe dom desde que seja rompida a lógica fechada do egoísmo racional e vice-versa; c) o interesse pessoal e egoísta poderá ser satisfeito quando corre o risco de ser sacrificado; d) positiva e normativamente, a racionalidade egoísta vem depois da lógica do dom” (apontamentos cedidos pelo autor).

A valorização da espontaneidade é também expressa “manifestam espontaneamente, sem cobranças nem formulação de juízos de valor” (INQ 13) e “através de gestos e comportamentos espontâneos, como por exemplo: cumprimentos, gestos “carinhosos”, partilha sem interesse...” (INQ 28).

Godbout (1997) refere que “aprendizagem social é também, e em muito, o desenvolvimento da espontaneidade, o alargamento social da espontaneidade” (*ibidem*:257).

Em todas as respostas, e porque a pergunta a isso conduzia, os inquiridos aludem aquilo que recebem, havendo no entanto algumas exceções:



- No INQ 11 surge a resposta “assim como tenho para com eles”, está subjacente a ideia de que recebe porque também dá.
- No INQ 19 o inquirido responde não através daquilo que recebe, mas sim do que dá “mantendo um contacto próximo com as pessoas. Investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem”, não fazendo sequer alusão àquilo que, em contrapartida, recebe.

Há que realçar o ambiente participativo e de inter-relação sentido em várias respostas, tais como:

“Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha” (INQ 8), “considero o ambiente vivido na escola, com alunos e colegas, extremamente positivo. Resultado de um companheirismo que é expresso em palavras de amizade e sorrisos” (INQ 9), “somos Professores damo-nos bem existem gestos de amizade, espírito de colegas, gestos de ajuda” (INQ 11), “sinto que a comunidade educativa tem comportamentos de afetividade, respeito e confiança” (INQ 12), “pela simpatia e colaboração nos diversos assuntos” (INQ 22), “através do interesse e comportamento dos encarregados de educação” (INQ 26), “demonstram interesse nas atividades realizadas e prazer em colaborar” (INQ 27).

Todas as atitudes e comportamentos fazem parte da educação e, como refere Isabel Baptista, “o que está em causa é a valorização da educação em todas as suas dimensões e durante toda a caminhada existencial” (2008:14) quer sejamos alunos, professores, assistentes, pais, avós ou qualquer outro elemento da comunidade educativa. “Nesta medida, o aprender ‘na e com a escola’, experiência fundamental e preciosa em qualquer aventura de vida, passa a coexistir em regime de articulação dinâmica com outras formas de educar e aprender, distintas nos tempos e nos modos” (*idem*, *ibidem*:14).

Esta implicação educativa, a hospitalidade vivida, sentida e retribuída exercerá uma força motriz em todos os envolvidos, propiciando uma melhor aprendizagem académica e social.

E será que essas atitudes despertam nas pessoas a vontade de as retribuir? De que modo?

Foi esta a questão seguinte, à qual responderam afirmativamente trinta e um inquiridos. Os restantes quatro não responderam.

Das respostas afirmativas, há quem especifique que ação gera reação de igual significado (INQ 12, 15, 17, 24, 25 e 31).

Podemos sintetizar determinadas palavras-chave que servirão de exemplo ao modo como os inquiridos retribuem:

- Retribuir /retribuindo (INQ 9,10,11,13,14, 25, 28, 31, 34)
- Simpatia/simpáticos (INQ 2, 7, 8, 14, 16, 17, 20, 22, 24)
- Afeto/afetividade (INQ 6, 10, 11, 12)
- Disponibilidade (INQ 1, 7, 16)

Podemos perceber que a vontade sentida pelos inquiridos em retribuir é notória, destacando-se inclusive a necessidade de um inquirido ter frisado que não o faz por obrigação “eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas” (INQ 11).

A noção da trilogia “dar, receber, retribuir” defendida por Mauss está bem presente em várias respostas:

“Quanto mais fazem por mim, mais eu sinto necessidade de retribuir. Um outro exemplo, “quando alguém elogia o meu trabalho ou empenho, estou mais alerta para depois também retribuir as palavras de elogio (desde que sejam honestas)” (INQ 9), “acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho. Sinto que diariamente no meu trabalho um sorriso a um adulto e um carinho a uma criança já tem toda a diferença” (INQ 12) e ainda “penso que como tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo. Por exemplo, uma turma de alunos recetivos, interessados e simpáticos levam a que seja mais fácil e agradável retribuir com as mesmas atitudes” (INQ 17).

Percebe-se, nestas respostas, a existência da cadeia de dádivas proporcionada a partir de gestos e atitudes. Benveniste, citado por Godbout (1997), refere que “o vaivém da prestação e do pagamento pode ser voluntariamente interrompido: serviço sem retribuição, oferta de favor, pura ‘graça’, abrindo uma nova reciprocidade. Acima do circuito normal das trocas, do que se dá para se obter algo, há um segundo circuito, o da beneficência e do reconhecimento, do que é dado sem espírito de retribuição, do que é oferecido para ‘agradecer’” (*ibidem*:247).

Mas se quem recebe sente motivação para retribuir, por que o faz? Essa foi a nossa questão seguinte colocada aos inquiridos, à qual responderam trinta e três pessoas e duas não responderam.

As motivações que levam os inquiridos a retribuir são várias, mas numa dinâmica de valores muito próximos, sendo os mais apontados os seguintes:

- Por aproximação aos Encarregados de Educação ou bom entendimento com a comunidade educativa (INQ 1, 8, 13, 15, 19, 24, 26, 33, 34)
- Simpatia/interesse (INQ 7,16, 20, 24)
- Preocupação com os alunos (INQ 6, 8, 33)
- Bem-estar (INQ 2, 12, 33)
- Partilha (INQ 5, 11, 23)
- Por realização/satisfação pessoal, profissional (17, 31)

É notória a preocupação demonstrada com a aproximação aos Encarregados de Educação ou o bom entendimento com a comunidade educativa. Constata-se que os inquiridos preocupam-se com o bem - estar que conduzirá ao progresso dos alunos.

“O saber que só de um pleno entendimento com a comunidade educativa é que conseguimos contribuir para o progresso dos nossos alunos (INQ 8) ou “o que me motiva é a minha satisfação pessoal por saber que estou a contribuir, de alguma forma, para que a escola seja um local agradável e de troca de saberes” (INQ 17), “contribuir para o sucesso dos alunos e fomentar o bem-estar na comunidade escolar” (INQ 33) ou muito simplesmente “a alegria de dar e tornar o outro feliz” (INQ 34).

A este propósito, citamos Joaquim Azevedo (2009) “por isso, comunidade é processo, não é produto, é abertura, não é fechamento, abertura ao local e ao global, é alteridade,

não é mesmidade, é autonomia, não é dependência, é sujeito, não é objeto, é caldo de criação contínua de cidade e cidadania, é mobilização de recursos próprios, não é espera passiva, é integração, não é exclusão, é relação, não é indiferença, é proximidade, não é alheamento, é cooperação, é rede, não é imposição, é conflito de interesses, não é definição de uma ordem à partida, é entreatada, é direito e é dever” (*ibidem*:21).

Ao retribuir, poderá pressupor-se o atingir de algum ou alguns objetivos. Essa foi a nossa interrogação seguinte, à qual responderam trinta dos inquiridos, não tendo respondido cinco pessoas.

Destaca-se notoriamente o seguinte objetivo:

- Bom ambiente de trabalho (INQ 7, 9, 14, 15, 16, 20, 22, 28, 32)

Evidencia-se, deste modo, a necessidade que os inquiridos sentem em proporcionar e sentir um bom ambiente de trabalho, no seu dia a dia.

Além deste, destacam-se vários valores

- Partilha (INQ 1, 8, 12, 28)
- Bem-estar (INQ 1,5,33)
- Paz (INQ 24, 25)

A resposta do inquirido 11 diz “não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição”. Trata-se do mesmo inquirido que, numa resposta anterior, manifestou “não retribuir por obrigação”, mas sim por gosto, portanto também nesta resposta demonstra o seu “desinteressamento” ao agir de uma determinada maneira.

Relativamente à questão sobre o que é necessário para que duas pessoas se relacionem bem, no âmbito profissional, verificamos que só um inquirido não respondeu e destacamos facilmente o termo “respeito”. Ao contabilizarmos o número de referências, detetamo-lo em dezanove respostas:

- Respeito (INQ 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 19, 20, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 34)

Além deste conceito, outros surgem, uns mais notoriamente do que outros:

- Empatia/simpatia (INQ 8, 12, 14, 15, 22, 35)
- Partilha/cooperação (15, 18, 26, 28, 31, 33)
- Amizade (4, 18, 21, 30)
- Profissionalismo/exigência (9, 14, 28, 32)
- Educação (1, 14, 34)

Apercebemo-nos, assim, que as respostas são bastante uniformes, sendo as opiniões dos inquiridos muito semelhantes. Os valores e expectativas exigíveis pelos inquiridos, relativamente ao relacionamento humano, complementam-se bastante.

No que concerne aos sentimentos experimentados quando se estabelece um tipo de relação mais afetuosa, não responderam seis pessoas, tratando-se de um número superior ao que se verificou nas questões anteriores.

Relativamente às restantes respostas, evidenciam-se os seguintes sentimentos:

- Alegria (INQ 1, 8, 9, 10, 21, 24, 25, 31, 34)
- Bem-estar (INQ 6, 12, 14, 15, 18, 22, 25, 31, 35)
- Amizade (INQ 9, 11, 17, 23, 25)
- Paz (INQ 5, 9, 32, 34)
- Tranquilidade (INQ 1, 19, 21, 33)
- Gratidão (INQ 1, 9, 22, 28)

No que diz respeito à questão sobre se “alguma vez experimentou gratidão por alguém que trabalha consigo na escola” todos os inquiridos responderam afirmativamente, à exceção da resposta do INQ 26, que preferiu afirmar “a minha gratidão é para com os alunos procurando dar o meu melhor, as colegas reconhecem o bom desempenho...”

No que concerne à forma como demonstram a gratidão, todos respondem que o fazem com gestos e palavras:

“Todos os dias agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias); cumprimento, sorriso e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento” (INQ 2), “verbalizando essa gratidão e sendo solidária e amiga” (INQ 6), “demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...” (INQ 9), “tentei retribuir, na medida que me foi possível, o favor que me foi prestado” (INQ 24).

A resposta do INQ 33 é algo diferente das demais porque diz demonstrar com “reconhecimento público”.

No que diz respeito à terceira parte da questão, sobre a quantidade de vezes em que tal acontece – uma ocasião ou em várias, não foi respondido com a especificidade pedida nos INQ 3, 5, 6, 9, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 34.

Os restantes responderam:

- Em várias ocasiões (INQ 7, 8, 10, 13, 14, 16, 23, 28, 35)
- Quando necessário (INQ 1, 4, 15, 30)
- Diariamente (INQ 2, 17, 32)
- Muitas vezes (INQ 18, 19)

Lévi-Strauss, citado por Godelier, afirma “é preciso, pois, que a virtude (referindo-se à virtude que “obriga as dádivas a circular”) seja concebida subjetivamente, mas então encontramos-nos diante de uma alternativa: ou esta virtude não é senão o próprio ato de troca, tal como é representado pelo pensamento indígena, e ficamos fechados num círculo, ou ela tem uma maneira diferente e, por relação com ela, o ato de troca torna-se então um fenómeno secundário.” (2000:27). E Lévi-Strauss conclui, referindo-se a Mauss “a única maneira de escapar ao dilema foi ter-se apercebido de que é a troca que constitui o fenómeno primitivo, e não as operações discretas nas quais a vida social se decompõe” (*idem, ibidem:27*)

Por tudo isto, questionámos “se sente a existência de uma relação de dádiva, no seu dia a dia profissional”, tendo havido um só inquirido que não respondeu, tendo os restantes respondido:

- Sim (INQ 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 31, 32, 33, 34)
- Não (INQ 4, 30)
- Cada vez menos/pouco (INQ 5, 6, 25, 27)

No que concerne às respostas positivas, poderemos destacar algumas para mais facilmente percebermos a noção de dádiva para os inquiridos.

- A dívida sentida como transmissora de valores: “a dívida tem de estar presente levando-nos a encontrar o equilíbrio, o amor, a generosidade...” (INQ 1)
- A dívida entendida como “partilha de conhecimentos, materiais, troca de opiniões” (INQ 3), “na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros” (INQ 8), “partilha de materiais, informação” (INQ 15), “sinto uma relação de dívida porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco” (INQ 18), “quando partilho sentimentos e materiais” (INQ 33)
- A dívida percebida como Mauss a definiu, como uma trilogia do “dar, receber e retribuir”: “há uma enorme relação de dívida na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho” (INQ 9)
- A dívida como elemento recíproco “no nosso dia a dia devemos manter uma relação de reciprocidade, de empatia por outrem” (INQ 10)
- A dívida oferecida por gosto, simplesmente “existe uma relação de dívida todos os dias pois faço o que gosto” (INQ 11), “porque tenho o prazer de ajudar quem mais precisa do meu apoio” (INQ 12), “por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dívida faz a diferença nos nossos quotidianos” (INQ 13), “trata-se de dívida na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes” (INQ 14), “também me esforço para que tal aconteça. É exigente e cada vez mais, mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas” (INQ 19), “gosto de dar tudo o que posso aos meus alunos e colegas, mantendo um relacionamento de solidariedade e amizade” (INQ 24), “uma dívida permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas” (INQ 26), “cada dia que passa é uma dívida, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem” (INQ 31), “com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma” (INQ 34)
- A quase obrigatoriedade da dívida “por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos” (INQ 22)

Quanto aos inquiridos que responderam negativamente, limitaram-se a negar e não descreveram o que poderia mudar se a dívida existisse.

O inquirido número 5 afirma que a existência de dívida “é menos frequente que o desejável” e apresenta as razões “por falta de abertura, sinceridade, respeito, altruísmo”.

O inquirido número 6 escreve “pouco, muito pouco!” e que “se ela existisse, seria feliz em participar”.

Também o inquirido número 25 diz “penso que cada vez menos existe. Para mudar esse cenário seria importante muita coisa, mas principalmente haver menos egoísmo”.

Por sua vez, ao inquirido número 27, parece-lhe que “nestes últimos anos essa relação começa a escassear”.

Sobre a importância que sentem ter ou ter tido na formação humana dos alunos, vários inquiridos procuraram exemplos em atitudes de antigos alunos, demonstrativas das marcas sentidas e transmitidas, de um modo ou de outro (INQ 1, 6, 8, 18, 19, 21, 26, 27, 32, 33).

Três inquiridos manifestam sentir a importância que tiveram quando os alunos revelaram estar aptos a resolver conflitos ou problemas (INQ 7, 12, 16, 20).

Outros ainda focam a importância do contributo que têm ou tiveram na formação humana dos seus alunos (INQ 9, 13, 14, 28), como por exemplo “ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro” (INQ 9).

Vários incluem, nas suas respostas, exemplos, conforme era solicitado (INQ 1, 6, 8, 18, 19, 21, 26, 27, 28, 32, 33, 34).

A preocupação dos inquiridos na formação dos seus alunos é notória, percebendo-se facilmente a importância que sentem de serem um exemplo

“Como exemplo que devemos ser, procuro retribuir nos gestos mais simples” (INQ 25), na transmissão de valores e atitudes “penso que todos nós contribuimos para a formação humana dos nossos alunos não só por transmitir conhecimentos úteis como, principalmente, “trabalhando” os valores e atitudes. Penso que todos os dias, como docente, preocupo-me com isso”(INQ 17), “tive sempre como premissa “cultivar” nos alunos a responsabilidade, a bondade, a confiança em outrem” (INQ 10).



A formação humana presente nas preocupações dos inquiridos “ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro...” (INQ 9), não deixando de apelar à necessidade de que tem que ser continuada na família e na comunidade “A formação humana é muito importante, mas tem que ser continuada na família e na comunidade” (INQ 14).

Ao questionarmos sobre se “acredita sinceramente que qualquer aluno pode desenvolver-se por via da educação/do ensino escolar”, a maior parte dos inquiridos respondeu afirmativamente (INQ 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34).

Outros responderam afirmativamente, mas aludindo a importância do apoio da família (INQ 10, 14, 18, 22, 25, 27, 28, 35).

Mas há ainda outros que especificam que nada é conseguido sem a colaboração dos pais/família:

“Acredito que sim, não descurando a educação em casa.” ( INQ 1), “sem a colaboração dos pais, a escola não consegue mudar grande coisa” (INQ 3), “apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior (INQ11) e “apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior” (INQ 15), “tem que ser muito reforçado em casa, caso contrário cai tudo num “saco roto”( INQ 14) e “embora a escola por si só não chegue, o contexto familiar é muito importante.” (INQ 27).

É assumido o “Respeito pela diferença, solidariedade, partilha e amizade.” (INQ 16) e o mesmo inquirido termina com um peremptório “Nunca ninguém fica para trás!”.

Dois dos inquiridos preferem responder “talvez” (INQ 4, 30).

Joaquim Azevedo (2009) refere que “a educação e a solidariedade estão no início, no meio e no fim dos processos de desenvolvimento social e local. Porque acolhem e reconhecem as pessoas e as instituições, porque estimulam à implicação, porque sustentam a participação, porque capacitam e induzem cada ser humano e cada instituição a se e a fazer mais e melhor, porque criam oportunidades de

desenvolvimento contínuo, de reflexão, de ação, porque fomentam o exercício contínuo, ao longo da vida e na vida de uma cidadania ativa e responsável” (*ibidem*:22).

Surgiu então a questão se “já alguma vez desanimou ou facilitou perante as (in)capacidades de um aluno” à qual vários inquiridos responderam afirmativamente (INQ 2, 4, 5, 7, 9, 10, 20, 21, 23, 29, 30, 31, 33, 34). Numa das respostas é mais uma vez abordada a importância da colaboração da família, afirmando “sobretudo quando o EE (encarregado de educação) tem a mesma postura e não apoia/incentiva/acompanha” (INQ 5).

Outros afirmaram ter desanimado, mas não terem facilitado ou desistido (INQ 1, 6, 8, 19, 22, 28, 33, 35). É notória a preocupação com os alunos

“Sim, desanimei, mas não facilitei nas minhas obrigações. Todos os dias tento que os alunos evoluam” (INQ 6), “desanimar sim, mas nunca desistir de apostar no aluno” (INQ 22), “já me senti um pouco desanimada, mas nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades.” (INQ 28).

Surge também a procura de novas estratégias para ajudar o aluno em dificuldade

“Já desanimei, mas depressa sacudo o desânimo e procuro uma nova estratégia. Facilitar... Nunca!” (INQ 8), “alguns segundos, mas depois penso que há sempre o dia seguinte. Há ainda a possibilidade de equacionar as nossas estratégias e alterarmos” (INQ 13) ou ainda “Não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele” (INQ 24).

Lembramos, a este propósito, Pedro Strecht “a vida nem sempre é justa. As crianças não nascem iguais em direitos. Mas não podemos desistir de contrariar uma certa ordem das coisas, bater à porta do coração e perguntar sem medo: pode-se entrar? Indignarmo-nos sempre que for preciso. Lutar” (1999:25).

E por isso também há os que assumem uma mudança sentida em si próprios “mas depressa acordei para a realidade.

“Coloquei-me no lugar da mãe” (INQ 19) ou “há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me pôs à prova... penso que foi esse mesmo aluno que me fez crescer como professora!” (INQ 27) ou “poucas vezes, mas penso que o desânimo foi por incapacidade minha (*sublinhado pelo inquirido*) de não conseguir “chegar até ele” (INQ 34) ou ainda “por vezes desanima-se, mas mais que facilitar compreendi uma ou outra situação que exigiu algum menos rigor” (INQ 35).

Há ainda inquiridos que respondem negativamente (INQ 11, 18, 24, 25, 26, 32) mas dando uma explicação, como por exemplo:

“Não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra” (INQ 11), “não, porque os pequenos progressos são sempre grandes progressos. E normalmente nunca desisto dum aluno que não tenha tantas capacidades” (INQ 18) ou ainda “não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele” (INQ 24).

Citando Gianni Rodari “a quem acreditar na necessidade de a imaginação ter o seu lugar na educação; a quem tiver confiança na criatividade infantil; a quem souber qual o valor de libertação que pode ter a palavra. ‘Todos os usos da palavra a todos’. Parece-me um bom lema, de belo som democrático. Não para que todos sejam artistas, mas para que ninguém seja escravo” (1993:16-17).

Relativamente à questão seguinte “se recordar as experiências pedagógicas que desenvolveu e que mais marcaram positivamente os seus alunos, quais foram os valores e as atitudes que lhes estavam subjacentes?”, o valor “Respeito” destaca-se notoriamente (INQ 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 35).

Outros valores são apresentados, tais como: Solidariedade (INQ 2, 6, 12, 13, 14, 17, 27, 35), Amizade (INQ 6, 7, 16, 18, 20, 25), Valor do trabalho/empenho/estudo (INQ 9, 11, 16, 17, 21), Cooperação/ ajuda (INQ 7, 14, 16, 20, 22), Saber-ser/saber-estar (INQ 8, 10, 12, 24), Partilha (INQ 5, 8, 14, 28), Alegria (INQ 1, 32, 34), Amor (INQ 1, 25, 32), Ambiente/problemas ambientais/natureza (INQ 8, 15, 19) e outros.

No que diz respeito aos efeitos que poderá ter uma relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno, em muitas respostas subjaz o da construção da cidadania

“Será, por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz” (INQ 1), “pode ser a chave para o crescimento enquanto aluno e cidadão” (INQ 6), “contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas” (INQ 7), “contribuirá para o preparar melhor para a cidadania. Desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal” (INQ 10), “ser um bom cidadão na vida futura” (INQ 16), “tornará o aluno um cidadão melhor, mais solidário” (INQ 27), “efeitos positivos, sem dúvida, são o semear de um cidadão da sociedade futura que poderá mudar o mundo” (INQ32).

Outros inquiridos apontam como efeitos a facilidade de integração na sociedade e capacidade de uma melhor socialização:

“Aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais” (INQ 2), “melhor integração na sociedade” (INQ 5), “quem recebe é ensinado a dar também, ou pelo menos deveria! A relação de dádiva é muito importante para que o aluno se desenvolva enquanto pessoa e para adquirir competências sociais que lhe permitam viver em sociedade” (INQ 9).

Dois dos inquiridos aludem a retribuição e gratuidade, como efeitos produzidos por uma relação de dádiva “despertá-los para a retribuição e gratuidade” (INQ 3) e “efeitos de retribuição, simpatia, afetividade e gratuidade” (INQ 34).

A resposta do INQ 17 faz mais uma vez, referência ao facto de não se perceber a palavra dádiva, mas acrescenta “se significa o empenho em formar pessoal e socialmente os alunos penso que, como referido anteriormente, poderão formar-se cidadãos responsáveis e integrados”.

Citando Pedro Strecht (1999) “o verdadeiro ensino não está só nos manuais, não se aprende soletrado em dez lições, não se compra estafado na encomenda de ocasião, nunca chega por decreto (quanto a isso, nunca). Mais força que todas as leis tem o homem e dentro dele as crianças: o poder de inverter a certeza de alguns movimentos, muitas vezes antes que o sol feche o seu círculo no céu, o contrário de uma certa

tendência para pensarmos demasiado em nós próprios, o secreto entender que de altos e baixos se faz a tranquilidade.” E termina: “antes que as crianças sejam velhas demais para verem sozinhas o que há para ver, ensinemos-lhes ternamente a Vida, a maior das sabedorias” (*ibidem*:223).

Era igualmente do interesse deste estudo saber “que efeitos terá uma relação de dádiva sobre a realização profissional dos docentes”.

As respostas apresentadas realçam notoriamente o efeito positivo de uma relação de dádiva, sentido pela maior parte dos inquiridos, na sua realização profissional.

Os principais efeitos/valores apontados são:

Motivação para “continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis” (INQ 1).

“Ensinar é dar o melhor de cada um” (INQ 2) e “Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa” (INQ 9).

“Postura mais adequada, tendo em conta a “missão” do docente” (INQ 5), “efeitos de missão e dever cumprido” (INQ 32).

“Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho” (INQ 7) e “maior amizade, proximidade entre todos os colegas de trabalho” (INQ 16).

“Os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores” (INQ 8) e no mesmo sentido o INQ 15 “torná-lo mais humano”.

“Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro” (INQ 10).

Crescimento pessoal e profissional, partilha, espírito crítico (INQ 12), “troca de conhecimentos – enriquecimento” (INQ 23), “poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração” (INQ 28), “respeito, afetividade e aumento da partilha” (INQ 33).

Plenitude (INQ 13 e 14).

“Ao longo da minha atividade profissional tudo o que tenho desenvolvido e aprendido, diariamente, acaba por me valorizar profissionalmente, tornando-me cada vez mais apta e empenhada” (INQ 17), “completa-nos e preenche-nos. Fica uma sensação de enorme realização” (INQ 19) e “fará com que o professor se sinta realizado” (INQ 27)

“Será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem” (INQ 18) e “Sentir-se feliz e ter cumprido o seu papel como mentor e formador” (INQ 24).

“Melhor ambiente de trabalho” (INQ 20), “bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola” (INQ 22), “um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam energias. Os alunos e docentes serão bem mais felizes” (INQ 34), “troca poupam energias. Os alunos e docentes serão bem mais felizes” (INQ 34), “troca de experiências/ partilha de saberes/ respeito pelo Outro/ bom ambiente de trabalho” (INQ 35).

“O docente ser relembrado com saudade e carinho” (INQ 31).

Um dos inquiridos (INQ 25) põe em causa a sua existência “se ela existe na verdadeira aceção da palavra”, mas afirma que se existisse os efeitos “seriam benéficos”. Acrescenta “mas a realidade é outra”.

Outro inquirido demonstra alguma insatisfação relativamente ao reconhecimento por parte dos superiores hierárquicos “o docente sente o reconhecimento do seu valor como agente educativo não sendo por vezes acompanhado devidamente pelos que trabalham nos gabinetes do Ministério da Educação” (INQ 26).

Dois inquiridos afirmam que uma relação de dádiva provocará “maus efeitos” (INQ 4, 30).

Por último, era de extrema importância tentarmos perceber os efeitos produzidos, na comunidade educativa, de uma relação professor/aluno, baseada num espírito de dádiva.

Três inquiridos afirmaram não saber (INQ 4, 18, 30), outros ainda preferiram não responder (INQ 26, 27, 29).

Perceciona-se em algumas respostas a noção de “arte mágica”, assim como a de “cadeia de valores” sentida e transmitida:

- “Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno estiver baseada num espírito de dádiva, este tipo de relação estabelecer-se-á entre os vários agentes da comunidade educativa” (INQ 2)

- “Os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos (INQ 9).

- “Comportamento gera comportamento”, como tal um bom relacionamento entre professor/aluno ou entre colegas, vai trazer efeitos muito positivos na comunidade educativa (INQ 28).

- “Quando acontece, tudo se torna mais fácil” (INQ 25).

Algumas respostas apresentam a importância que a relação baseada na dádiva virá a ter no futuro do aluno:

“Uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro, tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes! (INQ 1) e “efeito de realização pessoal e profissional de seres humanos bem preparados para os desafios do futuro e de construção de um mundo melhor, de acabar com as guerras e promover a paz (INQ 32).

Um dos inquiridos alude o “efeito de contágio” e o de “mais profissionalismo” (INQ 34).

Muitos valores surgem ao longo das respostas: afetividade, menos afastamento, menos agressividade, simpatia, interesse, respeito, retribuição, união, compreensão, ajuda, retorno, gratidão, empenho, amizade, partilha, compreensão, interajuda, alegria, bem-estar, paz de espírito, responsabilidade.

### **7.3. Conclusões dos objetivos de investigação formulados**

É chegado o momento de tentarmos apresentar, o mais objetivamente possível, as conclusões deste estudo, que logo à partida parece ter pouco de objetividade.

Servindo-nos da linha de pensamento de Innearity quando afirma “a utopia agudiza o engenho no meio da invisibilidade” (2009:210), propusemo-nos investigar o valor da dádiva e os seus efeitos na relação pedagógica, como tal e perante tantos dados obtidos, há que concluir, sabendo de antemão que será sempre um estudo inacabado.

Relativamente ao objetivo 1, o de “avaliar, na perspetiva dos seus intervenientes, se existem gestos e atitudes demonstrativas de um fenómeno próximo do espírito de dádiva entre os atores da Escola Básica de Chouselas/ Agrupamento de Escolas D. Pedro I”, dos resultados obtidos podemos inferir que a maior parte dos inquiridos afirma sentir esses gestos e atitudes.

A felicidade que é sentida, a satisfação pessoal, a partilha sem interesse, o gosto na retribuição “eu gosto de retribuir, simplesmente” [2 b) / INQ 34] são conceitos que identificam a unitelaridade e a gratuidade enunciadas por vários inquiridos “sinto uma relação de dádiva porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco” [3d) / INQ 18].

É expressa também a exigência cada vez maior, mas não a sua impossibilidade “é exigente e cada vez mais, mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas” [3d) / INQ 19] “principalmente quando se gosta do que se faz” e com gratuidade “



nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem.” [4 f) / INQ 18].

A afinidade é perceptível a partir do companheirismo expresso em palavras de amizade e sorrisos e de um contacto próximo das pessoas “ investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem”[2 a) / INQ 19].

O laço é desencadeado a partir de pequenos gestos, conforme alguns exemplos dados pelos inquiridos: resposta de agradecimento a um e-mail, ajuda aos colegas, receção com simpatia dos encarregados de educação, um sorriso a um adulto, um carinho a uma criança, pleno entendimento com a comunidade educativa, reconhecimento sentido.

“Acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho” [2 b) / INQ 12] denota a noção de uma cadeia de valores numa relação baseada na dádiva, desencadeando o laço social.

“Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha”[ 2 a) / INQ 8]: nesta resposta está bem definida como pode acontecer a interligação de gerações criada a partir da partilha de dádivas, atitude crucial em qualquer educador porque “acima de tudo pensar que temos nas nossas mãos o que há de melhor no mundo e precisamos de semear neles valores cruciais e para tal temos que dar o exemplo” [3a) / INQ 18].

Relativamente ao objetivo 2 “se existir tal fenómeno, identificar o ciclo dar-receber-retribuir na relação pedagógica que estabelecem sobretudo professor/aluno e vice-versa”, constatamos que os gestos e atitudes referidos anteriormente poderão conduzir a um dom primário: o de selar a aliança entre as pessoas, o qual pode ser percebido de formas diversas e, nos dados de que dispomos, isso é bem evidente por exemplo a partir da participação ativa dos pais, que conduzirá ao conhecimento das pessoas entre si “os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha”[ 2 a) / INQ 8]; dos alunos com as suas atitudes “normalmente os grupos referenciados reagem com palavras de agradecimento, de simpatia e no caso das crianças através de abraços e o agarrar/ puxar da bata”[ 2 a) / INQ 18] ; de si próprio para com os outros a quem dá, de quem recebe,

ouve, pergunta, compreende, interage e porque dando torna o outro feliz e assim se sentirá bem.

Estas atitudes de “alegria de dar e tornar o outro feliz” [2 c) / INQ 34] e de “fazer com que a outra pessoa se sinta bem” [2 d) / INQ 2] poderão vir a selar a aliança entre as pessoas.

Assim será conseguido “O bem-estar pessoal e social dos indivíduos e agregados familiares” porque o trabalho é exercido “na base do dar e do receber” [2 c) / INQ 12].

A partir do gesto de *dar*, é sentida a necessidade de re-*dar*, conduzindo a uma inter-relação humana e social “sempre que uma pessoa é simpática sinto a necessidade de retribuir essa simpatia” [2 b) / INQ 14].

O facto de receber é sentido como que ficando em dívida “sempre que sinto da parte dos outros uma atitude positiva, a minha reação é corresponder” [2 b) / INQ 15].

Pelo exposto, inferimos que a trilogia defendida por Mauss encontra-se bem expressa nas transcrições apresentadas, assim como em “penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo” [2 b) / INQ 17].

Surge ainda o acautelamento social avaliador das atitudes, sendo a respetiva resposta dependente do que é recebido “se a situação for positiva é fácil retribuir da mesma forma. Se não, cada vez mais tento ser indiferente e usar de bom senso” [2 c) / INQ 24].

Conclui-se também a existência de relacionamentos desinteressados “sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles” [2 a) / INQ 11], “retribuo com a disponibilidade, o carinho, a alegria, a aceitação das diferenças, com o meu tempo...” [2 b) / INQ 1]. Há os que retribuem porque gostam das pessoas e dos afetos, não o fazendo por obrigação “eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas” [2 b) / INQ 11].

Há ainda até quem afirme não ter sequer objetivos, ao retribuir, tal é a forma desinteressada por que o faz “não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição [2 d) / INQ 11].

Relativamente ao objetivo 3, o de “compreender em que medida as atitudes demonstrativas do espírito de dádiva contribuem para o equilíbrio pessoal e emocional de cada um na relação pedagógica” podemos inferir que os sentimentos de troca e apoio efetivos são sentidos através da partilha entre pares “encarar a profissão com seriedade e responsabilidade; ter a humildade e capacidade de ouvir críticas e desejo de melhorar” [3a) / INQ 9] e “na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros” [3d) / INQ 8] de professores para alunos “por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos” [3d) / INQ 22] e “cada dia que passa é uma dádiva, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem” [3d) / INQ 31].

O resultado do trabalho existe quando é realizado em equipa [3d) / INQ 35] e a troca e apoio são efetivamente sentidas “com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma” [3d) / INQ 34].

As pessoas interagem naturalmente a partir de uma relação de dádiva “todos os dias, agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias); cumprimento, sorriso e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento” [3c) / INQ 2].

Quando se apercebem, está estabelecida uma relação da qual já não prescindem “Claro! E ainda bem! Demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...” [3c) / INQ 9].

A interação alarga-se espiralmente “agradecimento individualmente e reconhecimento coletivo —> festas” [3c) / INQ 35] focalizando cada vez mais pessoas, sendo os efeitos positivos “os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos”[4f) / INQ 9].

A “arte mágica” sentida na relação pedagógica, provocando a mudança de atitudes de alguns alunos. “Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”[ 4 / INQ 31].

No que diz respeito ao objetivo 4, cujo enunciado é “equacionar se existem gestos quotidianos de gratuidade e se estes são facilitadores da aprendizagem dos alunos e de reconhecimento de estima profissional dos docentes”, encontramos histórias verdadeiras de vida que poderão ser narradas a partir de um conjunto de pequenos gestos marcantes “tive uma aluna que me convidou para o seu casamento, dizendo-me que nunca se esqueceu da educadora que lhe “dava miminhos” e que era tão “boa para os meninos”[ 4 / INQ 18], que nos sensibilizam profundamente até porque sentimos o resultado do que foi dado gratuitamente “um dia, encontrei uma senhora no autocarro. Olhou-me. Eu não a reconheci. Em voz alta, disse-me: a Senhora foi a professora que mais me ensinou. Exagerou, de certeza. Mas reconheço... que adorei” [4 / INQ 21].

O que se dá é recebido e imitado “sinto-o quando esses pequenos seres, são o espelho da minha maneira de ser e estar. Com frequência nas minhas expressões pessoais com que sou surpreendida “na boca das crianças” e o imitam-me em atitudes e gestos.”[4 / INQ 32]. A retribuição pode até surgir mais tarde, numa verdadeira história de vida, que terá sensibilizado as pessoas envolvidas para sempre, através da procura do contacto da educadora que marcou o finalista de um curso superior “Recordava o seu rosto de menino e naturalmente eu estava mais velha. No entanto quando sentada na mesa olhava a porta na expectativa de o reconhecer, foi recíproco no cruzar dos nossos olhares o reconhecimento imediato, que se traduziu num sorriso e olho vidrado pela ternura do momento. Sem falsa modéstia, senti-me importante ao escrever um pequeno poema desejando-lhe felicidade e sucesso na sua vida futura. De certeza que no coração do Tiago ficou uma boa imagem da pessoa e da educadora que o ajudou a crescer, em determinada fase da sua vida” [4 / INQ 32]. Realmente tem razão este mesmo inquirido que termina escrevendo “foi um momento de felicidade para sempre recordar”.

No quotidiano de grande parte dos inquiridos há momentos marcantes que ajudam a construir a identidade e os enriquecem “O encontro de antigos alunos, hoje já licenciados ou empregados, que se dirigem a mim, ou mesmo através do facebook... com muita simpatia e agrado” [4 / INQ 1]. São os pequenos/ grandes gestos que fazem com que a pessoa se reconheça profissionalmente “Quando os meus antigos alunos

atravessam a rua para me vir dar um beijo ou mesmo quando me visitam na escola. Já tive um grupo que veio à escola apresentar um trabalho feito por eles no 5º ano.” [4 / INQ 8].

A aceitação das dificuldades do outro e a tentativa de as colmatar, facilitando as aprendizagens dos alunos é evidenciada “... nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades” [4 b) / INQ 28].

Quer acreditar-se na importância da educação para os valores na família “acredito desde que na educação familiar ou escolar tenha como bases os valores fundamentais que eu tento transmitir aos meus alunos: respeito, amizade, verdade, justiça, não exigir nada em troca...” [4 a) / INQ 18] e essa postura relativamente à família será benéfica na educação global e na preservação de cada um como um todo, visando uma maior facilidade na aquisição dos conhecimentos.

Conclui-se que a importância e exigência colocadas na educação e na escola é bem sentida e transmitida pelos inquiridos “a educação é a base de qualquer indivíduo e sem ela não conseguimos evoluir. O conhecimento abre horizontes e desperta a curiosidade.” [4 a) / INQ 9] e “acredito que a escola é um pequeno laboratório da vida futura do aluno...” [4 a) / INQ 26]. É aí que “temos de respeitar todos os alunos e por isso todos devem ser e podem ser desenvolvidos por via da educação/do ensino escolar.” [4 a) / INQ 17].

No que concerne ao objetivo 5, o de “compreender em que medida se sentem implicados os atores perante uma atitude de dádiva do outro. Haverá como que um efeito de contágio se alguém inicia um ciclo de dar-receber-retribuir? Um efeito em espiral? Sentir-se-á a tal “arte mágica”?

A disponibilidade, a conjugação de esforços, o prazer em ser professor e muitos outros exemplos apresentados pelos inquiridos só serão conseguidos se houver uma entrega muito grande, baseada na dádiva, por exemplo na dádiva do tempo voluntário e não remunerado. Essa dádiva “espiralmente” sentida, como que numa autêntica “arte mágica” conduzirá a que o docente se sinta “motivado a continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis”[ 4e) / INQ 1].

“Comportamento gera comportamento”[2 b) / INQ 12] e “atitudes positivas levam a atitudes positivas” [2 b) / INQ 17] levam-nos a inferir como gestos simples podem resultar numa grande cadeia de valores humanos e sociais, conduzindo a que o outro se sinta contagiado e tome parte nessa espiral de dádiva em dádiva.

Uma autêntica arte, a de conseguir transformar as pessoas “a mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”. [4/ INQ 31], numa partilha constante sabendo que “necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade” [4 a) / INQ 34]. Numa busca e encontro permanente de razões porque “Facilitar... Nunca!” [4 b) / INQ 8] e há que “chegar até ele” [4 b) / INQ 34].

Nesta cumplicidade será mais fácil “transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados” [4 c) / INQ 3], levando-os a valorizarem a atitude [4 c) / INQ 11], e a perceberem que “o respeito, o amor, a alegria de um convívio saudável e recíproco que humaniza as relações e que muito se aprende, sem querer” [4 c) / INQ 32], numa verdadeira arte que fará cada um deles “... por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz” [4 d) / INQ 1].

Numa dinâmica de dádiva, o interveniente “aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais” [4 d) / INQ 2] e “desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal”[ 4 d) / INQ 10], contribuindo para que “seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas” [4 d) / INQ 20].

Na dádiva “os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores” 4 e) / INQ 8], assim como “ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro” [4 e) / INQ 10], conduzindo a “melhores resultados. Mais confiança no trabalho desenvolvido. Mais confiança nas posturas e na educação” [4 f) / INQ 5].

Pela dádiva e através dela “a comunidade acredita no nosso trabalho, valoriza as nossas decisões e vai facilitar e apoiar a nossa tarefa” [4 f) / INQ 19]: a “arte mágica” sentida e “espiralmente” percebida, concluímos.

As transcrições apontadas são as que, com mais evidência, demonstrarão o cerne deste estudo: a relação pedagógica baseada no espírito de dádiva, provocará um efeito de contágio e em espiral, contribuindo para o perceber de uma arte mágica que será sentida, mais cedo ou mais tarde, pelos intervenientes implicados, originando uma sensação de estar bem, de serenidade, de alegria e vontade de ser mais e melhor.

No que diz respeito ao objetivo 6, o de “avaliar a qualidade do laço social, construída pelo sistema de dádiva/dom, existente entre os sujeitos da comunidade escolar” podemos inferir que o valor do laço, pertencente ao “dom” e que este gera, poderá transformar as pessoas, levando-as a uma alteração de atitudes “a mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos” [4/ INQ 31]. Acredita-se conseguir transformar através do inculcar de valores “transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados” [4 c) / INQ 3]. O laço será conseguido através de uma “maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho” [4 e) / INQ 7] e “os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro” [4 e) / INQ 10]. Assim será mais fácil uma aproximação através do laço criado, conseguindo-se “bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola” [4 e) / INQ 22] e “uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro, tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes!” [4 f) / INQ 1].

O laço, um dos valores decorrentes da dádiva, conduzirá a que “os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo” [4 f) / INQ 8].

A importância dos pequenos e simples gestos “através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...” [2 a) / INQ 1], bastando tão

pouco para se conseguir por vezes muito “através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso” [2 a) / INQ 2].

A gratuidade colocada nesses gestos simples “ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa” [4 d) / INQ 9]. Esses gestos levarão a que a pessoa se sinta bem, reconhecidamente bem, até porque nessa relação pedagógica baseada na dádiva, uma arte mágica poderá ser sentida, levando à construção de “um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam energias. Os alunos e docentes serão bem mais felizes” [4 e) / INQ 34].

As marcas ficarão para sempre e, quem sabe, a espiral da dádiva terá continuidade porque “os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo” [4 f) / INQ 8]. Basta que se faça com gosto, basta que “demos a nossa alma”, de uma forma gratuita “será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem” [4 f) / INQ 18].

Esta postura poderá conduzir a uma “diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos” [4 d) / INQ 3], facilitadora de uma aprendizagem saudável e mais igualitária, também porque baseada na dádiva, provocando uma “arte mágica” sentida, refletida e tornada a receber pelos diferentes atores envolvidos.

Pelo exposto, parece-nos poder concluir que a “arte mágica” funciona na relação pedagógica, por via da dádiva.

Precisaremos de ser simples e criativos. Como refere Gianni Rodari “Muito obrigado: ‘pessoas criativas procuram-se’ para que o mundo fique como está. Não senhor: desenvolvamos antes a criatividade de todos, para que o mundo mude” (1993:196).

Para que o mundo mude “tomando sempre novas qualidades” parafraseando novamente Luís Vaz de Camões, reciclando ou reutilizando os valores para sempre fundamentais na evolução do ser humano.



Como refere Amorim “a ideia de metamorfose subjaz, de resto, às ideias de muitos daqueles que concebem o Homem enquanto ser em permanente evolução. A exemplo do que se diz, poderiam evocar-se várias perspetivas psicológicas desenvolvimentais, donde salientaríamos o modelo desenvolvimental-ecológico – ou até as “metamorfozes do espírito” exortadas pelo Zaratustra nietzscheano, bem como a própria conceção budista do aperfeiçoamento existencial” (2006:17-18).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para um aperfeiçoamento existencial, também é importante estar atento e “dar atenção”, tal como refere Daniel Innerarity “e a história da atenção constitui um eixo explicativo de muitos fenómenos sociais”(2009:131). Muito se transformaria, novas qualidades seriam mais rapidamente descobertas, se cada um tivesse o cuidado de “dar atenção” ao outro, o outro que coabita connosco, o outro com quem partilhamos o local de trabalho, o outro que mora próximo, o outro que nos atende na loja, o outro com quem simplesmente nos cruzamos e lhe desejamos um “bom dia” e os outros “outros”.

“Que imagem da sociedade se formaria se, em vez de entender o trato humano como uma troca de mercadorias, o pensássemos como um intercâmbio de atenções?” (*idem*, *ibidem*:132).

Será ou seria tão simples e fácil, basta ou bastaria sentirmos que o outro é importante como pessoa, merece e necessita da nossa atenção e enriquecer-nos-á também pela partilha que daí advirá. Como afirma José Luís Gonçalves “se ver e reconhecer o outro na sua forma elementar representa já um gesto expressivo de afirmação, de apoio ou deferência, então conclui-se que o reconhecimento vai mais longe e aponta para uma meta-ação: na medida em que dirigimos um gesto de reconhecimento ao outro, damos-lhe a conhecer, performativamente, que nos sentimos obrigados a ter um comportamento de bem-querer em relação a ele” (2007:98).

Poderá ser um comportamento baseado no espírito da dádiva, tão-somente. É decisiva a postura de cada um de nós, na vida pessoal e social, numa atitude permanente de “civismo alerta”, procurando assim o nosso bem-estar interior e o de todos que nos rodeiam. Citando Cristina Palmeirão “combinar o respeito, a dignidade, a autonomia e a solidariedade é, de facto, a melhor receita para a construção de uma cidadania ativa e participativa. O segredo é tão só a junção de todos estes ingredientes” (2007:128).

Há que saber ser, saber estar e saber fazer de modo a que os “ingredientes” se interliguem natural e autenticamente.

Como refere Agostinho da Silva, “se agirmos a cada momento com a sentida gratidão daquele a quem estão dando o melhor que poderia imaginar, isto é, a ocasião de ser, ter-

se-ão ganhado gratuitamente as qualidades que maior fruto podem dar no agir” (1990:80).

Se recebemos gratuitamente a vida, a “ocasião de ser”, temos de produzir os frutos, numa atitude íntegra no dia a dia da nossa existência, agindo de acordo com valores, valores que nos irão conduzir a uma sociedade mais justa e humanizada. Se cada um o fizer no seu espaço, dando, recebendo, retribuindo, passará a mensagem ao outro, provocando uma autêntica cadeia de valores, no seu círculo de relações humanas.

Através deste estudo e dos resultados apresentados, são destacáveis a atenção e a dádiva que muitos dos inquiridos demonstram e manifestam ter e receber, num autêntico espírito de intercâmbio, conduzindo a um efeito de espiral, de cadeia de dádivas, obtendo-se, porque se sente, uma arte mágica facilitadora da criação de um ambiente amistoso, fraterno, alegre: todos gostamos de viver assim, sentimo-nos bem.

É premente pensar e trabalhar para um recriar ativo de cidadania, conforme afirma Joaquim Azevedo “do governo da cidade deveria esperar-se sobretudo o incentivo a todos os atores sociais para a permanente recriação social de «arquitetura espiritual», para a capacidade de recriar cidadania, liberdade e esperança renovada, de elevar a qualidade de vida de todos os cidadãos, em torno de valores culturais e de uma nova visão da vida na cidade” (2007:20).

Pedagogia social, precisa-se! Não que o ser humano tenha deixado de ser social, mas porque o ser humano esqueceu ou desvalorizou o valor dos laços afetivos familiares, das relações de vizinhança e de proximidade, da hospitalidade e solidariedade, numa relação de dádiva.

Poderemos questionar, citando Isabel Baptista “quer isto dizer que se pretende ‘pedagogizar’ todas as dimensões da vida?” (2007:147). De modo algum, mas é urgente que surja “a produção de um conhecimento cientificamente consistente que, integrando o contributo de diversos saberes académicos, seja capaz de alimentar o diálogo reflexivo com uma pluralidade de atores, de experiência, de áreas disciplinares, de tempos e espaços de intervenção” (*idem, ibidem*:148).

É necessário, então, que os profissionais das diferentes áreas trabalhem em conjunto, que sejam dados espaços e tempos para que tal aconteça, para partilharem as suas

experiências, transmitindo e dando os seus saberes, disponibilizando o seu tempo, uma das muitas dádivas, de modo a interagirem e reagirem, para melhor poderem agir junto das pessoas, aproximando-se delas para as ajudar, “somos todos «sujeitos de ajuda». Precisamos todos de «ser salvos». E, importa não o esquecer, ninguém se salva sozinho.” (*idem*, 2008:20).

Este espírito de cooperação, esta hospitalidade entre os profissionais irá proporcionar uma vida mais digna e feliz para todos, porque baseada na lógica defendida por Mauss do “dar, receber, retribuir”. Desinteressadamente. Até porque como refere Hannah Arendt “a bondade só pode existir quando não é percebida, nem mesmo por aquele que a faz; quem quer que se veja a si mesmo no ato de fazer uma boa obra deixa de ser bom; será, no máximo, um membro útil da sociedade ou zeloso membro de uma igreja. Daí: 'Que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita'.” (2001:88).

A dádiva impregnada de bondade, a dádiva gratuita.

Temos de olhar os rostos, os rostos dos que conosco (con)vivem, observá-los, comunicar com cada um deles. É necessário que se façam ouvir e que haja quem os ouça. Isso também é pedagogia social: estar atento e dar atenção.

Não podemos perder a esperança. Como refere Innerarity “a esperança é a esperança em alguma coisa que supere qualquer saber que a perceba e qualquer regra que a discipline” (2009:222).

Através deste estudo, percebemos que a dádiva afinal não está fora de moda nem é uma utopia. Pelo contrário, entendemos que as pessoas a sentem e necessitam dela para o seu equilíbrio, o seu e o dos outros. É assim também que a dádiva se cruza com a Pedagogia Social, fazendo parte integrante deste saber científico.

Citando Isabel Baptista “fundamenta-se assim a necessidade de um novo paradigma epistemológico, desejavelmente assente na hospitalidade da razão enquanto exigência antropológica e ética” (2007:141).

Teremos de continuar a unir esforços, lutando por um mundo, que acreditamos vir a ser melhor, mais hospitaleiro. Facilitará vivermos de dádiva em dádiva uns para com os

outros, sabendo-nos contagiar, provocando a arte mágica, impulsionadora de um ambiente feliz e saudável para quem nele habita.

Poderá até ser que consigamos praticar as palavras escritas e encontradas ocasionalmente (que ocasião tão rica!) há muitos anos num velho almanaque, na casa de uma avó muito querida:

“Senhor, dá-me Coragem para mudar o que pode ser mudado,

Dá-me Serenidade para aceitar o que não pode ser mudado,

Dá-me Sabedoria para distinguir uma situação da outra”.

Se nós formos recebendo estas e outras graças, como vamos retribuir?

Dando, simplesmente.

## BIBLIOGRAFIA

- Amorim, José Pedro (2006). *O impacto da educação e formação de adultos no desenvolvimento vocacional e da cidadania — A Metamorfose das Borboletas*. Lisboa: Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho, Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social.
- Arendt, Hannah (2001). *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Augé, Marc (2005). *Não-Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*. Lisboa: 90 Graus Editora.
- Azevedo, Joaquim (2007). “A Educação de Todos e ao Longo de Toda a Vida e a Regulação Sociocomunitária da Educação”. *Cadernos de Pedagogia Social, Volume III*, 9-34. Porto: Editora Universidade Católica.
- Azevedo, Joaquim (2008). “Aprendizagem ao longo da vida e regulação sociocomunitária da educação”. *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 1*, 7-40. Porto: Editora Universidade Católica.
- Banks, Sarah e Nohr, Kirsten (2008). *Ética Prática para as Profissões do trabalho Social*. Porto: Porto Editora.
- Baptista, António Alçada (1999). *Tecido do Outono*. Lisboa: Editorial Presença.
- Baptista, Isabel (2005). *Dar rosto ao futuro, a educação como compromisso ético*. Porto: Profedições.
- Baptista, Isabel (2007) “Políticas de alteridade e cidadania solidária – as perguntas da Pedagogia Social”. *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 1*, 135-151. Porto: Editora Universidade Católica.
- Baptista, Isabel (2008a) “Pedagogia Social: Uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção”. *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 2*, 7-30. Porto: Editora Universidade Católica.
- Baptista, Isabel (jul.- dez. 2008b). “Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares”. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano V, n.º 2, 5-14.
- Baptista, Isabel (2009). “Educabilidade e laço social – ética e política da alteridade”. In *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*. Porto: Universidade Católica.

- Bauman, Zygmunt (2007). *Modernidade e Ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Bell, Judith (2010) *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, Robert e Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Caillé, Alain - traduzido por Martins, Paulo Henrique e Campus, R. Bivar C. - org. (2006). *O Dom entre Interesse e "Desinteressamento"*. Polifonia do Dom. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Camões, Luís Vaz (1994). *Rimas*. Coimbra: Almedina.
- Carneiro, Roberto (2006). *A Busca de Sentido*, Revista PRELAC, volume 2, Fevereiro, 6-11. [Consultado em 2011-03-27, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001455/145502por.pdf>].
- Carneiro, Roberto (sem data). *A educação Intercultural*. Disponível em: [[http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col\\_Percursos\\_Intercultura/4\\_PI\\_Cap3.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4_PI_Cap3.pdf)]. [Consultado em 2010-02-01].
- Carvalho, Adalberto Dias (2000). *Diversidade e identidade, atas da 1.ª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP).
- Carvalho, Adalberto Dias (2005). *Da Ética à Utopia em Educação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Descartes, René (s.d.). *Discurso do Método*. Lisboa: Publicações Europa-América, Lda.
- Galego, Carla e Gomes, Alberto (2005). "Emancipação, rutura e inovação: o "focus group" como instrumento de investigação". *Revista Lusófona de Educação*, 5, 173-184.
- Gil, José (2005) Portugal, Hoje - *O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Godbout, Jacques (1997). *O Espírito da Dádiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Godelier, Maurice (2000). *O Enigma da dádiva*. Lisboa: Edições 70.
- Gonçalves, José Luís (2007). "Invisibilidade e reconhecimento: a construção da literacia moral em Pedagogia Social". *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 1*, 83-103. Porto: Editora Universidade Católica

- Gonçalves, José Luís (2009). “Aprender na e com a vida – a problematização da experiência como processo de consciencialização”. *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 3*, 35-44. Porto: Editora Universidade Católica.
- Innenarity, Daniel (2009). *A sociedade invisível*. Lisboa: Editorial Teorema, SA.
- Jares, Xesús R. Jares (2007). *Pedagogia da Convivência*. Porto: Profedições.
- Levinas, Emmanuel (2007). *Ética e Infinito*. Edições 70.
- Mauss, Marcel (2008). *Ensaio sobre a dádiva*. Cidade: Edições 70.
- Morin, Edgar (2002). *Os sete saberes para a educação do futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Oliveira, Maria Marly (2007). *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Palmeirão, Cristina (2007). “O esforço do nosso tempo...” *Cadernos de Pedagogia Social, Volume 1*, 125-134. Porto: Editora Universidade Católica
- Pineau, Gaston e Le Grand, Jean-Louis (1993). *Les Histoires de Vie*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Quivy, Raymond e Campenhoudt, Luc Van (1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rita, João (1999). “Isabel Baptista em Entrevista a “A Página””. *Jornal a Página da Educação*, nº 86.
- Rodari, Gianni (1993). *Gramática da fantasia*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Ross, Daniel Burst (1925). *Catecismo da felicidade*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas.
- Sen, Amartya (2007). *Identidade e violência*. Lisboa: Tinta da China
- Serrano, Glória Pérez (2003). *Pedagogia Social – Educación Social, construcción científica e intervención práctica*. Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones.
- Silva, Agostinho (1990). *As aproximações*. Lisboa: Relógio D’ Água.
- Strecht, Pedro (1999). *Preciso de ti. Perturbações psicossociais em crianças e adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Tuckman, Bruce (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Whitman, Walt (2002). *Folhas de erva*. Vol. I. Lisboa: Relógio D’ Água Editores.



## **Outras referências:**

- *Textos da Conferência Internacional novo conhecimento. Nova aprendizagem.* (2000). Adalberto Dias de Carvalho, Joaquim Azevedo e outros. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## **ANEXO I: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISTRIBUIÇÃO DOS INQUÉRITOS**

---

Exmo. Senhor Diretor

do Agrupamento de Escolas D. Pedro I

Eu, Filomena Maria de Melo Rosa Amorim, educadora de infância, grupo 100, a exercer funções na Escola Básica de Chouselas, pertencente a este Agrupamento de Escolas, venho por este meio solicitar autorização para passar questionários aos professores e alunos da Escola Básica de Chouselas.

O questionário é anónimo e declaro, sob compromisso de honra, que a informação a ser recolhida é confidencial e o seu tratamento e divulgação apenas contemplarão a globalidade dos dados e informações, sendo o seu principal objetivo recolher dados para a elaboração da tese de mestrado em Pedagogia Social na Universidade Católica Portuguesa com o tema “A Dádiva: uma arte mágica na relação pedagógica”, sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Azevedo e Dr. José Luís Gonçalves.

Pede deferimento,

Canidelo, 20 de junho de 2011

A Educadora de Infância

---

Filomena Maria de Melo Rosa Amorim

## ANEXO II: INQUÉRITO AOS ALUNOS

---



**Agrupamento de Escolas D. Pedro I**

Escola Sede: Escola Básica de Canidelo  
Código: 152500



**ESCOLA BÁSICA DE CHOUSELAS**

O presente questionário é anónimo e a informação a ser recolhida é confidencial.

O seu principal objectivo é o de recolher dados para a elaboração da tese de mestrado em Pedagogia Social na Universidade Católica Portuguesa com o tema “A Dádiva: uma arte mágica na relação pedagógica”.

Desde já, o nosso muito obrigada pela atenção e colaboração prestadas.

Procura responder da forma mais sincera que te é possível.

1. Género: Masculino  Feminino
2. Idade \_\_\_\_\_ anos
3. Sentes que os teus professores são teus amigos?
4. Como o sentes?
5. Se sim, de que forma demonstras a gratidão para com os professores?
6. O que sentirias se os professores não demonstrassem interesse por ti?
7. Já tiveste algum professor de quem não gostaste?
8. Se sim, que reações sentiste?
9. E qual a tua atitude para com esse professor?

Muito obrigada!

## ANEXO III: INQUÉRITO AOS DOCENTES

---



Agrupamento de Escolas D. Pedro I  
Escola Sede: Escola Básica de Canidelo  
Código: 152500  
ESCOLA BÁSICA DE CHOUSELAS



O presente inquérito é anónimo e a informação a ser trabalhada é confidencial.

O seu principal objectivo é o de recolher dados para a elaboração da dissertação de mestrado em Ciências da Educação, área de especialização em Pedagogia Social, na Universidade Católica Portuguesa.

Desde já, o nosso agradecimento pela atenção e colaboração prestadas.

Género: Masculino  Feminino

Procure, por favor, responder da forma mais sincera que lhe é possível.

1.No seu dia a dia, como caracteriza a sua relação profissional perante nas atitudes que sente receber dos vários agentes educativos? Para responder, selecione apenas as três características mais frequentes:

a)Da parte dos alunos

- |  |   |
|--|---|
| - Simpatia <input type="checkbox"/>    | - Utilitarismo <input type="checkbox"/> |
| - Dádiva <input type="checkbox"/>      | - Oportunismo <input type="checkbox"/>  |
| - Retribuição <input type="checkbox"/> | - Afetividade <input type="checkbox"/>  |
| - Indiferença <input type="checkbox"/> | - Afinidade <input type="checkbox"/>    |
| - Acolhimento <input type="checkbox"/> | - Gratuitidade                          |
| - Afastamento <input type="checkbox"/> | - Outra                                 |
| - Interesse                            |   |

b) Dos outros professores e assistentes

- |  |   |
|--|---|
| - Simpatia <input type="checkbox"/>    | - Utilitarismo <input type="checkbox"/> |
| - Dádiva <input type="checkbox"/>      | - Oportunismo <input type="checkbox"/>  |
| - Retribuição <input type="checkbox"/> | - Afetividade <input type="checkbox"/>  |
| - Indiferença <input type="checkbox"/> | - Afinidade <input type="checkbox"/>    |
| - Acolhimento <input type="checkbox"/> | - Gratuitidade <input type="checkbox"/> |
| - Afastamento <input type="checkbox"/> | - Outra .....                           |
| - Interesse <input type="checkbox"/>   |   |

c) Dos encarregados de educação

- |  |   |
|--|---|
| - Simpatia <input type="checkbox"/>    | - Utilitarismo <input type="checkbox"/> |
| - Dádiva <input type="checkbox"/>      | - Oportunismo <input type="checkbox"/>  |
| - Retribuição <input type="checkbox"/> | - Afetividade <input type="checkbox"/>  |
| - Indiferença <input type="checkbox"/> | - Afinidade <input type="checkbox"/>    |
| - Acolhimento <input type="checkbox"/> | - Gratuitidade <input type="checkbox"/> |
| - Afastamento <input type="checkbox"/> | - Outra .....                           |
| - Interesse <input type="checkbox"/>   |   |

10. Como percebe e retribui as atitudes de que é alvo?

- Sente que os grupos acima referidos as têm desinteressadamente consigo? Se sim, como as manifestam (gestos, comportamentos)?
- Em que medida estas atitudes despertam em si a necessidade de as retribuir? Dê exemplos.
- Se retribuir, o que o/a motiva nessa retribuição?

d) Que objetivos pretende alcançar com essa retribuição?

11.

- a) Na sua opinião, o que é necessário para que duas pessoas se relacionem bem, no âmbito profissional?
- b) Que sentimentos experimenta quando estabelece esse tipo de relação mais afetuosa?
- c) Alguma vez experimentou gratidão por alguém que trabalha consigo na sua escola? Como lhe demonstrou? Numa única ocasião ou em várias?
- d) Sente a existência de uma relação de dádiva, no seu dia a dia profissional? Se sim, em que termos? Se não, o que poderia mudar se ela existisse?

12. Na sua experiência como docente, quando e como sentiu a importância que tem/ teve na formação humana dos seus alunos? Conte um ou dois exemplos.

- a) Acredita sinceramente que qualquer aluno pode desenvolver-se por via da educação/ do ensino escolar?
- b) Já alguma vez desanimou ou facilitou perante as (in)capacidades de um seu aluno?
- c) Se recordar as experiências pedagógicas que desenvolveu e que mais marcaram positivamente os seus alunos, quais foram os valores e as atitudes que lhes estavam subjacentes?
- d) Que efeitos poderá ter uma relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno?
- e) Que efeitos terá uma relação de dádiva sobre a realização profissional do docentes?
- f) Que efeitos produz, na comunidade educativa, uma relação professor/ aluno, baseada num espírito de dádiva?

Muito obrigada

## **ANEXO IV: PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO NO “FOCUS GROUP”**

---

Exmo. Senhor Encarregado de Educação

Solicito a sua autorização para que no dia 8 de Novembro, pelas 16 horas, nesta Unidade Educativa, o seu filho(a) possa sair da aula, durante cerca de meia hora, para a realização de um “Focus Group”, ou seja, uma conversa comigo e outros seus colegas sobre um assunto que estou a estudar.

O grupo será constituído por doze alunos, quatro de cada turma do 4º ano.

Declaro, sob compromisso de honra, que a informação a ser recolhida é confidencial e o seu tratamento e divulgação apenas contemplarão a globalidade dos dados e informações, sendo o seu principal objetivo o de recolher dados para a elaboração da tese de mestrado em Pedagogia Social na Universidade Católica Portuguesa com o tema “A Dádiva: uma arte mágica na relação pedagógica”, sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Azevedo e Dr. José Luís Gonçalves.

Canidelo, 2 de novembro de 2011

---

Filomena Maria de Melo Rosa Amorim

---

### AUTORIZAÇÃO

....., Encarregado de Educação do aluno(a)  
..... declaro que autorizo que o meu educando faça parte do “Focus Group”, no dia 8 de novembro, pelas 16 horas, sob a responsabilidade da Educadora Filomena Amorim.

Data:

Assinatura:

## ANEXO V: GUIÃO DO “FOCUS GROUP”

---



**Agrupamento de Escolas D. Pedro I**

Escola Sede: Escola Básica de Canidelo

Código: 152500



### “Focus Group”

Dia: 8 de novembro de 2011

Número de alunos: 12 (quatro alunos de cada uma das 3 turmas do 4º ano)

Idades: 9/ 10 anos

Observadora externa: Ana Camões

Moderadora: Filomena Amorim

#### **Introdução:**

Após solicitação oficial da realização deste “Focus Group”, assim como da autorização dada por cada um dos Encarregados de Educação destes alunos, o grupo reuniu-se numa das salas da Unidade Educativa.

O tempo previsto para esta conversa é de 30 minutos, até porque a sala será ocupada pela respetiva turma no tempo letivo seguinte.

Aos alunos será explicada a presença e função da Dr.<sup>a</sup> Ana Camões, assim como lhes será comunicado que a conversa será gravada e que todos os dados registados servirão somente para o estudo que está a ser efetuado.

#### **Estrutura do trabalho:**

13. Apresentação da Observadora externa aos alunos.
14. Pequeno preâmbulo acerca do objetivo da conversa a realizar.
15. Questões a serem colocadas:
  - a) Sentem que os vossos professores são vossos amigos?
  - b) De que forma sentem isso? Com que gestos, atitudes, comportamentos...?

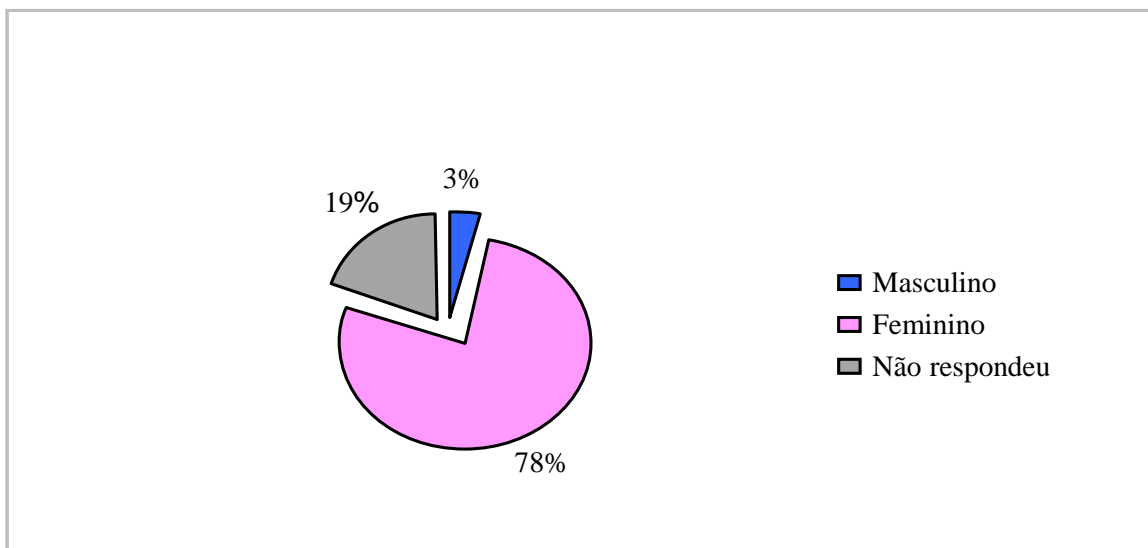


- c) Se sim é, de que forma demonstram a gratidão para com os professores? Como lhes demonstram que se sentem agradecidos? Como lhes mostram que gostam da forma como vos tratam?
- d) O que sentiriam se os professores não demonstrassem interesse por vocês?
- e) Já tiveram algum professor de quem não gostassem muito (sem dizer o nome desse professor)? Porquê?
- f) Se essa situação já aconteceu, que reações sentiram?
- g) E qual foi a vossa atitude para com esse professor?
- h) É importante retribuir / dar de volta ao professor aquilo que ele nos deu? Porquê?

*Muito obrigada a todos!*

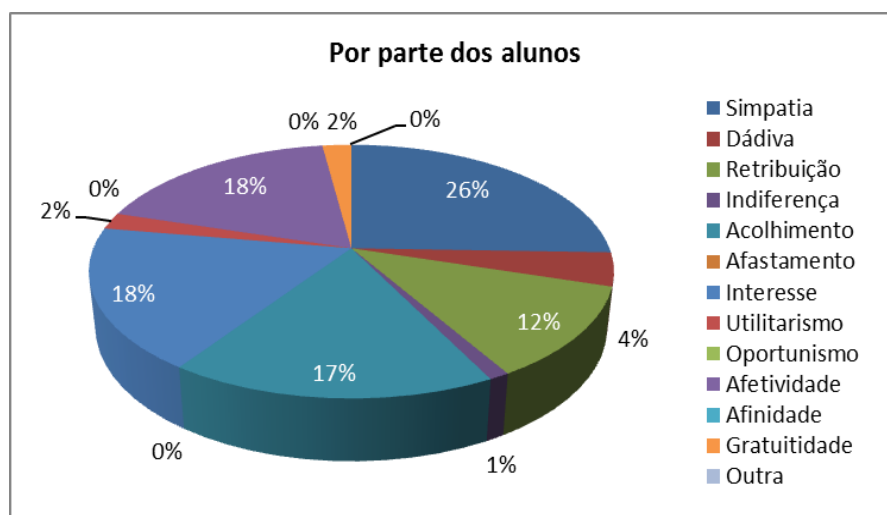
## ANEXO VI: RESULTADOS DOS INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO

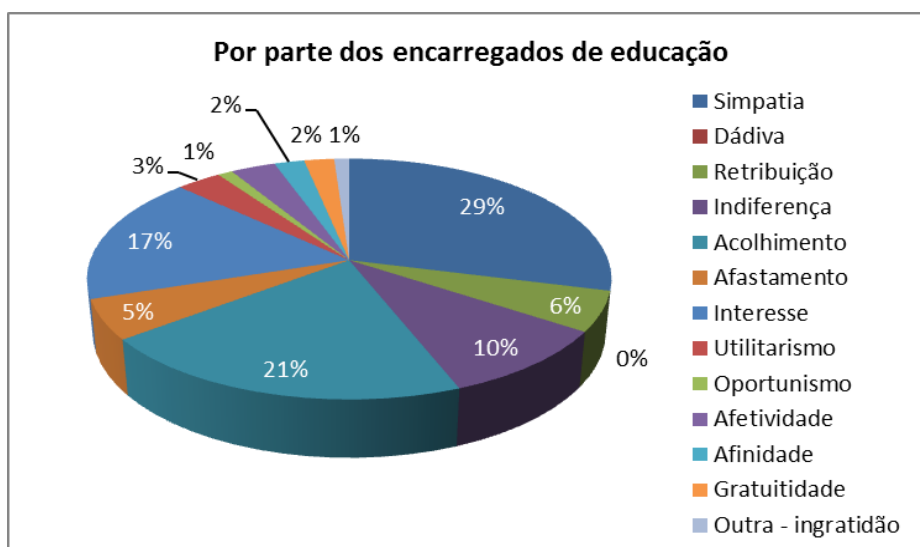
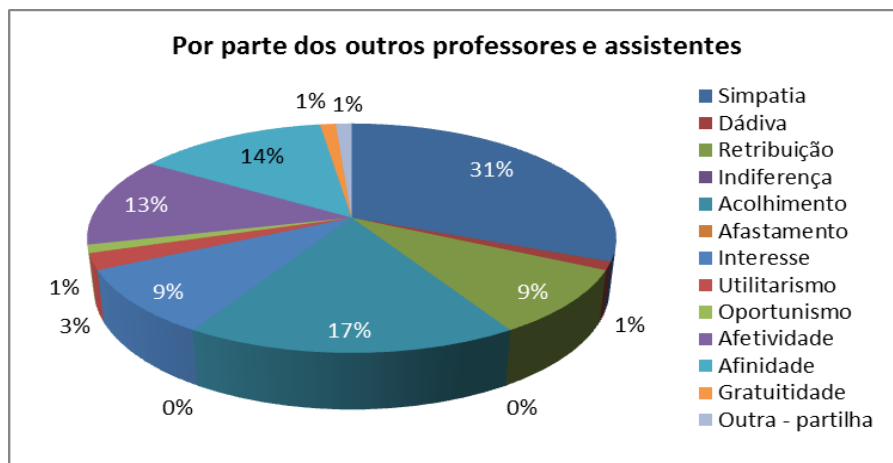
Gráfico 1 – Distribuição percentual do género dos inquiridos.



Fonte: Amorim, 2012

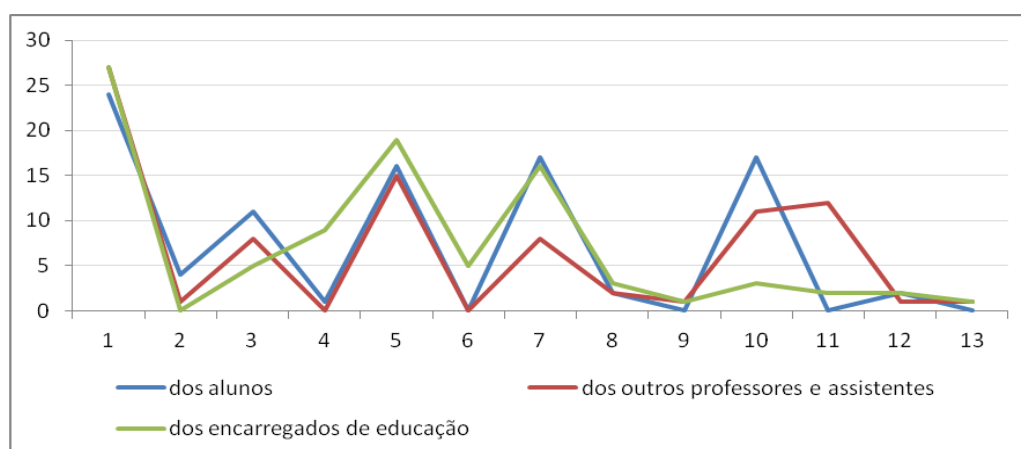
Gráfico 2 – Distribuição percentual das características mais frequentes que os inquiridos sentem receber por parte dos alunos, dos outros professores e assistentes e dos encarregados de educação.





Fonte: Amorim, 2012

**Gráfico 3– Panorâmica geral dos quadros anteriores**



Fonte: Amorim, 2012

## QUESTÕES ABERTAS E RESPECTIVAS RESPOSTAS

### 2. Como perceciona e retribui as atitudes de que é alvo?

e) Sente que os grupos acima referidos as têm desinteressadamente consigo? Se sim, como as manifestam (gestos, comportamentos)?

Respostas dadas	Inquérito nº
Através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...	1
Sim. Através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso.	2
Não.	3
Gestos e comportamentos.	4
Olhares, sorrisos	5
Agradecimentos verbais.	
Os alunos manifestam com comportamentos e gestos.	6
Através de uma palavra amiga.	7
Sim. Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha.	8
Considero o ambiente vivido na escola, com alunos e colegas, extremamente positivo. Resultado de um companheirismo que é expresso em palavras de amizade e sorrisos.	9
Sim, manifestam-se através de gestos e também de comportamentos.	10
Sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles. Somos Professores damo-nos bem existem gestos de amizade, espírito de colegas, gestos de ajuda.	11
Sinto que a comunidade educativa tem comportamentos de afetividade, respeito e confiança.	12
Sim. Manifestam espontaneamente, sem cobranças nem formulação de juízos de valor.	13
Sorrisos, tom de voz, palavras simpáticas.	14
Cumprimentando-me, partilhando informação.	15
Sim. Por gestos, comportamentos e atitudes.	16
A maior parte, penso que sim, dado que estes gestos e comportamentos são favoráveis para ambas as partes e por isso não deve ser norteados por interesses secundários.	17
Normalmente os grupos referenciados reagem com palavras de agradecimento, de simpatia e no caso das crianças através de abraços e o agarrar/ puxar da bata.	18
Mantendo um contacto próximo com as pessoas. Investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem.	19
Sim. Manifestam através de um sorriso e de uma palavra amiga.	20
Por gestos, comportamentos e palavras.	21
Sim. Pela simpatia e colaboração nos diversos assuntos.	22
Pelas atitudes que apresentam.	23

Pelos comportamentos e atitudes que têm quando se relacionam comigo.	24
Sim. Dependendo dos grupos, os índices de retribuição são diferentes. Posso observá-los através dos gestos e comportamentos do dia a dia.	25
Através do interesse e comportamento dos encarregados de educação.	26
Demonstram interesse nas atividades realizadas e prazer em colaborar.	27
Sim. Através de gestos e comportamentos espontâneos, como por exemplo: cumprimentos, gestos “carinhosos”, partilha sem interesse...	28
Não respondeu.	29
Gestos e comportamentos.	30
Sim. Manifestam-se através de atitudes e gestos.	31
Manifestam-se por ambas as atitudes: gestual e comportamental.	32
Sim, manifestam-nas agradecendo a minha preocupação para com os seus educandos.	33
Sim, por gestos de simpatia, palavras carinhosas e vontade de ajudar.	34
Pela forma eficiente como apresentam os trabalhos e disponibilidade que demonstram.	35

Nas respostas apresentadas, deparamo-nos unicamente com a existência de uma resposta negativa e de uma pessoa que não respondeu.

Os restantes inquiridos sentem, de um modo ou de outro, as atitudes positivas da parte dos outros, sendo os termos mais aplicados nas respostas os seguintes:

- Sorriso - INQ. 2, 5, 9, 14 e 20.
- Reconhecimento/ agradecimento – INQ. 1, 2, 5, 18 e 33.
- Carinho/ afetividade – INQ. 1, 8, 12 e 28.
- Partilha – INQ. 8, 15 e 28.
- Amigo/ amizade – INQ. 7, 11, 20.
- Simpatia – INQ. 14, 18 e 22.
- Respeito – INQ. 1, 12.

Percecionamos, nas suas respostas, a importância que dão às atitudes e gestos recebidos, porque também são dados “sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles” (INQ 11).

A questão do desinteressamento na dádiva é levantada “a maior parte, penso que sim, dado que estes gestos e comportamentos são favoráveis para ambas as partes e por isso não deve ser norteador por interesses secundários” (INQ 17), não deixando o inquirido de iniciar a sua resposta com a expressão “a maior parte”.

A valorização da espontaneidade é expressa “manifestam espontaneamente, sem cobranças nem formulação de juízos de valor” (INQ 13) e “através de gestos e comportamentos espontâneos, como por exemplo: cumprimentos, gestos “carinhosos”, partilha sem interesse...” (INQ 28).

Em todas as respostas e porque a pergunta a isso conduzia, os inquiridos aludem aquilo que recebem, havendo algumas exceções:

- No INQ 11 surge a resposta “assim como tenho para com eles”, está subjacente a ideia de que recebe porque também dá.
- No INQ 19 o inquirido responde não através daquilo que recebe, mas sim do que dá “mantendo um contacto próximo com as pessoas. Investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem”, não fazendo sequer alusão àquilo que, em contrapartida, recebe.

Há que realçar o ambiente participativo e de inter-relação sentido em várias respostas “os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha” (INQ 8), “considero o ambiente vivido na escola, com alunos e colegas, extremamente positivo. Resultado de um companheirismo que é expresso em palavras de amizade e sorrisos” (INQ 9), “somos Professores damo-nos bem existem gestos de amizade, espírito de colegas, gestos de ajuda” (INQ 11), “sinto que a comunidade educativa tem comportamentos de afetividade, respeito e confiança” (INQ 12), “pela simpatia e colaboração nos diversos assuntos” (INQ 22), “através do interesse e comportamento dos encarregados de educação” (INQ 26), “demonstram interesse nas atividades realizadas e prazer em colaborar” (INQ 27).

f) **Em que medida estas atitudes despertam em si a necessidade de as retribuir? Dê exemplos.**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
Retribuo com a disponibilidade, o carinho, a alegria, a aceitação das diferenças, com o meu tempo...	1
Quando os gestos são simpáticos, como um envio de um e-mail a agradecer, respondo sempre.	2
Não respondeu.	3
Não respondeu.	4
Respeito  Gosto pela profissão, pelo contacto com os outros  Partilha	5
Pelo facto de serem crianças serem carentes de aprendizagem e/ ou carentes de afetividade.	6
Mostrando simpatia e disponibilidade.	7
Gosto de ajudar os colegas e faço-o sempre que posso. Recebo os Encarregados de Educação	8

sempre com simpatia e quando precisam.	
Quanto mais fazem por mim, mais eu sinto necessidade de retribuir. Por exemplo, quando alguém elogia o meu trabalho ou empenho, estou mais alerta para depois também retribuir as palavras de elogio (desde que sejam honestas).	9
É um bom princípio retribuirmos afetos, pequenos gestos que propiciam felicidade de outrem.	10
Eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas.	11
Acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho. Sinto que diariamente no meu trabalho um sorriso a um adulto e um carinho a uma criança já tem toda a diferença.	12
Retribuindo, desenvolvendo empatia, escutando, encorajando.	13
Sempre que uma pessoa é simpática sinto a necessidade de retribuir essa simpatia	14
Sempre que sinto da parte dos outros uma atitude positiva, a minha reação é corresponder.	15
Mostrando simpatia, empenho e disponibilidade.	16
Penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo. Por exemplo, uma turma de alunos recetivos, interessados e simpáticos levam a que seja mais fácil e agradável retribuir com as mesmas atitudes.	17
No caso dos adultos, sinto necessidade de agradecer sempre as atitudes de carinho e agradecimento que têm para comigo. No caso das crianças retribuo da mesma maneira, beijo, abraço, passar a mão pela cabeça, elogios...	18
Inserida numa comunidade educativa é impossível estar distante e afastada das pessoas. Dar e receber, ouvir, perguntar, compreender, perceber...	19
Não despertam interesse, mas sim vontade. Por uma questão de simpatia e boa educação.	20
Colaboração.	21
A gratidão e a simpatia destes grupos.	22
Ajudá-las no que está ao meu alcance.	23
Se são simpáticos e afáveis tento ter o mesmo tipo de comportamento.	24
Como é natural em qualquer ser humano a tendência é retribuir conforme e de acordo com a respetiva atitude. Se me dão um sorriso, retribuo-o.	25
Envolvendo os pais em eventos escolares...	26
Se os alunos demonstram interesse, sinto prazer em continuar a fazer mais e melhor...	27
Eu penso que quando somos bem acolhidos e recebidos, temos necessidade de retribuir, por exemplo através de um bom desempenho profissional e estabelecendo uma relação de cooperação com os colegas/Pais/Alunos.	28
Não respondeu.	29
<i>Não respondeu.</i>	30
Qualquer atitude positiva para com a minha pessoa, leva-me a retribuir da mesma maneira: ser	31

amiga, prestável, atenciosa, compreensiva...	
Dar o exemplo sedo modelo do que esperam de mim, atuando com educação e esperando dos outros a mesma atitude, com serenidade e respeito mútuo.	32
Trazendo os pais à escola, envolvendo-os em atividades de confraternização e depoimentos das suas histórias de vida.	33
Eu gosto de retribuir, simplesmente.	34
Valorização de gestos, atitudes, desempenhos.	35

A esta pergunta sobre a necessidade de retribuir, realçamos o facto de surgirem trinta e uma resposta afirmativas, não tendo respondido os restantes quatro inquiridos.

Das respostas afirmativas, há quem especifique que ação gera reação de igual significado (INQ 12, 15, 17, 24, 25 e 31).

Há também quem refira que reaja por gosto (INQ 11, 20, 34).

Podemos sintetizar determinadas palavras chave para servirem de exemplo ao modo como os inquiridos retribuem:

- Retribuir /retribuindo (INQ 9,10,11,13,14, 25, 28, 31, 34)
- Simpatia/simpáticos (INQ 2, 7, 8, 14, 16, 17, 20, 22, 24)
- Afeto/afetividade (INQ 6, 10, 11, 12)
- Disponibilidade (INQ 1, 7, 16)

A vontade sentida pelos inquiridos em retribuir é notória, destacando-se a necessidade de um inquirido ter frisado que não o faz por obrigação “eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas” (INQ 11).

A noção da trilogia “dar, receber, retribuir” referida por Mauss, está bem presente nestas respostas, por exemplo “quanto mais fazem por mim, mais eu sinto necessidade de retribuir. Por exemplo, “quando alguém elogia o meu trabalho ou empenho, estou mais alerta para depois também retribuir as palavras de elogio (desde que sejam honestas)” (INQ 9), “acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho. Sinto que diariamente no meu trabalho um sorriso a um adulto e um carinho a uma criança já tem toda a diferença” (INQ 12) e ainda “penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo. Por exemplo, uma turma de alunos recetivos, interessados e simpáticos levam a que seja mais fácil e agradável retribuir com as mesmas atitudes” (INQ 17).



**g) Se retribuir, o que o/a motiva nessa retribuição?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
Uma aproximação dos encarregados de educação...	1
O bem estar da outra pessoa.	2
Não respondeu.	3
A amizade.	4
Partilha.	5
Ajudá-los a sentir-se importantes como alunos e cidadãos em formação.	6
A simpatia e o interesse.	7
O saber que só de um pleno entendimento com a comunidade educativa é que conseguimos contribuir para o progresso dos nossos alunos.	8
Quando recebemos reforço positivo e gostamos, penso que devemos proporcionar esse ambiente saudável aos nossos colegas.	9
Simplesmente o ato de (não finalizou a frase).	10
A felicidade que sinto.	11
A comunicação que estabeleço, o partilhar de experiências.	
O bem estar pessoal e social dos indivíduos e agregados familiares. Trabalho na base do dar e do receber.	12
A necessidade de estabelecer laços baseados na confiança mútua.	13
O comportamento da pessoa	14
Motiva-me a boa relação que é possível estabelecer com os outros.	15
Interesse e simpatia.	16
O que me motiva é a minha satisfação pessoal por saber que estou a contribuir, de alguma forma, para que a escola seja um local agradável e de troca de saberes.	17
O sentir que estamos no caminho certo e o que fazemos é reconhecido com o sentir.	18
A proximidade com as pessoas, fortalecer ainda mais as relações, estar perto das suas necessidades, problemas...	19
Simpatia, interesse e boa educação.	20
Gratidão.	21
A atenção e o interesse pelo próximo.	22
Partilha.	23
Gosto de ter um relacionamento cordial com todos os que me rodeiam, por isso tento corresponder às manifestações de simpatia que têm para comigo.	24
Depende. Se a situação for positiva é fácil retribuir da mesma forma. Se não, cada vez mais tento ser indiferente e usar de bom senso.	25
Um conhecimento mais próximo dos Encarregados de Educação.	26
Penso que já respondi.	27
Pelo motivo referido anteriormente (na resposta anterior).	28

Não respondeu.	29
A amizade.	30
Satisfação pessoal.	31
O respeito pelo outro e o desempenhar o meu papel educativo de corresponder às expectativas esperadas de acolhimento e eficiência profissional.	32
Contribuir para o sucesso dos alunos e fomentar o bem-estar na comunidade escolar.	33
A alegria de dar e tornar o outro feliz.	34
O reconhecimento.	35

A esta pergunta responderam trinta e três pessoas e duas não reponderam.

As motivações que levam os inquiridos a retribuir são várias, mas numa dinâmica de valores muito próximos.

- Por aproximação aos Encarregados de Educação ou bom entendimento com a comunidade educativa (INQ 1, 8, 13, 15, 19, 24, 26, 33, 34)
- Simpatia/interesse (INQ 7,16, 20, 24)
- Preocupação com os alunos (INQ 6, 8, 33)
- Bem estar (INQ 2, 12, 33)
- Partilha (INQ 5, 11, 23)
- Por realização/satisfação pessoal, profissional (17, 31)

É notória a preocupação demonstrada com a aproximação aos Encarregados de Educação ou o bom entendimento com a comunidade educativa. Os inquiridos preocupam-se com o bem estar que conduzirá ao progresso dos alunos, como por exemplo “o saber que só de um pleno entendimento com a comunidade educativa é que conseguimos contribuir para o progresso dos nossos alunos (INQ 8) ou “o que me motiva é a minha satisfação pessoal por saber que estou a contribuir, de alguma forma, para que a escola seja um local agradável e de troca de saberes” (INQ 17), “contribuir para o sucesso dos alunos e fomentar o bem-estar na comunidade escolar” (INQ 33) ou muito simplesmente “a alegria de dar e tornar o outro feliz” (INQ 34).

**h) Que objetivos pretende alcançar com essa retribuição?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
O bem estar, a partilha, a união.	1
Fazer com que a outra pessoa se sinta bem	2
Não respondeu.	3
Não respondeu.	4
Bem estar	5
Convívio.	

Contribuir para a sua formação integral como pessoa e cidadão.	6
Bom ambiente de trabalho.	7
Respeito, partilha, uma escola sã e viva onde os meus alunos gostam de estar.	8
Contribuir para um bom ambiente de trabalho e reforçar os sentimentos positivos.	9
Sentir-me bem comigo e com os outros.	10
Não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição.	11
A confiança, a promoção social, a partilha de experiências pessoais que podem levar ao desenvolvimento pessoal e social.	12
Crescer enquanto profissional e enquanto pessoa.	13
Boa educação, ambiente favorável ao bom funcionamento	14
Pretendo criar um bom ambiente no local de trabalho.	15
Um bom ambiente entre todos.	16
Penso já ter respondido na pergunta anterior porque o que me motiva e os meus objetivos são os mesmos.	17
Dar cada vez mais de mim aos outros, principalmente a quem mais precisa.	18
Cumprir os meus deveres profissionais na comunidade onde tenho o privilégio de trabalhar.	19
Um bom ambiente de trabalho.	20
Amizade, harmonia.	21
Um bom ambiente de trabalho.	22
<i>Não respondeu.</i>	23
Convivência feliz, saudável, de paz e amizade.	24
Paz interior e acima de tudo estar bem comigo própria. Mas também com os outros, sempre que possível.	25
O equilíbrio dos agentes envolvidos na educação do aluno/a.	26
Criar empatia com os agentes envolvidos.	27
Estabelecer e contribuir para um bom ambiente de trabalho.	28
Promover a partilha e colaboração.	
Não respondeu.	29
<i>Não respondeu.</i>	30
Sentir-me bem comigo própria e com os que me envolvem.	31
Ambiente saudável de convívio entre todos com o mesmo objetivo, o bem da criança e do ambiente que o rodeia, para o sucesso escolar e pessoal, de cada um em particular e de todos em geral.	32
Contribuir para o sucesso dos alunos e fomentar o bem-estar na comunidade escolar.	33
A felicidade do outro.	34
Incentivar e valorizar a participação.	35

A esta questão responderam trinta dos inquiridos, não tendo respondido cinco pessoas.

Destaca-se notoriamente o seguinte objetivo:

- Bom ambiente de trabalho (INQ 7, 9, 14, 15, 16, 20, 22, 28, 32)

Evidencia-se, deste modo, a necessidade que os inquiridos sentem em proporcionar e sentir um bom ambiente de trabalho, no seu dia a dia.

Além deste, destacam-se vários valores

- Partilha (INQ 1, 8, 12, 28)
- Bem estar (INQ 1,5,33)
- Paz (INQ 24, 25)

A resposta do inquirido 11 diz “não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição”. Trata-se do mesmo inquirido que, numa resposta anterior, manifestou “não retribuir por obrigação”, mas sim por gosto, portanto também nesta resposta demonstra o seu “desinteressamento” ao agir de uma determinada maneira.

3

e) **Na sua opinião, o que é necessário para que duas pessoas se relacionem bem, no âmbito profissional?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
O respeito, a educação.	1
Respeito e diálogo.	2
Aceitem as diferenças.	3
A amizade.	4
Bom ambiente Confiança Bem estar.	5
Respeitem-se e terem o mesmo objetivo.	6
Respeito.	7
Que se respeitem e que exista entre elas uma grande empatia.	8
Serem igualmente exigentes e desenvolver métodos de trabalho parecidos; encarar a profissão com seriedade e responsabilidade; ter a humildade e capacidade de ouvir críticas e desejo de melhorar.	9
Respeito mútuo e espírito de interajuda.	10

É necessário o respeito pelo outro e saber qual a função de cada um desempenhando o melhor possível a sua profissão.	11
Empatia, simpatia, respeito e confiança.	12
Sinceridade e respeito.  Ética.	13
Educação em primeiro lugar; Profissionalismo/cumprimento das tarefas e Simpatia e boa disposição	14
Deve haver empatia entre as pessoas, partilha e cooperação	15
Dedicação e respeito.	16
Haver uma relação de confiança e de frontalidade de modo a evitar possíveis equívocos.	17
Basta que haja amizade, partilha e não haja inveja ou querer ser melhor que o outro. Acima de tudo pensar que temos nas nossas mãos o que há de melhor no mundo e precisamos de semear neles valores cruciais e para tal temos que dar o exemplo.	18
Tolerância, respeito e muita disponibilidade	19
Respeito.	20
Amizade, compreensão	21
Simpatia, interesse e civismo	22
Respeito.	23
Respeito o trabalho dos outros, sou solidária, tento ajudar quando vejo que precisam de ajuda e eu posso apoiar em algum aspeto.	24
Se respeitem.	25
Partilharem de forma aberta as suas experiências educativas.	26
Terem espírito de equipa e serem solidários.	27
Respeito, partilha/cooperação, profissionalismo.	28
Não respondeu.	29
A amizade.	30
Ter espírito de partilha, entreajuda, tolerância e respeito.	31
Respeito, profissionalismo, eficiência.	32
Terem afinidades e espírito de partilha.	33
Respeito mútuo e boa educação.	34
Empatia e conjugação de esforços.	35

Ao analisarmos todas estas respostas, às quais não respondeu só um inquirido, destacamos com facilidade o termo “respeito”. Ao contabilizarmos o número de referências, detetamo-lo em dezanove respostas:

- Respeito (INQ 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 16, 19, 20, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 34)

Além deste conceito, outros surgem, uns mais destacadamente do que outros:

- Empatia/Simpatia (INQ 8, 12, 14, 15, 22, 35)

- Partilha/cooperação (15, 18, 26, 28, 31, 33)
- Amizade (4, 18, 21, 30)
- Profissionalismo/ exigência (9, 14, 28, 32)
- Educação (1, 14, 34)

Apercebemo-nos assim de que as respostas são bastante uniformes, sendo as opiniões dos inquiridos muito semelhantes. Os valores e expectativas exigíveis pelos inquiridos, relativamente ao relacionamento humano, complementam-se bastante.

**b. Que sentimentos experimenta quando estabelece esse tipo de relação mais afetuosa?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
Tranquilidade, gosto, alegria, gratidão.	1
Satisfação.	2
Simpatia, interesse.	3
Não respondeu.	4
Calma	5
Paz.	
Bem estar profissional.	6
Não respondeu.	7
Alegria, satisfação.	8
Amizade, compreensão, gratidão, afetividade, alegria, paz interior.	9
Felicidade e alegria.	10
Os sentimentos de amizade, partilha, compreensão.	11
Bem estar pessoal e social, mais confiança, mais autoestima.	12
Gratidão, recompensa, afinidade, empatia.	13
Bem estar	14
Bem estar.	15
<i>Não respondeu</i>	16
Não costumo estabelecer relações afetuosas, apenas afetivas e de cordialidade, amizade e respeito mútuos.	17
De bem estar para com o outro.	18
Segurança, tranquilidade	19
<i>Não respondeu.</i>	20
Tranquilidade, alegria, conforto.	21
Gratidão e bem estar.	22
Amizade.	23
Felicidade, boa disposição, alegria.	24
Alegria, bem estar, conforto, amizade.	25

Simpatia, dádiva e afinidade.	26
Prazer em ser PROFESSORA!	27
Sinto que é gratificante.	28
Não respondeu.	29
<i>Não respondeu.</i>	30
Bem estar e alegria.	31
Sentimento de dever cumprido, satisfação pessoal e profissional, paz de espírito, felicidade.	32
Satisfação e tranquilidade.	33
Ternura, carinho, serenidade, paz e alegria.	34
Bem estar.	35

A esta questão não responderam seis pessoas, tratando-se de um número superior ao que foi já verificado nas questões anteriores.

Relativamente às restantes respostas, evidenciam-se os seguintes sentimentos:

- Alegria (INQ 1, 8, 9, 10, 21, 24, 25, 31, 34)
- Bem estar (INQ 6, 12, 14, 15, 18, 22, 25, 31, 35)
- Amizade (INQ 9, 11, 17, 23, 25)
- Paz (INQ 5, 9, 32, 34)
- Tranquilidade (INQ 1, 19, 21, 33)
- Gratidão (INQ 1, 9, 22, 28)
- Satisfação (INQ 2, 8, 33)
- Simpatia /empatia (INQ 3, 13, 26)

**c. Alguma vez experimentou gratidão por alguém que trabalha consigo na sua escola? Como lhe demonstrou? Numa única ocasião ou em várias?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
Sim, com todas as colegas, auxiliares e até com os alunos! Agradeço, reconheço, e tento retribuir sempre que necessário.	1
Todos os dias agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias); cumprimento, sorriso e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento.	2
Sim, mostrando o quanto me ajudam.	3
Sim, ajudando sempre que necessário.	4
Sempre que se proporciona	5
Tendo a mesma postura.	
Sim, verbalizando essa gratidão e sendo solidária e amiga.	6
Sim. Com simpatia e reconhecimento.	7

Em várias ocasiões.	
Sim. Com carinho. Em várias ocasiões.	8
Claro! E ainda bem!	9
Demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...	
Sim. Por palavras. Em várias ocasiões.	10
Sim, eu aprecio boas ações e tento sempre fazer as boas ações. Já disse pessoalmente e essa boa pessoa cheia de luz terá sempre um lugar no meu coração e no meu pensamento.	11
Algumas vezes, demonstrei através de palavras e comportamentos verdadeiros, mostrando a afetividade e o companheirismo.	12
Em várias ocasiões. Demonstrei-o naturalmente, verbalizando.	13
Com palavras, gestos, sorrisos. Já aconteceu várias vezes	14
Sim. retribuindo ajudando e cooperando sempre que necessário.	15
Sim. Com simpatia e respeito. Em várias ocasiões.	16
Penso que todos os dias agradeço aos diferentes colegas quando necessário.	17
Muitas vezes. Quando uma colega me dá uma sugestão para a realização de um trabalho ou a utilização de uma metodologia numa determinada situação ou estratégia com uma determinada criança entre outros, agradeço sempre ou com simples obrigada, dizendo que aquilo até resultou, ou convidando para um chá ou um café.	18
Tantas e muitas vezes. Mantendo uma relação cordial há 20 anos com a pessoa que me acompanha nestas tarefas. Respeitamo-nos, somos amigas, mas cada macaco em seu galho.	19
Sim. Demonstrei com agradecimento e simpatia.	20
Com comportamentos, com palavras.	21
Sim. Quando colaboram comigo em atividades ou serviços na escola.	22
Ajudando-a quando necessitou em várias ocasiões.	23
Sim, tentei retribuir, na medida que me foi possível, o favor que me foi prestado.	24
Claro que sim. Demonstrei-o através de gestos e da conversa que se proporciona.	25
A minha gratidão é para com os alunos procurando dar o meu melhor, as colegas reconhecem o bom desempenho...	26
Claro! Agradei e mostrei-me pronta a retribuir...	27
Sim. Demonstrei agradecendo verbalmente. Já senti gratidão em várias ocasiões.	28
Sim.	29
Sim, ajudando quando necessário.	30
Sim. Através de palavras, manifestando os meus sentimentos.	31
Sim, diariamente. Com um sorriso nos lábios, de perceber que posso contar com o outro e agradecendo verbal ou gestualmente.	32
Sim, reconhecimento público.	33
Sim, por palavras e pequenos gestos. Gostaria de ter demonstrado mais e melhor.	34
Sim e em várias ocasiões. Agradecimento individualmente e reconhecimento coletivo festas. →	



Relativamente à primeira parte da questão todos os inquiridos responderam afirmativamente à exceção da resposta do INQ 26, que preferiu afirmar “a minha gratidão é para com os alunos procurando dar o meu melhor, as colegas reconhecem o bom desempenho...”

No que concerne à forma como demonstram a gratidão, todos respondem que o fazem com gestos e palavras, como por exemplo “todos os dias agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias); cumprimento, sorrio e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento” (INQ 2), “verbalizando essa gratidão e sendo solidária e amiga” (INQ 6), “demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...” (INQ 9), “tentei retribuir, na medida que me foi possível, o favor que me foi prestado” (INQ 24). A resposta do INQ 33 é algo diferente das demais porque diz demonstrar com “reconhecimento público”.

No que diz respeito à terceira parte da questão, à da quantidade de vezes em que tal acontece – uma ocasião ou em várias, não foi respondido com a especificidade pedida nos INQ 3, 5, 6, 9, 11, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 34).

Os restantes responderam:

- Em várias ocasiões (INQ 7, 8, 10, 13, 14, 16, 23, 28, 35)
- Quando necessário (INQ 1, 4, 15, 30)
- Diariamente (INQ 2, 17, 32)
- Muitas vezes (INQ 18, 19)

**d. Sente a existência de uma relação de dádiva, no seu dia a dia profissional? Se sim, em que termos? Se não, o que poderia mudar se ela existisse?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito nº</b>
Sim, a dádiva tem de estar presente levando-nos a encontrar o equilíbrio, o amor, a generosidade...	1
Sim, sinto.	2
Sim. Partilha de conhecimentos, materiais, troca de opiniões.	3
Não.	4
É menos frequente que o desejável.  Por falta de abertura, sinceridade, respeito, altruísmo.	5
Pouco, muito pouco!  Se ela existisse, seria feliz em participar.	6
Sim. No trabalho com e para os alunos.	7
Sim. Na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros.	8

Há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho.	9
Sim. No nosso dia a dia devemos manter uma relação de reciprocidade, de empatia por outrem.	10
Existe uma relação de dádiva todos os dias pois faço o que gosto.	11
Sinto, porque tenho o prazer de ajudar quem mais precisa do meu apoio.	12
Sim, por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos.	13
Trata-se de dádiva na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes.	14
Sim. Partilha de materiais, informação.	15
Sim. No trabalho com os alunos.	16
Não entendi a pergunta. Se a palavra dádiva significa o empenho e o gosto que tenho pela profissão que exerce então sim, existe diariamente.	17
Sinto uma relação de dádiva porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco.	18
Sinto porque também me esforço para que tal aconteça. É exigente e cada vez mais. mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas.	19
Sim. No trabalho com e para os alunos.	20
Sim, há, com os colegas.	21
Sim. Por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos.	22
Sim, com algumas colegas, na troca de saberes, materiais, experiências, etc.	23
Sim, gosto de dar tudo o que posso aos meus alunos e colegas, mantendo um relacionamento de solidariedade e amizade.	24
Penso que cada vez menos existe. Para mudar esse cenário seria importante muita coisa, mas principalmente haver menos egoísmo.	25
Uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas.	26
Nestes últimos anos essa relação começa a escassear...	27
Sim. Todos os dias, porque estou a trabalhar e a fazer aquilo que gosto.	28
Não respondeu.	29
Não.	30
Sim. Cada dia que passa é uma dádiva, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem	31
Sim, penso que está respondido nas respostas anteriores.	32
Sim, quando partilho sentimentos e materiais.	33
Sim. Com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma”.	34
Não. Poderia mudar totalmente o ambiente e a alegria no trabalho.	

Relativamente à primeira parte da pergunta “se sente a existência de uma relação de dádiva, no seu dia a dia profissional”, houve um inquirido que não respondeu, os restantes responderam:

- Sim (INQ 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 28, 31, 32, 33, 34)
- Não (INQ 4, 30)
- Cada vez menos /pouco (INQ 5, 6, 25, 27)

No que concerne às respostas positivas, poderemos destacar algumas para mais facilmente percebermos a noção de dádiva para os inquiridos.

- A dádiva sentida como transmissora de valores: “a dádiva tem de estar presente levando-nos a encontrar o equilíbrio, o amor, a generosidade...” (INQ 1);
- A dádiva entendida como partilha “partilha de conhecimentos, materiais, troca de opiniões” (INQ 3), “na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros” (INQ 8), “partilha de materiais, informação” (INQ 15), “sinto uma relação de dádiva porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco” (INQ 18), “quando partilho sentimentos e materiais” (INQ 33).
- A dádiva percebida como Mauss a definiu, como uma trilogia do “dar, receber e retribuir”: “há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho” (INQ 9),
- A dádiva como elemento recíproco “no nosso dia a dia devemos manter uma relação de reciprocidade, de empatia por outrem” (INQ 10)
- A dádiva oferecida porque gosto, simplesmente “existe uma relação de dádiva todos os dias pois faço o que gosto” (INQ 11), “porque tenho o prazer de ajudar quem mais precisa do meu apoio” (INQ 12), “por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos” (INQ 13), “trata-se de dádiva na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes” (INQ 14), “também me esforço para que tal aconteça. É exigente e cada vez mais, mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas” (INQ 19), “gosto de dar tudo o que posso aos meus alunos e colegas, mantendo um relacionamento de solidariedade e amizade” (INQ 24), “uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas” (INQ 26), “cada dia que passa é uma dádiva, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem” (INQ 31), “com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma” (INQ 34).

- A quase obrigatoriedade da dádiva “por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos” (INQ 22).

Quanto aos inquiridos que responderam negativamente, limitaram-se a negar e não descreveram o que poderia mudar se a dádiva existisse.

O inquirido número 5 afirma que a existência de dádiva “é menos frequente que o desejável” e apresenta as razões “por falta de abertura, sinceridade, respeito, altruísmo”.

O inquirido número 6 escreve “pouco, muito pouco!” e que “se ela existisse, seria feliz em participar”.

Também o inquirido número 25 diz “penso que cada vez menos existe. Para mudar esse cenário seria importante muita coisa, mas principalmente haver menos egoísmo”.

Por sua vez, ao inquirido número 27, parece-lhe que “nestes últimos anos essa relação começa a escassear...”.

**4. Na sua experiência como docente, quando e como sentiu a importância que tem/ teve na formação humana dos seus alunos? Conte um ou dois exemplos.**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito nº</b>
O encontro de antigos alunos, hoje já licenciados ou empregados, que se dirigem a mim, ou esmo a través do facebook... com muita simpatia e agrado.	1
Considero muito difícil dar exemplos concretos, porque a formação não é dada por apenas um professor e os resultados mais importantes não se veem imediatamente.	2
Não respondeu.	3
Não respondeu.	4
Para lidar com problemas dos alunos que interferem na postura na sala de aula.	5
Quando sou visitada por alunos que, tendo sido do Ensino Especial, fizeram a sua formação e hoje têm família e são felizes ou quando me vêm pedir opinião sobre a sua vida.	6
Quando os alunos revelaram estar aptos para resolver conflitos.	7
Quando os meus antigos alunos atravessam a rua para me vir dar um beijo ou mesmo quando me visitam na escola. Já tive um grupo que veio à escola apresentar um trabalho feito por eles no 5º ano.	8
Ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro...	9
Em várias ocasiões. Como orientadora do grupo-turma, tive sempre como premissa “cultivar” nos alunos a responsabilidade, a bondade, a confiança em outrem.	10
Na minha experiência como docente há seis anos senti que parte (não escreveu mais nada).	11
Quando eles conseguem mediar situações de conflito, quando sabem que podem contar comigo para resolver os seus problemas.	12

Sempre, através da modelação/ exemplo.	13
A formação humana está presente em todos os momentos.	
A formação humana é muito importante, mas tem que ser continuada na família e na comunidade.	14
Sempre que os alunos aplicam no dia a dia as noções que lhes transmito.	15
Quando os alunos conseguem resolver os seus próprios problemas.	16
Penso que todos nós contribuímos para a formação humana dos nossos alunos não só por transmitir conhecimentos úteis como, principalmente, “trabalhando” os valores e atitudes. Penso que todos os dias, como docente, preocupo-me com isso.	17
Mantenho ligações com duas antigas alunas duma escola problemática onde trabalhei há 20 anos, em que uma vez por ano, vou lanchar com elas e é com satisfação que recordamos alguns momentos passados na escola. Outro caso tive uma aluna que me convidou para o seu casamento, dizendo-me que nunca se esqueceu da educadora que lhe “dava mimos” e que era tão “boa para os meninos”	18
Sinto porque também me esforço para que tal aconteça. É exigente e cada vez mais. Mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas.	19
Quando os alunos demonstram estar aptos a resolver conflitos.	20
Um dia, encontrei uma senhora no autocarro. Olhou-me. Eu não a reconheci. Em voz alta, disse-me: a Senhora foi a professora que mais me ensinou. Exagerou, de certeza. Mas reconheço... que adorei.	21
Orientação profissional, no estudo, na organização dos cadernos...	22
Nas aulas de Formação Cívica, aquando da exposição do tema “sexualidade”.	23
Não respondeu.	24
Sinto no meu dia a dia sempre. Como exemplo que devemos ser, procuro retribuir nos gestos mais simples.	25
O reconhecimento nos locais públicos mais diversos e encontrar alunos licenciados em educação musical em orquestras dizendo-me que foram motivados no ensino básico...	26
Essencialmente anos mais tarde quando os alunos nos encontram e manifestam alegria em partilhar connosco os seus sucessos.	27
Eu penso que enquanto docente tenho um papel importante na formação humana dos meus alunos. Por exemplo, ao trabalhar com os meus alunos “a diferença”, eles conseguem ser mais sensíveis e encarar com naturalidade os colegas “diferentes”	28
Não respondeu.	29
<i>Não respondeu.</i>	30
A mudança de atitudes de alguns alunos. “Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”.	31
Sinto-o quando esses pequenos seres, são o espelho da minha maneira de ser e estar. Com frequência nas minhas expressões pessoais com que sou surpreendida “na boca das crianças” e	32

<p>o imitem-me em atitudes e gestos.</p> <p>Relato com orgulho, um episódio que me comoveu e nunca vou esquecer. Certo dia recebi um telefonema de um aluno já adulto, o Tiago que me contactou (e deu-se ao trabalho de arranjar através de terceiros o meu contacto, pois já se tinham passado muitos anos) e marcou um encontro comigo numa confeitaria próxima da faculdade onde terminava o curso a fim de eu, como educadora de outrora, lhe fazer uma dedicatória nas fitas da pasta de finalista.</p> <p>Recordava o seu rosto de menino e naturalmente eu estava mais velha. No entanto quando sentada na mesa olhava a porta na expectativa de o reconhecer, foi recíproco no cruzar dos nossos olhares o reconhecimento imediato, que se traduziu num sorriso e olho vidrado pela ternura do momento.</p> <p>Sem falsa modéstia, senti-me importante ao escrever um pequeno poema desejando-lhe felicidade e sucesso na sua vida futura.</p> <p>De certeza que no coração do Tiago ficou uma boa imagem da pessoa e da educadora que o ajudou a crescer, em determinada fase da sua vida. Foi um momento de felicidade para sempre recordar</p>	
<p>Passados muitos anos os alunos continuam a relembrar situações passadas e como elas contribuíram para a sua formação como cidadãos, como sejam a postura e o tratamento.</p>	33
<p>Continuo a sentir que sou muito importante para os meus alunos. Quando estou calma e consigo gerir bem os conflitos entre eles, conseguem perdoar o outro com mais facilidade.</p>	34
<p>Sinto através da forma como se relacionam assim como manifestam os seus afetos.</p>	35

Na resposta a esta pergunta vários inquiridos procuraram exemplos em atitudes de antigos alunos, demonstrativas das marcas sentidas e transmitidas, de um modo ou de outro (INQ 1, 6, 8, 18, 19, 21, 26, 27, 32, 33).

Três inquiridos manifestam sentir a importância que tiveram quando os alunos revelaram estar aptos a resolver conflitos ou problemas (INQ 7, 12, 16, 20).

Outros ainda focam a importância do contributo que têm ou tiveram na formação humana dos seus alunos (INQ 9, 13, 14, 28), como por exemplo “ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro...” (INQ 9).

Vários incluem, nas suas respostas, exemplos, conforme era também solicitado (INQ 1, 6, 8, 18, 19, 21, 26, 27, 28, 32, 33, 34). “Um dia, encontrei uma senhora no autocarro. Olhou-me. Eu não a reconheci. Em voz alta, disse-me: a Senhora foi a professora que mais me ensinou. Exagerou, de certeza. Mas reconheço... que adorei” (INQ 21): o “dar, receber, retribuir” na sua essência.

Houve ainda quem não tivesse respondido (INQ 3, 4, 29, 30).

a) **Acredita sinceramente que qualquer aluno pode desenvolver-se por via da educação/ do ensino escolar?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito nº</b>
Acredito que sim, não descurando a educação em casa.	1
Sim. Uns poderão desenvolver mais do que outros, mas acredito que todos se podem desenvolver.	2
Sem a colaboração dos pais, a escola não consegue mudar grande coisa.	3
Talvez.	4
Sim.	5
Sim, se estiver disposto e lhe forem criadas as oportunidades.	6
Sim.	7
Sim. Embora os alunos com maiores dificuldades e sem apoio familiar tenham mais dificuldades.	8
A educação é a base de qualquer indivíduo e sem ela não conseguimos evoluir. O conhecimento abre horizontes e desperta a curiosidade.	9
Em parte, sim. No entanto, o desenvolvimento do aluno só é possível com a interação escola ↔ família.	10
Não sinceramente acredito que a base fundamental é a da educação dada pelos pais e depois sim vem a via da educação do ensino escolar.	11
Sim, a educação muda, altera e transforma o ser humano.	12
Sim.	13
Sim, mas tem que ser muito reforçado em casa, caso contrário cai tudo num “saco roto”	14
Apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior	15
Sim.	16
Penso sinceramente que sim, aliás como docente esse deve ser o ponto essencial. Temos de respeitar todos os alunos e por isso todos devem ser e podem ser desenvolvidos por via da educação/do ensino escolar.	17
Acredito desde que na educação familiar ou escolar tenha como bases os valores fundamentais que eu tento transmitir aos meus alunos: respeito, amizade, verdade, justiça, não exigir nada em troca...	18
Acredito!	19
Sim. Mas não é suficiente.	20
Sim, sem dúvida.	21
Claro que sim mas com muita ajuda da família.	22
Acredito.	23
Sim.	24
Na generalidade acredito que sim. Nem faria sentido pensar doutra forma. Mas sei que não é suficiente. O papel da família é fundamental.	25

Acredito que a escola é um pequeno laboratório da vida futura do aluno...	26
Sim, embora a escola por si só não chegue, o contexto familiar é muito importante.	27
A educação por via do ensino escolar é muito importante, no entanto penso que a família também deve assumir um papel preponderante na educação do indivíduo como um “Todo”.	28
Sim.	29
Sim, talvez.	30
Sim, mas não só.	31
Acredito, pode e deve ser uma mais-valia na vida, um enriquecimento no percurso escolar de um aluno que a par da aprendizagem possa ficar no seu coração uma boa recordação, uma grata e saudosa imagem da escola.	32
Acredito plenamente, uma vez que, como diretor de um CEF, a equipa pedagógica tem conseguido obter resultados satisfatórios em termos de responsabilidade, assiduidade e aproveitamento.	33
Sim, mas não chega. Necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade.	34
Sim, mas não é suficiente.	35

A esta questão, a maior parte dos inquiridos respondeu afirmativamente (INQ 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34).

Outros responderam afirmativamente, mas aludindo a importância do apoio conjunto com a família (INQ 10, 14, 18, 22, 25, 27, 28, 35).

Mas há outros que referem que nada é conseguido sem a colaboração dos pais/família “sem a colaboração dos pais, a escola não consegue mudar grande coisa” (INQ 3), “apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior (INQ11) e “apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior” (INQ 15).

Outros ainda preferem responder “talvez” (INQ 4, 30).

**b. Já alguma vez desanimou ou facilitou perante as (in)capacidades de um seu aluno?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito nº</b>
Sim, às vezes desanimo, mas tento encontrar alternativas... não facilito.	1
Sim.	2
Não.	3
Já.	4
Sim. Sobretudo quando o EE (encarregado de educação) tem a mesma postura e não apoia/ incentiva/ acompanha.	5
Sim, desanimei, mas não facilitei nas minhas obrigações. Todos os dias tento que os alunos evoluam.	6



Sim.	7
Já desanimei, mas depressa sacudo o desânimo e procuro uma nova estratégia. Facilitar... Nunca!	8
Sim, mas tento sempre tirar alguma lição dessas frustrações e aprender a lidar com elas e contorná-las.	9
Já.	10
Não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra.	11
Já pensei que o aluno era incapaz, contudo ao longo do tempo ele foi-me mostrando que eu é que era incapaz de o “avaliar”.	12
Alguns segundos, mas depois penso que há sempre o dia seguinte. Há ainda a possibilidade de equacionar as nossas estratégias e alterarmos.	13
Desanimar, muitas vezes, mas de novo se ganha forças para retomar no momento seguinte.	14
Por vezes desânimo	15
Não.	16
Por vezes os desafios são muitos e sentimo-nos desanimados mas penso que essa desanimação deve ser um estímulo e não um obstáculo.	17
Não, porque os pequenos progressos são sempre grandes progressos. E normalmente nunca desisto dum aluno que não tenha tantas capacidades	18
Já. Mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe...	19
Sim,	20
Às vezes.	21
Desanimar sim, mas nunca desistir de apostar no aluno.	22
Já.	23
Não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele.	24
Não me lembro de nenhuma em especial. Mas ao fim de tantos anos, julgo que é humano ter acontecido uma ou outra vez.	25
Não me lembra, aceito a dificuldade como um desafio...	26
Sim, há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me pôs à prova... penso que foi esse mesmo aluno que me fez crescer como professora!	27
Já me senti um pouco desanimada, mas nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades.	28
Sim.	29
Já.	30
Sim. Mas por pouco tempo.	31
Não, se o fiz, foi inconscientemente.	32
Já, mas não facilitei.	33
Já. Poucas vezes, mas penso que o desânimo foi por <u>incapacidade minha</u> de não conseguir “chegar até ele”.	34

Por vezes desanima-se, mas mais que facilitar compreendi uma ou outra situação que exigiu algum menos rigor.	35
--	----

A esta questão vários inquiridos responderam afirmativamente (INQ 2, 4, 5, 7, 9, 10, 20, 21, 23, 29, 30, 31, 33, 34). Numa das respostas é mais uma vez abordada a importância da colaboração da família “sobretudo quando o EE (encarregado de educação) tem a mesma postura e não apoia/ incentiva/ acompanha” (INQ 5).

Outros afirmaram ter desanimado, mas não terem facilitado ou desistido (INQ 1, 6, 8, 19, 22, 28, 33, 35). É notória a preocupação com os alunos “sim, desanimei, mas não facilitei nas minhas obrigações. Todos os dias tento que os alunos evoluam” (INQ 6), “desanimar sim, mas nunca desisti de apostar no aluno” (INQ 22), “já me senti um pouco desanimada, mas nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades.” (INQ 28).

Surge também a procura de novas estratégias para ajudar o aluno em dificuldade “Já desanimei, mas depressa sacudo o desânimo e procuro uma nova estratégia. Facilitar... Nunca!” (INQ 8), “alguns segundos, mas depois penso que há sempre o dia seguinte. Há ainda a possibilidade de equacionar as nossas estratégias e alterarmos.” (INQ 13) ou ainda “Não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele” (INQ 24).

Há também os que assumem uma mudança sentida em si próprios “mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe... “ (INQ 19) ou “há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me pôs à prova... penso que foi esse mesmo aluno que me fez crescer como professora!” (INQ 27) ou “poucas vezes, mas penso que o desânimo foi por incapacidade minha de não conseguir “chegar até ele” (INQ 34) ou ainda “por vezes desanima-se, mas mais que facilitar compreendi uma ou outra situação que exigiu algum menos rigor” (INQ 35).

Há inquiridos que respondem negativamente (INQ 11, 18, 24, 25, 26, 32) mas dando uma explicação, como por exemplo “não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra” (INQ 11), “não, porque os pequenos progressos são sempre grandes progressos. E normalmente nunca desisto dum aluno que não tenha tantas capacidades” (INQ 18) ou ainda “não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele” (INQ 24).

As respostas 3 e 16 apresentam unicamente “não”.

- c. Se recordar as experiências pedagógicas que desenvolveu e que mais marcaram positivamente os seus alunos, quais foram os valores e as atitudes que lhes estavam subjacentes?**

Respostas dadas	Inquérito nº
A Alegria, o Amor, o Respeito por todos.	1
A solidariedade.	2

Transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados.	3
Respeito mútuo.	4
Partilha  Respeito  Altruísmo	5
Respeito pela diferença, solidariedade, partilha e amizade.  “Nunca ninguém fica para trás!”	6
Cooperação, amizade, entreaajuda e respeito.	7
O respeito pelos outros e pelo ambiente, o saber ser e o saber estar e o sentido de partilha (dar o que temos a mais).	8
O valor do trabalho, da importância do estudo, do respeito pela escola, família e amigos.	9
.O saber ser e o saber estar.	10
O respeito pelos outros.  As atitudes onde lhes mostro que com trabalho estudo e empenho se conseguem grandes resultados.  O ter atitude.	11
Valores sociais, solidariedade, saber estar.	12
Respeito, solidariedade, empatia, coerência, verdade.	13
Respeito, partilha, solidariedade, igualdade, cooperação.	14
Respeito pelos outros e pela natureza	15
Amizade, respeito, entreaajuda e empenho.	16
Os valores e atitudes são de vária ordem: respeito, solidariedade, empenho, interesse, participação. De um modo geral inculcar valores e atitudes que lhes permitam uma integração total na sociedade.	17
O respeito, a verdade, a justiça e a amizade.	18
Desde sempre: agradecer, pedir desculpas, ajudar. O interesse pelas questões/problemas ambientais passou a integrar este conjunto de valores.	19
Cooperação, amizade e respeito.	20
Trabalho, espaço.	21
Colaboração, interesse, paciência, nunca desistir (persistência)	22
Participação, respeito pelo outro.	23
Serem responsáveis, educados, cumprirem regras de saber estar.	24
Respeito, amor, altruísmo, amizade, simpatia, educação.	25
Uma certa autoridade muito bem aceite pelos alunos que culminava numa forma de respeito	26

mútua.	
Solidariedade, empenho e persistência.	27
Partilha, Respeito pela diferença, Responsabilidade	28
Não respondeu.	29
Respeito mútuo.	30
O respeito por si e pelos outros.	31
O respeito, o amor, a alegria de um convívio saudável e recíproco que humaniza as relações e que muito se aprende, sem querer.	32
Responsabilidade e respeito pelos outros.	33
Alegria, generosidade (gratuidade), sinceridade e entrega.	34
Solidariedade, respeito.	35

Nestas respostas o valor “respeito” destaca-se notoriamente (INQ 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 25, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 35).

Outros valores são apresentados:

Solidariedade (INQ 2, 6, 12, 13, 14, 17, 27, 35)

Amizade (INQ 6, 7, 16, 18, 20, 25)

Valor do trabalho/empenho/estudo (INQ 9, 11, 16, 17, 21)

Cooperação/ entreatajuda (INQ 7, 14, 16, 20, 22)

Saber ser/saber estar (INQ 8, 10, 12, 24)

Partilha (INQ 5, 8, 14, 28)

Alegria (INQ 1, 32, 34)

Amor (INQ 1, 25, 32)

Ambiente/problemas ambientais/natureza (INQ 8, 15, 19)

Altruísmo (INQ 5, 25)

Verdade (INQ 13, 18)

Generosidade (gratuidade) (INQ 34)

Sinceridade (INQ 34)

Entrega (34)

Só um inquirido não respondeu (INQ 29).

**d. Que efeitos poderá ter uma relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
Será, por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz.	1
Aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais.	2
Despertá-los para a retribuição e gratuidade.	3
Não sei.	4
Melhor integração na sociedade.	5
Pode ser a chave para o crescimento enquanto aluno e cidadão.	6
Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.	7
Enriquece-o sem dúvida e motiva-o para o respeito por todas as situações.	8
Quem recebe é ensinado a dar também, ou pelo menos deveria! A relação de dádiva é muito importante para que o aluno se desenvolva enquanto pessoa e para adquirir competências sociais que lhe permitam viver em sociedade.	9
Contribuirá para o preparar melhor para a cidadania. Desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal.	10
Penso que só trará efeitos benéficos.	11
Crescimento pessoal, partilha, solidariedade, envolvimento pessoal.	12
Segurança, autoestima.	13
Um desenvolvimento mais pleno	14
Torná-lo mais confiante e mais seguro.	15
Ser um bom cidadão na vida futura.	16
Volto a frisar que não se percebe a palavra dádiva.... Se significa o empenho em formar pessoal e socialmente os alunos penso que, como referido anteriormente, poderão formar-se cidadãos responsáveis e integrados.	17
A formação de uma personalidade sã, com sementes positivas que o vão ajudar a crescer nos valores fundamentais da vida, o que o levará certamente a um crescimento saudável.	18
Desenvolvimento pessoal e social do aluno é transversal a todas as áreas académicas, faz-se dia a dia, em todos os momentos...	19
Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.	20
Positivo.	21
Sucesso dos alunos como alunos e como pessoas.	22
Sentir-se útil.	23
Alegria, felicidade, realização.	24

Penso que muito positivo. Só pode receber, quem dá...	25
Esse aluno ficará marcado positivamente para os horizontes que lhe serão abertos no futuro... o seu desenvolvimento pessoal sem dúvida que será mais harmonioso!	26
Tornará o aluno um cidadão melhor, mais solidário.	27
Eu penso que ao termos uma relação de dádiva com os nossos alunos, isso vai “espalhar-se” no desenvolvimento pessoal e social das mesmas.	28
Não respondeu.	29
Não sei.	30
Gratidão, respeito e amizade.	31
Efeitos positivos, sem dúvida, são o semear de um cidadão da sociedade futura que poderá mudar o mundo.	32
Muito positivos como sejam aumentar o sentido de responsabilidade e de partilha.	33
Efeitos de retribuição, simpatia, afetividade e gratuidade.	34
Ser solidário e tolerante.	35

Em muitas respostas, subjaz a ideia da construção da cidadania como efeito de uma relação de dádiva no desenvolvimento pessoal e social do aluno “será, por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz” (INQ 1), “pode ser a chave para o crescimento enquanto aluno e cidadão” (INQ 6), “contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas” (INQ 7), “contribuirá para o preparar melhor para a cidadania. Desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal” (INQ 10), “ser um bom cidadão na vida futura”(INQ 16), “tornará o aluno um cidadão melhor, mais solidário” (INQ 27), “efeitos positivos, sem dúvida, são o semear de um cidadão da sociedade futura que poderá mudar o mundo” (INQ32).

Outros inquiridos apontam como efeitos a facilidade de integração na sociedade e capacidade de uma melhor sociabilização “aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais” (INQ 2), “melhor integração na sociedade” (INQ 5), “quem recebe é ensinado a dar também, ou pelo menos deveria! A relação de dádiva é muito importante para que o aluno se desenvolva enquanto pessoa e para adquirir competências sociais que lhe permitam viver em sociedade” (INQ 9).

Dois dos inquiridos aludem a retribuição e gratuidade, como efeitos produzidos por uma relação de dádiva “despertá-los para a retribuição e gratuidade” (INQ 3) e “efeitos de retribuição, simpatia, afetividade e gratuidade” (INQ 34).

A resposta do INQ 17 faz mais uma vez, alusão ao facto de não se perceber a palavra dádiva (17) mas acrescenta “se significa o empenho em formar pessoal e socialmente os alunos penso que, como referido anteriormente, poderão formar-se cidadãos responsáveis e integrados”.

Dois inquiridos respondem que não sabem (INQ 4, 30).

Um optou por não responder (INQ 29).

**e. Que efeitos terá uma relação de dádiva sobre a realização profissional dos docentes?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito n°</b>
O docente sentir-se-á motivado a continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis.	1
Acredito que a relação de dádiva é fundamental na nossa profissão e que foi por isso que a escolhemos, ensinar é dar o melhor de cada um.	2
Diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos.	3
Maus efeitos.	4
Postura mais adequada, tendo em conta a “missão” do docente.	5
No contexto atual????!! Na relação professor/ aluno? Se for este o caso, poderá ser o aspeto compensador da profissão.	6
Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho.	7
Os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores.	8
Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.	9
Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro”.	10
Também trará efeitos benéficos.	11
Crescimento pessoal e profissional, partilha, espírito crítico.	12
Plenitude.	13
Plenitude	14
Torná-lo mais humano.	15
Maior amizade, proximidade entre todos os colegas de trabalho.	16
Ao longo da minha atividade profissional tudo o que tenho desenvolvido e aprendido, diariamente, acaba por me valorizar profissionalmente, tornando-me cada vez mais apta e empenhada.	17
Será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem.	18
Completa-nos e preenche-nos. Fica uma sensação de enorme realização.	19
Melhor ambiente de trabalho.	20
Estímulo.	21
Bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola.	22
Troca de conhecimentos – enriquecimento.	23
Sentir-se feliz e ter cumprido o seu papel como mentor e formador.	24

Os efeitos, se ela existe na verdadeira aceção da palavra, seriam benéficos. Mas a realidade é outra.	25
O docente sente o reconhecimento do seu valor como agente educativo não sendo por vezes acompanhado devidamente pelos que trabalham nos gabinetes do Ministério da Educação.	26
Fará com que o professor se sinta realizado.	27
Poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração.	28
Não respondeu.	29
Maus efeitos.	30
O docente ser lembrado com saudade e carinho.	31
Efeitos de missão e dever cumprido.	32
Respeito, afetividade e aumento da partilha.	33
Um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam energias. Os alunos e docentes serão bem mais felizes.	34
Troca de experiências/ partilha de saberes/ respeito pelo Outro/ bom ambiente de trabalho.	35

As respostas apresentadas realçam notoriamente o efeito positivo de uma relação de dádiva, sentido pela maior parte dos inquiridos, na sua realização profissional.

Os principais efeitos / valores apontados são:

- Motivação para “continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis” (INQ 1).
- “Ensinar é dar o melhor de cada um” (INQ 2) e “Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa” (INQ 9).
- “Diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos” (INQ 3).
- “Postura mais adequada, tendo em conta a “missão” do docente” (INQ 5), “efeitos de missão e dever cumprido” (INQ 32).
- “Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho” (INQ 7) e “maior amizade, proximidade entre todos os colegas de trabalho” (INQ 16).
- “Os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores” (INQ 8) e no mesmo sentido o INQ 15 “torná-lo mais humano”.
- “Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro” (INQ 10).



- Crescimento pessoal e profissional, partilha, espírito crítico (INQ 12), “troca de conhecimentos – enriquecimento” (INQ 23), “poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração” (INQ 28), “respeito, afetividade e aumento da partilha” (INQ 33).

- Plenitude (INQ 13 e 14).

- “Ao longo da minha atividade profissional tudo o que tenho desenvolvido e aprendido, diariamente, acaba por me valorizar profissionalmente, tornando-me cada vez mais apta e empenhada” (INQ 17), “completa-nos e preenche-nos. Fica uma sensação de enorme realização” (INQ 19) e “fará com que o professor se sinta realizado” (INQ 27)

- “Será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem” (INQ 18) e “Sentir-se feliz e ter cumprido o seu papel como mentor e formador” (INQ 24).

- “Melhor ambiente de trabalho” (INQ 20), “bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola” (INQ 22), “um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam energias. Os alunos e docentes serão bem mais felizes” (INQ 34), “troca de experiências/ partilha de saberes/ respeito pelo Outro/ bom ambiente de trabalho” (INQ 35).

- “Estímulo” (INQ 21).

- “O docente ser lembrado com saudade e carinho” (INQ 31).

Um dos inquiridos (INQ 25) põe em causa a sua existência “se ela existe na verdadeira aceção da palavra”, mas afirma que se existisse os efeitos “seriam benéficos”. Acrescenta até “mas a realidade é outra”.

Outro inquirido demonstra alguma insatisfação relativamente ao reconhecimento por parte dos superiores hierárquicos “o docente sente o reconhecimento do seu valor como agente educativo não sendo por vezes acompanhado devidamente pelos que trabalham nos gabinetes do Ministério da Educação” (INQ 26).

Dois inquiridos afirmam que uma relação de dádiva provocará “maus efeitos” (INQ 4, 30).

Por último, um inquirido não respondeu (INQ 29).

**f. Que efeitos produz, na comunidade educativa, uma relação professor/ aluno, baseada num espírito de dádiva?**

<b>Respostas dadas</b>	<b>Inquérito nº</b>
Uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro,	1

tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes!	
Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno estiver baseada num espírito de dádiva, este tipo de relação estabelecer-se-á entre os vários agentes da comunidade educativa.	2
Maior afetividade, menos afastamento, menos agressividade, mais paz.	3
Não sei.	4
Melhores resultados.  Mais confiança no trabalho desenvolvido.  Mais confiança nas posturas e na educação.	5
Uma comunidade educativa modelo!	6
Maior simpatia, interesse, respeito, retribuição.	7
Os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo.	8
Os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos.	9
Será uma comunidade educativa mais “alerta”, mais confiante e mais atenta às realidades que a rodeiam.	10
O efeito que é produzido é o da união, compreensão e ajuda.	11
Numa relação de dádiva, entendo que a partilha de experiências, a interação, o espírito crítico e o desenvolvimento pessoal, social e profissional de cada elemento, são efeitos subjacentes a este tipo de relacionamento.	12
O retorno, respeito, gratidão, simpatia.  ↓  Retribuição	13
Maior desenvolvimento.	14
Criar um melhor ambiente de trabalho.	15
Empenho, amizade, simpatia, interesse e respeito	16
Se todos nos empenharmos e envolvermos a comunidade educativa irá beneficiar em todos os aspetos.	17
Não respondeu.	18
A comunidade acredita no nosso trabalho, valoriza as nossas decisões e vai facilitar e apoiar a nossa tarefa	19
“Maior” sucesso educativo.	20
Positivo.	21
Sucesso escolar.	22

Partilha.	23
Compreensão, interajuda, alegria.	24
Quando acontece, tudo se torna mais fácil.	25
Não respondeu.	26
Não respondeu.	27
“Comportamento gera comportamento”, como tal um bom relacionamento entre professor/aluno ou entre colegas, vai trazer efeitos muito positivos na comunidade educativa.	28
Não respondeu.	29
Não sei.	30
Bem estar. Paz de espírito.	31
Efeito de realização pessoal e profissional de seres humanos bem preparados para os desafios do futuro e de construção de um mundo melhor, de acabar com as guerras e promover a paz.	32
Respeito, afetividade e aumento da partilha.	33
Um efeito de contágio. Mais profissionalismo.	34
Interajuda – confiança – respeito – responsabilidade.	35

Perceciona-se em algumas respostas a noção de “arte mágica”, assim como a de “cadeia de valores” sentida e transmitida

- “Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno estiver baseada num espírito de dádiva, este tipo de relação estabelecer-se-á entre os vários agentes da comunidade educativa” (INQ 2)

- “Os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos (INQ 9).

- “Comportamento gera comportamento”, como tal um bom relacionamento entre professor/aluno ou entre colegas, vai trazer efeitos muito positivos na comunidade educativa (INQ 28).

- “Quando acontece, tudo se torna mais fácil” (INQ 25).

Algumas respostas apresentam a importância que a relação baseada na dádiva virá a ter no futuro do aluno “Uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro, tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes! (INQ 1) e “efeito de realização pessoal e profissional de seres humanos bem preparados para os desafios do futuro e de construção de um mundo melhor, de acabar com as guerras e promover a paz (INQ 32).

Um dos inquiridos alude o “efeito de contágio” e o de “mais profissionalismo” (INQ 34).

Muitos valores surgem ao longo das respostas: afetividade, menos afastamento, menos agressividade, simpatia, interesse, respeito, retribuição, união, compreensão, ajuda, retorno, gratidão, empenho, amizade, partilha, compreensão, interajuda, alegria, bem estar, paz de espírito, responsabilidade.

Três inquiridos afirmaram não saber (INQ 4, 18, 30). Outros ainda preferiram não responder (INQ 26, 27, 29)

## ANEXO VII: TRANSCRIÇÃO DO FOCUS GROUP

---

### *“Focus Group”*

Dia: 8 de Novembro de 2011

Número de alunos: 12 (quatro alunos de cada uma das três turmas do 4º ano, sendo oito raparigas e quatro rapazes)

Idades: 9/ 10 anos

**Moderadora** – Olá a todos!

**Alunos** – Olá... (em uníssonos)

**Moderadora** – Em primeiro lugar quero agradecer-vos muito a vossa disponibilidade em participar neste estudo, estando presentes nesta conversa que vamos ter.

Agradeço também aos vossos professores pela colaboração que deram e aos vossos pais pelo facto de vos terem autorizado a terem esta reunião comigo. Não só comigo porque também está aqui presente uma minha amiga e colega, a Dr.ª Ana Camões, que não participará ativamente na conversa, mas sim tomará algumas notas...

**Aluno n.º 1** – Vem ajudar-te...

**Moderadora** – Exatamente.

Quero também avisar-vos que esta conversa vai ser gravada e depois escrita, mas os vossos nomes não constarão naquilo que for escrito... portanto podem estar perfeitamente e à vontade...

Vamos então começar e inicio com uma questão muito direta:

**- Vocês sentem que os professores são vossos amigos?**

**Notas da observadora:**

*O aluno n.º 12 exclamou: Claro!*

*Os restantes, responderam em coro e sorridentes que sim.*

*Aluno n.º 12 – Isso é óbvio...*

*Nesta questão todos mostraram a sua opinião, ao responderem em coro e a sorrir.*

**Aluno n.º 1** – são nossos amigos, quando exigem o melhor para nós.

**Moderadora** – Quando exigem?...

**Aluno n.º 1** – “n” coisas.

**Aluno n.º 9** – fazer o melhor para nós.

**Moderadora** – fazer o melhor para vocês?...

**Aluno n.º 12** – chamar a atenção...

**Moderadora** – então vá lá...

**Aluno n.º 1** – é com os erros que nós aprendemos.

**Moderadora** – então de que forma? Isso é uma maneira... é uma forma de vocês entenderem essa amizade? Por exemplo de que forma?

**Notas da observadora:**

Nº 8 foi o primeiro a intervir.

Falou o nº1. Os restantes olhavam para a colega muito atentos e pensativos.

Falou seguidamente o nº3, voltou a intervir o nº1, seguido do nº3 e 8.

O nº 6, 5, 10 e 3 colocaram de imediato o dedo no ar para falar, e aguardavam a sua vez com alguma ansiedade para intervir.

O nº 10 disse que “os professores estão sempre aqui para ajudar” com muita convicção.

A maior parte, voltou a responder em coro.

Nesta questão, o mais participativo foi o nº3, seguido do nº 8 e 10. O nº 2, 4, 7, 9, 11 e 12 não se pronunciaram.

**Aluno n.º 8** – pode ser porque nos ajudam a trabalhar e ajudam a percebê-los

**Moderadora** – a perceber. E mais?

**Aluno n.º 1** – também nós quando temos uma dúvida, eles explicam-nos e nunca dizem que não a uma dificuldade.

**Moderadora** – muito bem. Mais... Mais alguma forma que vocês queiram assim distinguir... aqueles que realmente comprovem através de alguma situação ou de qualquer atitude. Diz, n.º 3.

**Aluno n.º 3** – corrigem os nossos erros.

**Moderadora** – corrigem os vossos erros... Mais alguma?

**Aluno n.º 1** – explicam-nos como são e ajudam-nos.

**Moderadora** – e ajudam-nos. Mais alguma maneira de demonstrar essa amizade? Diz...

**Aluno n.º 3** – querer trabalhar connosco.

**Moderadora** – querem trabalhar convosco?...

**Aluno n.º 3** – ensinar-nos.

**Moderadora** – ensinar-nos. Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – também às vezes quando nós nos portamos bem, a nossa professora faz brincadeiras connosco.

**Moderadora** – muito bem. E esse “brincar” sabe-vos bem?

- Sim (ouvem-se várias vozes).

**Aluno n.º 6** – ... às vezes pintamos, desenhamos...

**Moderadora** – diz, n.º 7.

**Aluno n.º 7** – às vezes quando estamos a falar com os nossos colegas, os nossos professores chamam-nos a atenção, estão a fazer o seu melhor, que é para nós estarmos atentos e aprendermos.

**Moderadora** – isso mesmo. Diz, n.º 10.

**Aluno n.º 10** – eles estão sempre lá, estão aqui para ajudar.

**Moderadora** – sempre aqui para ajudar. E vocês sentem isso nos professores?

– sim (em coro)

**Moderadora** – que bom! Ora bem, e então se vocês sentem isso da parte dos professores... É verdade, vocês até agora só apontaram pormenores bons. Como é que demonstram aos professores que se sentem bem?

**Notas da observadora:**

Nesta pergunta o primeiro a intervir foi o nº 5, mas a maioria colocou o dedo no ar para falar!

Nº 9 estava sempre a sorrir.

Nº 1 interveio também muito sorridente.

Seguidamente intervieram o nº 8, 7, 10 e 3.

O nº 4 apenas acenou a cabeça para confirmar o que os colegas tinham dito.

Intervio com bastante expressividade o nº 8, seguido do nº 3, 1, 9, 10 e 7.

O nº 12 tentou intervir mas quando chegou a sua vez de falar esqueceu-se do que ia dizer. Sorriu.

Voltou a intervir o nº 8 e muitos deles colocaram novamente o braço no ar para falar. Seguiu-se o nº 5.

O nº 4 sorria. O nº 6 interveio com ar de envergonhado. O nº 7 voltou a intervir, muito expressiva ao falar, seguindo-se o nº 9 e o nº 10 que mostrava alguma ansiedade. Continuaram as respostas o nº 1, 8 e 7. O nº 8 sorri, e terminam as respostas o nº 12 e nº 1.

De um modo geral, todos responderam, com exceção do nº 2 e 11.

**Aluno n.º 5** – fazendo um bom trabalho, respondendo... devemos ficar o mais possível com atenção nas aulas e depois como nós fazemos aos professores, eles agradecem-nos também fazendo outras atividades em que não temos que estudar: pintar, participar em propostas...

**Aluno n.º 1** – interrompe - também nós devemos estar mais com atenção... que há muitos meninos que falam muito, que é para depois a professora dar-nos um prémio no fim se nós portarmos bem.

**Moderadora** – ai é?... A professora dá um prémio no fim se se portarem bem? O tal desenho, pintura, não é? Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – quando fazemos os trabalhos de casa, a professora põe lá os parabéns.

**Moderadora** – escreve lá ”parabéns”?

**Aluno n.º 8** – sim, eu às vezes quando chego a casa, não faço só os trabalhos de casa, de escrever, também faço trabalhos no computador.

**Moderadora** – Muito bem! N.º 6.

**Aluno n.º 6** – isso também nos ajuda a trabalhar mais.



**Moderadora** – isso mesmo!

**Aluno n.º 6** – temos boas notas...

**Moderadora** – aprendem mais assim desse modo. Diz, n.º 10.

**Aluno n.º 10** – nós às vezes faltamos ao respeito, mas nós não p... (não se percebe o que diz).

**Moderadora** – mas quê?

**Aluno n.º 10** – mas nós não podemos fazer isso, para mostrar isso nós não podemos faltar ao respeito, temos de mostrar que ficamos contentes... é assim que a nossa professora diz.

**Moderadora** – isso mesmo. Para demonstrar... para demonstrar respeito e para demonstrar que realmente estão agradecidos, não é? Já deram vários exemplos. Há mais alguém a querer dar um exemplo? Como demonstra que está reconhecido ou agradecido aos professores? Ao vosso professor da turma, aos outros professores das atividades? Aos professores com quem têm trabalhado ao longo destes anos, já conhecem vários... Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – há meninos que fazem as coisas mais rápido e vão... e às vezes a minha professora diz que têm uma letra muito bonita e os outros que fazem mais rápido, têm que se esforçar mais para ter uma letra igual.

**Moderadora** – muito bem! És tu n.º 3 que querias falar? Diz.

**Aluno n.º 3** – esforçarmo-nos nas aulas e não faltar às aulas.

**Moderadora** – pois. Diz, n.º 12.

– risos

**Moderadora** – esqueceste-te?

– risos

**Moderadora** – esqueceste-te... Diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – por exemplo, às vezes a F. da nossa sala falta porque a mãe teve folga e tem pena de não estar com ela mas eu acho que ela não deve fazer isso.

**Moderadora** – Claro. E como é que vocês mostram? Deixem-me perguntar de outra maneira. Como é que vocês mostram aos professores que gostam da forma como eles vos tratam?

**Moderadora** – diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – há muita gente... a nossa turma toda pede para ir ao quadro e a professora faz-nos esse favor.

**Moderadora** – muito bem! Diz, n.º 5.

**Aluno n.º 5** – outras vezes fazemos desenhos e até algumas doçarias, damos uns bombons de chocolate...

**Moderadora** – a quem?

**Aluno n.º 5** – aos professores... é, é assim que eu demonstro. Ou fazer o meu melhor, tentar esforçar-me ao máximo e depois agradeço ao professor.

**Moderadora** – agradeces como? Verbalmente? Como é que tu agradeces?

**Aluno n.º 5** – ah!...

**Moderadora** – assim dessas maneiras. Mas também conversas, dizes obrigado?

**Aluno n.º 5** – não.

**Moderadora** – não?!...

**Aluno n.º 5** – não demonstro dessa maneira.

**Moderadora** – não demonstras dessa maneira? Demonstras daquele modo que tu já disseste.

**Aluno n.º 5** – sim.

**Moderadora** – muito bem. Diz, n.º 7

**Aluno n.º 7** – às vezes compramos um bolo para os professores para lhes mostrarmos que nós gostamos deles e fazemos-lhes coisas que sabemos que eles vão gostar.

**Moderadora** – muito bem. n.º 6.

**Aluno n.º 6** – por exemplo, eu e o n.º 7, no outro dia, fizemos um trabalho, pusemos uns enfeites e demos à professora... ficou muito contente e guardou-o na nossa capa de arquivo.

**Moderadora** – muito bem. Diz, n.º 9

**Aluno n.º 9** – também na nossa turma fazem em casa trabalhos de artes plásticas e oferecem à professora.

**Moderadora** – e dão... oferecem esse trabalho à professora. Diz, n.º 10.

**Aluno n.º 10** – como em épocas especiais, como a Páscoa, como o Natal, nós damos presentes aos professores para dizer obrigado por nos terem dado essa matéria, por nos terem ensinado.

**Moderadora** – através dos presentes. Diz.

**Aluno n.º 1** – eu costumo fazer presentes com materiais que tenho em casa, com materiais de plástica que eu faço em casa, com materiais reciclados também e às vezes também dou prendas que tenham sido oferecidas e não quero na minha casa.

**Moderadora** – ora bem... Agora eu vou... Diz n.º 8

**Aluna n.º 8** – no ano passado escrevi um postal à minha professora a dizer-lhe que gostava muito dela e depois escrevi lá o que sentia dela...

**Moderadora** – que bom! Que bom! E o que é que escreveste? Podes partilhar connosco? Mais ou menos...

**Aluna n.º 8** – escrevi que gostava, que gostava do trabalho que fazia... hum... e agradei por todos os trabalhos que nos ensinou.

**Moderadora** – muito bem! Diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – quando a professora G. (professora desta turma e que se aposentou no ano passado) foi embora e quando a professora ainda estava aqui, nós fazíamos-lhe muitos postais, muitos desenhos...

**Moderadora** – para oferecer à Professora G..

**Aluno n.º 8** – muitas coisas por ela.

**Moderadora** – o que sentiam, não é? Sentiam a falta da professora. Claro, é natural! Diz.

**Aluno n.º 8** – e eu e as minhas amigas gostamos muito quando a professora G. às vezes vem com a sua neta.

**Moderadora** – isso mesmo. “Mataram” as saudades da professora, não é? Diz, n.º 12

**Aluno n.º 12** – ajudamos os professores, mantemos a sala bem limpa...

**Moderadora** – isso mesmo. É uma forma de demonstrar.

**Aluno n.º 11** – arrumada...

**Moderadora** – arrumada.

**Aluno n.º 11** – separando o lixo...

**Moderadora** – Mas se sentissem que os professores não demonstravam interesse por vocês, como é que vocês ficavam?

Nesta questão o primeiro a colocar o braço no ar foi o n.º 12. Seguido do n.º 10, muito expressivo, dos n.os 9 e 8. Todos queriam falar. Seguiram-se o n.º 5, 8 e 3, que estava ansioso para falar, levantava o braço e inclinava-se para a frente da mesa.

Pronunciou-se também o n.º 4, o n.º 3 deu uma graça.

Falou o n.º 1 e o n.º 7 queria falar mas quando chegou a sua vez esqueceu-se.

O n.º 3 e 4 estavam a falar um com o outro. Pouco atentos às respostas dos colegas.

O n.º 2 manteve-se calado, juntamente com o n.º 6 e 11. Os mais participativos nesta questão foram os n. os 3 e 8.

**Aluno n.º 12** – tristes... um pouquinho desanimados... não aprendíamos, ficávamos... (termo não perceptível)

**Moderadora e alunos** – (risos)

**Aluno n.º 10** – e ficávamos muito tristes e chegávamos à faculdade...

**Moderadora e alunos** – (risos)

**Aluno n.º 9** – ficávamos muito tristes porque as professoras não nos mostravam atenção e não nos ajudavam a fazer os exercícios em que tínhamos dúvidas.

**Moderadora** – muito bem.

**Aluno n.º 8** – ficava triste, porque sabia que ficava mal e sabia que as professoras não nos educavam.

**Moderadora** – n.º 5.

**Aluno n.º 5** – ficava desapontada porque depois chegávamos a certas alturas em que tínhamos as fichas de avaliação e não sabíamos nada, porque a professora não nos explicava, não nos dava atenção e não nos explicava as coisas, mesmo que fosse preciso explicar mil vezes, a professora G. explicava as vezes que foram precisas; às vezes tinha dúvidas, mas não dizia porque tinha medo que ela me ralhasse por eu não estar com atenção...

**Moderadora** – pois. Diz, n.º 7.

**Aluno n.º 7** – por exemplo, nas aulas de Educação Física se nós não aprendêssemos bem, depois quando fossemos para a escola de lá de cima sentíamos os outros passarem-nos à frente.

**Moderadora** – pois. Diz, n.º 4

**Aluno n.º 4** – ficávamos tristes porque não fazemos atividades, não aprendíamos nada, não tínhamos visitas de estudo.

**Moderadora** – isso mesmo. Diz, n.º 3

**Aluno n.º 3** – chumbávamos todos os anos e quando tivéssemos 40 anos ainda estávamos no 1.º ano.

**Moderadora** – pois, se calhar... Diz, n.º 1.

**Aluno n.º 1** – e também ficávamos tristes porque os professores não nos ligavam nenhuma. Nós tínhamos dúvidas quando fossem as fichas e quando fossemos adultos, sem a matemática e o português, queríamos ensinar os nossos filhos não conseguíamos nada, porque não sabíamos nada, nem à nossa maneira nem à maneira deles.

**Moderadora** – isso mesmo. Agora quero fazer uma pergunta assim muito direta. Diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – ... já me esqueci o que ia dizer...

**Moderadora** – esqueceste-te, mas depois se te lembrares dizes, está bem? **Já algum de vocês teve algum professor de quem não gostasse muito? Não digam o nome desse professor, por favor.**

O primeiro a responder, de imediato e sem qualquer receio, foi o nº1, seguido do nº 8 e 7.

A moderadora esclareceu que não tinham de se basear em professores da escola, de imediato colocaram os braços no ar para falarem.

O nº 12, 11, 4 e 6 disseram que não.

Seguiu-se o nº 9, 12, 10 e 8.

Enquanto o nº 7, 1 e 9 já estavam com o braço no ar.

Nº 9, continuava a intervir, muito expressivo a tentar “imitar” o professor.

Seguiu-se a opinião do nº 5, do nº 3 que mostrou um olhar triste e do nº 1.

O nº 8 esqueceu-se do que ia dizer. Mas foi logo interrompido o segundo de silêncio pelo nº1 e 12.

Quebrou-se o silêncio na sala. Começaram todos a falar uns com os outros e ao mesmo tempo.

A moderadora interveio para que se continuasse.

Voltou a expressar a sua opinião o n.º 4, 8, 1, 5, 9,5, 9 e 1.

O n.º 2 não falou e o n.º 6 e 11 estavam mais calados.

Os mais participativos foram os números 1, 8 e 9.

**Moderadora** – Diz, n.º 10.

**Aluno n.º 10** – heim... já!

**Moderadora** – já tiveste?... Mais algum?

**Aluno n.º 1** – tem de ser cá da escola?

**Moderadora** – não, não. Um professor. Já? N.º 6, já?

**Aluno n.º 6** – também pode ser nesta escola?

**Moderadora** – sim, sim. Não quero é que digam o nome. Está bem?

**Aluno n.º 3** – já.

**Moderadora** – já? Então já todos tiveram? O n.º 4 não, o n.º 12 também não, o n.º 11 não, o n.º 7 também não.

**Aluno n.º 9** – eu já tive.

**Moderadora** – posso saber porquê? Sem dizer o nome da pessoa, digo novamente, repito. Porquê, n.º 9?

**Aluno n.º 9** – porque esse professor estava sempre a berrar comigo e com os meus amigos.

**Moderadora** – e não gostavas disso... diz, n.º 12.

**Aluno n.º 12** – eu não tive nenhum professor de que não gostasse, porque... porque... há alguns professores que... que são mais exigentes e só fazem isso para nosso bem.

**Moderadora** – ah, mas não quer dizer que tu não tenhas gostado. E tu, n.º 10?

**Aluno n.º 10** – eu não gostava dele ou dela (frisou novamente “dele” ou ”dela”) como tratavam...

**Moderadora** – como te tratava, a ti?

**Aluno n.º 10** – sim.

**Moderadora** – diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – porque às vezes eles são mais ??? (palavra não perceptível) e eu não gostava e quando queria explicar alguma coisa, por exemplo, estávamos a falar com algum menino por uma boa razão, para ajudar ou pedir uma ajuda e a professora não nos deixava explicar porque é que estávamos...

**Moderadora** – a conversar naquela altura. Diz, n.º 9.

**Aluno n.º 9** – esse professor também dizia, ao berrar dizia “tens que fazer isto melhor, melhor”, mas eu não conseguia melhor que aquilo...

**Moderadora** – davas o teu melhor, mas não conseguias mais.

**Aluno n.º 9** – e ele sempre a dizer “faz até ao fim”.

**Moderadora** – pois. Tu, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – eu tinha muita dificuldade e o professor ou a professora não me ajudava a ultrapassá-la.

**Moderadora** – não? Diz, n.º 5.

**Aluno n.º 5** – quando não conseguíamos fazer as coisas os professores não nos explicavam novamente e eu ficava com as dúvidas e às vezes até me chamavam nomes que...

**Moderadora** – ai que horror!

**Aluno n.º 5** – ... que não me pertenciam...

**Moderadora** – não te pertencem de maneira nenhuma... e sentias-te mal...

**Aluno n.º 3** – eu não gostava porque nos mandava fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

**Moderadora** – isso perturbava-te?

**Aluno n.º 3** – claro, muito.

**Moderadora** – e a n.º 2... não? (acenou que não)

**Aluno n.º 1** – eu não gosto porque há bocado o n.º 8... nós estamos a explicar uma coisa a um colega que tem dificuldades e a professora pensa que nós estamos a falar... e outra é nós termos nós as culpas dos

outros estarem a falar por exemplo com o parceiro e nós levarmos as culpas dos outros e eu não acho justo.

**Moderadora** – claro. Não achas justo. Sentes injustiça nessas atitudes. Há mais alguma coisa?

**Aluno n.º 8** – eu ia dizer, só que não me lembro.

**Moderadora** – não te lembras... Então desse professor de que vocês não gostaram, não têm uma boa imagem, não sentem saudade, pelo contrário, não sentem gosto... Diz.

**Aluno n.º 1** – e também não gosto que me troquem o nome com outras pessoas...

**Moderadora** – risos

**Aluno n.º 1** – isso acontece muuuitas vezes...

**Moderadora** – porque ela é muito parecida com outra colega. E troca-se muito. Toda a gente troca, não é?

**Aluno n.º 1** – não... a professora de ... e a professora M.

**Moderadora** – pois...

**Aluno n.º 1** – trocam todos os nomes.

**Moderadora** – pois, porque às vezes, isso acontece e vocês...

**Aluno n.º 10** – a professora C também troca... eu chamo-me F. e a professora chama-me D...

**Moderadora** – pronto, mas nesse caso é porque vocês são parecidas. Acontece, não é? Mas reparem, há outras alturas em que nós também trocamos. A vocês também vos acontece. Mas vocês não gostam, mas não é por isso que deixam de gostar das pessoas. Risos... agora... Diz lá ...

**Aluno n.º 4** – às vezes a professora F. chama-me R.

**Moderadora** – pois. Mas agora digam-me uma coisa. Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – é quando a professora às vezes nós... ela quando confunde os nomes eu não gostava e às vezes... e sentia que às vezes era minha culpa. Doutras vezes também sentia que... também percebia que não era minha culpa, que era só porque não queria estar connosco.

**Moderadora** – achas que a professora não queria estar convosco?



**Aluno n.º 8** – não é isso, é que achava que ela não gostava de estar na sala connosco, parece que ela estava farta de nós.

**Moderadora** – mas de vocês como pessoas, ou de dar aulas?...

**Aluno n.º 8** – hum... ah... de ensinar-nos.

**Moderadora** – ensinar-nos... Diz, n.º 5.

**Aluno n.º 5** – não foi o caso de uma professora daqui da escola, foi o caso de uma funcionária, foi no intervalo do almoço que alguns meninos da nossa turma e eu estávamos lá em cima, no patamar e estávamos dentro daquele... daquele... não é uma sala, mas é onde tem as duas salas.

**Moderadora** – sim.

**Aluno n.º 5** – e estávamos a brincar... às vezes, um meu colega acendia a luz e depois o F. apagava e a empregada foi lá acima e abriu a porta e disse que nós não podíamos estar lá dentro, mas começou a gritar connosco e eu chamei-a a atenção e disse que não podia gritar connosco porque nós não lhe faltámos ao respeito... hum... eu sei que ser empregada e ser ... hum... é muito complicado.

**Moderadora** – pois. Isso mesmo. Nem num dia de chuva como o de hoje, não é? Diz, n.º 9.

**Aluno n.º 9** – e esse professor estava sempre a dizer “faz melhor, faz melhor”, os outros faziam melhor que eu e o professor dizia “faz melhor, como eles” e eu sentia que os outros eram melhores a fazerem aquilo que eu.

**Moderadora** – e qual é a vossa reação, a dos que tiveram um professor de quem não gostaram?

O n.º 1 voltou a intervir de imediato a nesta questão.

Os restantes colocaram de imediato os braços no ar... queriam falar.

Seguiu-se o n.º 3, 5, 7, 8, 9, 10, 8 e 1 muito sorridente e expressiva.

Terminou o n.º 3.

Os números 2, 4, 6 e 11 não responderam.

**Aluno n.º 1** – não gosto quando os professores berram, berram comigo por tudo e por nada, sinto que não fiz nada e estou a levar com culpas todas... eu tento não ser mal educada, mas às vezes sou mal educada por me irritar mesmo.

**Aluno n.º 3** – eu não fiz nada. A minha reação não foi nenhuma.

**Moderadora** – não? Diz, n.º 5.

**Aluno n.º 5** – eu às vezes fico perturbada por isto e porque hum... ah... as nossas ... que são melhores do que eles... às vezes até nas aulas, eu não sei coisas mas não pergunto e a reação que eu é que às vezes falto ao respeito porque fico mais irritada e até nem fui eu que tive a culpa e... e... não quero dizer mais nada.

**Moderadora** – diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – a minha reação é que eu tenho de me esforçar mais, mas também a professora ou o professor tem que compreender que eu tenho uma certa dificuldade, tem de me ajudar ainda mais...

**Moderadora** – diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – eu já tinha dito há bocado, eu sinto que estou a fazer mal, mas ao mesmo tempo sei que a professora é um pouco... conosco e quando temos alguma dúvida, ela tenta que nós consigamos logo à primeira e então fico chateada hum... hum... não digo nada à professora porque não quero que ela fique chateada comigo ... mais.

**Moderadora** – diz n.º 9

**Aluno n.º 9** – esse professor, ele estava sempre a pegar comigo, eu... eu... eu queria colaborar com ele, só que tinha medo e... sentia-me mal por causa disso e se eu estava a falar enquanto ele estava a falar enquanto ele estava a berrar, ele dizia “ah vou dizer à tua mãe” estava sempre a dizer “vou dizer à tua mãe” ...

**Moderadora** – qual era o sentimento que tu tinhas?

**Aluno n.º 9** – tristeza.

**Moderadora** – diz, n.º 10.

**Aluno n.º 10** – eu estava muito triste quando tinha esse professor ou professora e sentia-me mal... eu sei que fazia mal, mas também não era para estar sempre a gritar comigo...

**Moderadora** – claro!

**Aluno n.º 12** – eu estava a dizer que não tinha nenhum professor que não gostava, mas houve um que era assim mais exigente conosco e às vezes até me apetecia também gritar com ele, só que eu também não queria faltar ao respeito e eu podia piorar a minha imagem.

**Moderadora** – pois... diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – às vezes... hum... heim... mas eu ... ham, por exemplo, se dizia “podes levar um recado na caderneta se me faltares ao respeito” e eu tinha medo porque a minha mãe ia ficar chateada e ia pôr-me de castigo e eu ficava triste.

**Moderadora** – claro.

**Aluno n.º 9** – era injusto!

**Aluno n.º 8** – eu sei que há gente que tem problemas... mas também não gosto muito porque eles gritam uma vez, gritam duas e nós não compreendemos como devemos fazer, mas eles continuam a teimar.

**Moderadora** – diz, n.º 1.

**Aluno n.º 1** – também não gosto. Eu posso ser muito faladora, às vezes, mas também estar pessoas a falar e a professora a ver e não ralhar com eles e ralhar comigo porque só estou a dizer uma coisa sobre os exercícios e ralha-me logo.

**Moderadora** – o que é que pensas nessa altura? Qual é o sentimento?

**Aluno n.º 1** – sinto que estou a ser diferente dos outros... que estou a ser tratada diferente.

**Moderadora** – de uma maneira diferente. Diz, n.º 3.

**Aluno n.º 3** – às vezes, irritam-se... põem-me de castigo e na verdade não fui eu que fiz isso.

**Moderadora** – e agora digam-me uma coisa. Vocês já apontaram aí algumas coisas... Mas relativamente àquilo que o professor vos dá, vocês sentem que é importante que vocês lhe deem também a ele ou a ela?

O n.º 12, 10, 9 e 8 responderam em coro que sim.

N.º 3 não entendeu a questão.

A moderadora explicou novamente o que queria dizer a questão e o n.º 7 respondeu de imediato, Seguindo-se o n.º 1, 9, 10, 8, 7.

O 2, 11 e 4 não se pronunciaram. Observavam os colegas em silêncio.

Interveio novamente o n.º 7, 6, 8 e 5, enquanto o n.º 1 e 12 levantavam o braço para falar.

Falou o n.º 9 seguido do n.º 12, 9, 8 e n.º 1, muito despachada a falar. Continuava muito expressiva e à vontade no que dizia.

O nº 3 e 4 já estavam distraídos, assim como o nº 9 e 10, que já acenavam para os colegas que estavam a passar do lado de fora da sala.

A moderadora questionou o nº 2, pois não se tinha pronunciado em nenhuma das questões, e o nº 2 sorriu e confirma ao acenar a cabeça, concordava com tudo o que tinha sido dito.

Pronunciou-se novamente o nº 8, 7 e o nº 1 agradece à moderadora.

No final, todos levaram a identificação do nº que lhes tinha sido atribuído.

De um modo geral, todos participaram. Mostravam ansiedade em falar, com exceção do nº 2, que apenas respondeu em coro à 1ª questão e depois manteve-se em silêncio, a sorrir.

Os mais participativos nesta última questão foram os n. os 8 e 9.

**Alunos em coro** – sim.

**Moderadora** – vocês recebem do professor...

**Aluno n.º 3** – o quê?

**Moderadora** – aquilo de que já falaram. Vocês acham, consideram que é importante também darem-lhe, ao professor ou à professora? Diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – só um bocado.

**Moderadora** – e se for uma coisa boa que tu recebas? A primeira parte da conversa que vocês disseram...

**Aluno n.º 1** – ah! Assim damos coisas boas...

**Moderadora** – diz.

**Aluno n.º 11** – Retribuímos o favor.

**Moderadora** – Retribuímos o favor!

**Aluno n.º 10** – uma vez a nossa professora deu-nos uma coisa e eu agradeci-lhe com umas prendas que lhe oferecia nos vários dias especiais... na Páscoa... ofereci-lhe pelo bem que nos fez...

**Moderadora** – também com uma prenda material, sim... Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – eu não faltava ao respeito, mas sentia isso, guardava para mim.

**Moderadora** – mas com a professora de quem tu gostas, o professor de quem tu gostas?

**Aluno n.º 8** – de quem eu gosto... a professora dá-nos algo e eu... eu... se nos deu, eu também dou uma coisa à professora... ela fica feliz e eu fico feliz também.

**Moderadora** – mas uma coisa material? Precisa de ser material?

**Aluno n.º 8** – pode ser um presente comprado, um postal, qualquer tipo de trabalho feito...

**Moderadora** – diz, n.º 6.

**Aluno n.º 6** – por exemplo, no dia do “Halloween”, eu distribuí aos meus amigos um doce.

**Moderadora** – um doce. Diz.

**Aluno n.º 9** – quando a minha mãe faz alguma coisa em ocasiões especiais, eu trago... a professora fica contente com alguma coisa que a minha mãe faz.

**Moderadora** – muito bem! Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – agora é que eu me lembrei... em alguns natais, eu dava assim um pai natal grande de chocolate.

**Moderadora** – sim.

**Aluno n.º 8** – dava a todas as turmas, dava a si, aos professores e aos funcionários porque eu gosto muito das pessoas que gostam de mim.

**Moderadora** – muito bem! Diz, n.º 5.

**Aluno n.º 5** – às vezes eu oferecia uns chocolates que a minha mãe comprava na Póvoa de Varzim, que ela trabalha lá e vai sempre de manhã às vezes comprar chocolates ou também me apetecia fazer um desenho que conseguia eu e as minhas colegas... fazíamos e depois oferecíamos.

**Moderadora** – um desenho coletivo!

**Aluno n.º 5** – um desenho coletivo.

**Moderadora** – muito bem! Diz, n.º 12.

**Aluno n.º 12** – nós temos aqui na turma... não foi com o professor, mas foi com um colega nosso que se estava a armar que tinha... que fazia brincadeiras estúpidas e isso... e eu e os meus amigos estávamos a brincar e depois ele começou a magoar-nos e sem razão e eu queria... eu queria que ele não fizesse isso e nós começámos a chamar-lhe várias vezes a atenção e ele nunca...

**Moderadora** – ele continuou...

**Aluno n.º 12** – continuou!

**Moderadora** – diz, n.º 9.

**Aluno n.º 9** – a minha mãe às vezes traz... compra-me brinquedos, surpresas... eu peço-lhe uma coisa e ela não responde porque ela sabe que eu queria, só que ela não mostra...

**Moderadora** – para poder fazer a surpresa...

**Aluno n.º 9** – sim... e ela mostra-me... é uma surpresa para mim.

**Moderadora** – e agora...

**Aluno n.º 9** – depois eu “contribuo-lhe”.

**Moderadora** – retribuis-lhe.

**Aluno n.º 9** – sim, retribuo... a fazer outra coisa.

**Moderadora** – e como é que retribuístes?

**Aluno n.º 9** – de manhã, como a minha mãe tem falta d’ ar e o meu irmão acorda lá para as 8 horas e então eu fico com o meu irmão em casa e a minha mãe... o meu pai vai levar a minha mãe porque a minha mãe tem falta d’ ar.

**Moderadora** – muito bem! Filho amigo... Diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – Às vezes um menino, que entrou agora para a nossa turma, ele às vezes irrita-me porque às vezes ele empurra e às vezes apetece-me ralar-lhe, mas eu não o faço mas apetece-me...

**Moderadora e alunos** – (risos)

**Moderadora** – apetece-te... diz, n.º 1... temos que acabar porque vai começar a aula...

**Aluno n.º 1** – eu uma vez, já este ano, eu agradeci aos meus professores... tipo... agradeci à minha professora nos meus anos, a dar uma saca doces e, no ano passado, na festa dos finalistas eu fiz um desenho e depois pus para todos os colegas escreverem o seu nome para darmos à professora.

**Moderadora** – muito bem!

**Aluno n.º 1** – este ano, quando entrou um colega nosso para a nossa turma, chamou-lhe... fez qualquer coisa mal feito, já não me lembro e ela começou... chorou, ficou triste e eu ajudei-a, mas depois passados

uns dias, ela tratou-me mal a mim e começou a dizer –“ah, a boca é minha, tu não mandas em mim, eu faço o que quiser, eu posso dizer o que quiser que tu não mandas em mim”, quando ela me chama nomes que eu não gosto... eu não gosto.

**Moderadora** – claro... e não gostas! E então aqui o nosso n.º 2... Não disseste nada...

**Aluno n.º 4** – ele (a) fala pouco...

**Aluno n.º 1** – mas é muito amigo (a)... é sempre amigo(a).

**Moderadora** – é sempre delicado (a)... então podias ter partilhado connosco, não é?... És sempre cuidadoso(a)!...

Olhem, meus meninos, como sempre vocês são impecáveis e conseguiram pensar muito bem acerca de um assunto que realmente é um bocadinho difícil, mas que nos faz bem pensar... porque nós vivemos não é só para comer, beber e dormir, vivemos também para pensar nestas coisas que nos fazem estar bem vivos, nos fazem ter atenções uns para com os outros, atenções bonitas como vocês tiveram...

**Aluno n.º 12** – se nós... se nós estivermos só a comer e beber, sem fazer alguma coisa pelos outros, ficamos burros!

Risos

**Aluno n.º 4** – ... não vimos para a escola, não aprendemos 1+1...

**Moderadora** – diz, n.º 8.

**Aluno n.º 8** – quando nos perguntou se havia alguém de quem não gostássemos, eu não queria dizer... se a pessoa estivesse cá, ficava chateada!

**Moderadora** – ficava triste, sim...

**Aluno n.º 8** – e então eu não queria dizer, mas sabia que tínhamos que dizer porque a professora quer que digamos sem mentir, mas às vezes nós dizemos e depois arrepentemo-nos...

Risos

**Moderadora** – mas, n.º 8, ouve uma coisa... aquilo que eu dizia naquele comunicado que enviei para os vossos pais, é que isto é um estudo em que não vai haver sequer nomes nem nada... não vão os vossos nomes, por isso é que colocámos aqui os números, para vocês não serem identificados. Aquilo que disseram, será escrito...

**Aluno n.º 3** – ... tipo... o número 3 disse...

**Moderadora** – ora muito bem, é assim mesmo, n.º 3.

Risos

**Moderadora** – portanto, n.º 8, estás perfeitamente à vontade com o facto de não mentir... ouve, tu não gostas, se calhar, de manifestar os teus sentimentos quando...

**Aluno n.º 8** – mas só gosto quando sei que as pessoas não vão ficar tristes, por exemplo uma pessoa como a M., ela é minha amiga, ela gosta muito de mim, eu sou mais velha, ela gosta que a trate como uma mãe, eu gosto muito dela. Uma vez, ela estava a chorar e uma menina chateou-se com ela e com a J., e então eu... depois...ah... fui ter com a J. e conversei com ela e até comecei a chorar.

**Moderadora** – porque és amiga!

Muito bem! Uma salva de palmas a vocês. Agradeço-vos muito e à Dr.ª Ana Camões por toda a ajuda que me deram e que foi muito grande!



## ANEXO VIII: PROJETO “CIVISMO ALERTA”



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. PEDRO I



ESCOLA BÁSICA DE CHOUSELAS

### CIVISMO ALERTA

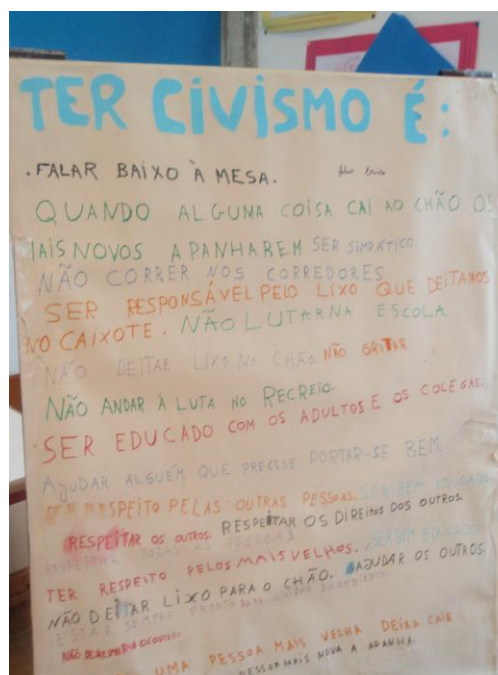
Projeto iniciado no final do ano letivo 2009-2010 nesta Unidade Educativa e que tem tido resultados muito positivos: todas as semanas, uma das turmas, desde o pré-escolar ao 4º ano, é responsável pelo civismo em toda a escola. Vestem os coletes (gentilmente oferecidos pela Junta de Freguesia) e incarnam imediatamente o seu papel de controladores do espírito cívico.

Iniciámos por sensibilizar os alunos sobre o que é o civismo.

Foi posteriormente colocado um placard num dos corredores onde iam escrevendo, à vontade, o que era o civismo.

A ideia foi assim crescendo até surgir o modo de reconhecer os alunos que eram responsáveis pelo civismo, começando por ser umas braçadeiras, que posteriormente foram substituídas pelos coletes.

O projeto continua em vigor e a surtir efeitos entre a comunidade escolar.



## ANEXO IX: GRELHAS DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

### ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categoria Teórica	Dimensões	Indicadores	Unidades de Análise (excertos)	Questão /Inquérito
<b>DÁDIVA / DOM</b>	<b>A – Caraterísticas do sistema de Dádiva/ Dom</b>	<b>- Uniteralidade/ gratuidade</b>	Manifestam espontaneamente, sem cobranças nem formulação de juízos de valor.	2 a) / INQ 13
			Sim. Através de gestos e comportamentos espontâneos, como por exemplo: cumprimentos, gestos “carinhosos”, partilha sem interesse...	2 a) / INQ 28
			Retribuindo, desenvolvendo empatia, escutando, encorajando.	2 b) / INQ 13
			Se são simpáticos e afáveis tento ter o mesmo tipo de comportamento.	2 b) / INQ 24
			Como é natural em qualquer ser humano a tendência é retribuir conforme e de acordo com a respetiva atitude. Se me dão um sorriso, retribuo-o.	2 b) / INQ 25
			Se os alunos demonstram interesse, sinto prazer em continuar a fazer mais e melhor...	2 b) / INQ 27
			Dar o exemplo sendo modelo do que esperam de mim, atuando com educação e esperando dos outros a mesma atitude, com serenidade e respeito mútuo.	2 b) / INQ 32
			Eu gosto de retribuir, simplesmente.	2 b) / INQ 34
			O bem estar da outra pessoa.	2 c) / INQ 2

			A felicidade que sinto.	2 c) / INQ 11
			A comunicação que estabeleço, o partilhar de experiências.	
			O que me motiva é a minha satisfação pessoal por saber que estou a contribuir, de alguma forma, para que a escola seja um local agradável e de troca de saberes.	2 c) / INQ 17
			Gratidão.	2 c) / INQ 21
			A atenção e o interesse pelo próximo.	2 c) / INQ 22
			Um conhecimento mais próximo dos Encarregados de Educação.	2 c) / INQ 26
			Contribuir para o sucesso dos alunos e fomentar o bem-estar na comunidade escolar.	2 c) / INQ 33
			O reconhecimento.	2 c) / INQ 35
			O bem estar, a partilha, a união.	2 d) / INQ 1
			Sentir-me bem comigo e com os outros.	2 d) / INQ 10
			A felicidade do outro.	2 d) / INQ 34
			Existe uma relação de dívida todos os dias pois faço o que gosto.	3d) / INQ 11
			Sinto uma relação de dívida porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco.	3d) / INQ 18
			Sinto porque também me esforço para que tal aconteça. É exigente e cada vez mais, mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas.	3d) / INQ 19
			Será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer	4 f) / INQ 18

			recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem.	
		<p>Através das respostas acima transcritas, destacam-se os valores da simplicidade, reconhecimento, espontaneidade, retribuição. A felicidade que é sentida, a satisfação pessoal, a partilha sem interesse, o gosto na retribuição “<i>eu gosto de retribuir, simplesmente</i>” [2 b) / INQ 34] são conceitos que identificam a unitariedade e a gratuidade sentidas por vários inquiridos, ao responderem a estas questões “<i>sinto uma relação de dádiva porque todos damos o nosso melhor, partilhamos, sugerimos e não esperamos nada em troca, porque o que fazemos é com gosto, com amor pelas crianças que temos nas mãos, porque acima de tudo queremos que elas cresçam felizes connosco</i>” [3d) / INQ 18].</p> <p>É expressa também a exigência cada vez maior, mas não a sua impossibilidade “<i>é exigente e cada vez mais, mas é possível: na escola, com as famílias, com os colegas</i>” [3d) / INQ 19] “principalmente quando se gosta do que se faz” e com gratuidade “... <i>nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem.</i>” [4 f) / INQ 18].</p>		
		<b>Dom primário: sela a aliança entre as pessoas</b>	Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha.	2 a) / INQ 8
	Sim, manifestam-se através de gestos e também de comportamentos.		2 a) / INQ 10	
	Sinto que a comunidade educativa tem comportamentos de afetividade, respeito e confiança.		2 a) / INQ 12	
	Normalmente os grupos referenciados reagem com palavras de agradecimento, de simpatia e no caso das crianças através de abraços e o agarrar/ puxar da bata.		2 a) / INQ 18	
	Através do interesse e comportamento dos encarregados de educação.		2 a) / INQ 26	
	É um bom princípio retribuirmos afetos, pequenos gestos que		2 b) / INQ 10	

			propiciam felicidade de outrem.	
			Inserida numa comunidade educativa é impossível estar distante e afastada das pessoas. Dar e receber, ouvir, perguntar, compreender, perceber...	2 b) / INQ 19
			A alegria de dar e tornar o outro feliz.	2 c) / INQ 34
			Fazer com que a outra pessoa se sintam bem	2 d) / INQ 2
		<p>O selar da aliança entre as pessoas pode ser obtido de formas diversas e nas respostas apresentadas isso é bem evidente: a partir da participação ativa dos pais, que conduzirá ao conhecimento das pessoas entre si “<i>os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha</i>” [ 2 a) / INQ 8]; dos alunos com o seu carinho, abraços, e o simples agarrar ou puxar pela bata “<i>normalmente os grupos referenciados reagem com palavras de agradecimento, de simpatia e no caso das crianças através de abraços e o agarrar/ puxar da bata</i>” [ 2 a) / INQ 18] ; de si próprio para com os outros a quem dá, de quem recebe, ouve, pergunta, compreende, percebe e porque dando torna o outro feliz, assim se sentirá alegre, acima de tudo porque tem o cuidado de fazer com que o outro se sintam bem. Estas atitudes de “ <i>alegria de dar e tornar o outro feliz</i>” [2 c) / INQ 34] e de “<i>fazer com que a outra pessoa se sintam bem</i>” [2 d) / INQ 2] selam a aliança entre as pessoas.</p>		
		<b>Criação de redes de afinidade a partir do dom</b>	Considero o ambiente vivido na escola, com alunos e colegas, extremamente positivo. Resultado de um companheirismo que é expresso em palavras de amizade e sorrisos.	2 a) / INQ 9
	Mantendo um contacto próximo com as pessoas. Investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem.		2 a) / INQ 19	
	Sim. Dependendo dos grupos, os índices de retribuição são diferentes. Posso observá-los através dos gestos e comportamentos do dia a dia.		2 a) / INQ 25	
	Sim, por gestos de simpatia, palavras carinhosas e vontade de ajudar.		2 a) / INQ 34	

			Pela forma eficiente como apresentam os trabalhos e disponibilidade que demonstram.	2 a) / INQ 35
			Pelo facto de serem crianças serem carentes de aprendizagem e/ ou carentes de afetividade.	2 b) / INQ 6
			Mostrando simpatia e disponibilidade.	2 b) / INQ 7
			A gratidão e a simpatia destes grupos.	2 b) / INQ 22
			Ajudá-las no que está ao meu alcance.	2 b) / INQ 23
			Ajudá-los a sentir-se importantes como alunos e cidadãos em formação.	2 c) / INQ 6
			O bem estar pessoal e social dos indivíduos e agregados familiares. Trabalho na base do dar e do receber.	2 c) / INQ 12
			Motiva-me a boa relação que é possível estabelecer com os outros.	2 c) / INQ 15
			Contribuir para a sua formação integral como pessoa e cidadão.	2 d) / INQ 6
			Respeito, partilha, uma escola sã e viva onde os meus alunos gostam de estar.	2 d) / INQ 8
			Contribuir para um bom ambiente de trabalho e reforçar os sentimentos positivos.	2 d) / INQ 9
			Ambiente saudável de convívio entre todos com o mesmo objetivo, o bem da criança e do ambiente que o rodeia, para o sucesso escolar e pessoal, de cada um em particular e de todos em geral.	2 d) / INQ 32
		A afinidade é sentida a partir do companheirismo expresso em palavras de amizade e sorrisos e de um contacto próximo das pessoas “ <i>investindo diariamente nas relações com as pessoas. A melhor forma é estar perto, valorizar o que dizem, pensam e fazem</i> ”.[2 a) / INQ 19].		

		Assim será conseguido “ <i>O bem estar pessoal e social dos indivíduos e agregados familiares</i> ” porque o trabalho é exercido “ <i>na base do dar e do receber</i> ”[2 c) / INQ 12].
	<b>Desencadear do laço social a partir de uma relação de dádiva</b>	Quando os gestos são simpáticos, como um envio de um e-mail a agradecer, respondo sempre. 2 b) / INQ 2
		Gosto de ajudar os colegas e faço-o sempre que posso. Recebo os Encarregados de Educação sempre com simpatia e quando precisam. 2 b) / INQ 8
		Acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho. Sinto que diariamente no meu trabalho um sorriso a um adulto e um carinho a uma criança já tem toda a diferença. 2 b) / INQ 12
		O saber que só de um pleno entendimento com a comunidade educativa é que conseguimos contribuir para o progresso dos nossos alunos. 2 c) / INQ 8
		A necessidade de estabelecer laços baseados na confiança mútua. 2 c) / INQ 13
		O sentir que estamos no caminho certo e o que fazemos é reconhecido com o sentir. 2 c) / INQ 18
		<p>O laço é desencadeado a partir de pequenos gestos, conforme alguns exemplos dados pelos inquiridos: resposta de agradecimento a um e-mail, ajuda aos colegas, receção com simpatia dos encarregados de educação, um sorriso a um adulto, um carinho a uma criança, pleno entendimento com a comunidade educativa, reconhecimento sentido.</p> <p>“<i>Acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho</i>” [2 b) / INQ 12] denota a noção de uma cadeia de valores numa relação baseada na dádiva, desencadeando o laço social.</p>

		<b>Estabelecimento de uma relação de dívida social, quando se recebe, conduzindo à inter-relação humana e social</b>	Demonstram interesse nas atividades realizadas e prazer em colaborar.	2 a) / INQ 27
			Sim, manifestam-nas agradecendo a minha preocupação para com os seus educandos.	2 a) / INQ 33
			Sempre que uma pessoa é simpática sinto a necessidade de retribuir essa simpatia	2 b) / INQ 14
			Sempre que sinto da parte dos outros uma atitude positiva, a minha reação é corresponder.	2 b) / INQ 15
			Penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo. Por exemplo, uma turma de alunos recetivos, interessados e simpáticos levam a que seja mais fácil e agradável retribuir com as mesmas atitudes.	2 b) / INQ 17
			Eu penso que quando somos bem acolhidos e recebidos, temos necessidade de retribuir, por exemplo através de um bom desempenho profissional e estabelecendo uma relação de cooperação com os colegas/Pais/Alunos.	2 b) / INQ 28
			Qualquer atitude positiva para com a minha pessoa, leva-me a retribuir da mesma maneira: ser amiga, prestável, atenciosa, compreensiva...	2 b) / INQ 31
			Quando recebemos reforço positivo e gostamos, penso que devemos proporcionar esse ambiente saudável aos nossos colegas.	2 c) / INQ 9
			Gosto de ter um relacionamento cordial com todos os que me rodeiam, por isso tento corresponder às manifestações de simpatia	2 c) / INQ 24



		que têm para comigo.	
		Depende. Se a situação for positiva é fácil retribuir da mesma forma. Se não, cada vez mais tento ser indiferente e usar de bom senso.	2 c) / INQ 24
		<p>A partir do gesto de dar, é sentida a necessidade de re-dar, conduzindo a uma inter-relação humana e social “<i>sempre que uma pessoa é simpática sinto a necessidade de retribuir essa simpatia</i>” [2 b) / INQ 14].</p> <p>O facto de receber é sentido como que ficando em dívida “<i>sempre que sinto da parte dos outros uma atitude positiva, a minha reação é corresponder</i>” [2 b) / INQ 15].</p> <p>A trilogia defendida por Mauss encontra-se bem expressa “<i>penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo</i>” [2 b) / INQ 17].</p> <p>Surge também o acautelamento social avaliador das atitudes, sendo a respetiva resposta dependente do que é recebido “<i>se a situação for positiva é fácil retribuir da mesma forma. Se não, cada vez mais tento ser indiferente e usar de bom senso</i>” [2 c) / INQ 24].</p>	
	<b>Desenvolvimento de relações sociais a partir do interesse e do “desinteressamento”</b>	Sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles. Somos Professores damo-nos bem existem gestos de amizade, espírito de colegas, gestos de ajuda.	2 a) / INQ 11
A maior parte, penso que sim, dado que estes gestos e comportamentos são favoráveis para ambas as partes e por isso não deve ser norteado por interesses secundários.		2 a) / INQ 17	
Retribuo com a disponibilidade, o carinho, a alegria, a aceitação das diferenças, com o meu tempo...		2 b) / INQ 1	

			Eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas.	2 b) / INQ 11
			Não despertam interesse, mas sim vontade. Por uma questão de simpatia e boa educação.	2 b) / INQ 20
			Não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição.	2 d) / INQ 11
	<p>Existem relacionamentos desinteressados “<i>sinto que os grupos têm para comigo atitudes e comportamentos desinteressadamente assim como tenho para com eles</i>” [2 a) / INQ 11], “<i>retribuo com a disponibilidade, o carinho, a alegria, a aceitação das diferenças, com o meu tempo...</i> [2 b) / INQ 1]. Há os que retribuem porque gostam das pessoas e dos afetos, não o fazendo por obrigação “<i>eu sinto necessidade de as retribuir porque sou muito de afetos e de sentimentos de companheirismo e de união. Mas não retribuo por obrigação, é mesmo porque gosto das colegas</i>” [2 b) / INQ 11].</p> <p>Há ainda até quem afirme não ter sequer objetivos, ao retribuir, tal é a forma desinteressada por que o faz “<i>não tenho objetivos para alcançar com essa retribuição</i> [2 d) / INQ 11]</p>			
	<b>Prestação de serviços e ajudas do dia a dia, realizadas em cadeia</b>		Acho que comportamento gera comportamento, quem dá afetividade, recebe carinho. Sinto que diariamente no meu trabalho um sorriso a um adulto e um carinho a uma criança já tem toda a diferença.	2 b) / INQ 12
			Sempre que uma pessoa é simpática sinto a necessidade de retribuir essa simpatia	2 b) / INQ 14
			Sempre que sinto da parte dos outros uma atitude positiva, a minha reação é corresponder.	2 b) / INQ 15
			Penso que como em tudo em sociedade atitudes positivas levam a	2 b) / INQ 17

	<b>B – Formas de manifestação e circulação de Dádiva / Dom</b>		atitudes positivas e vice-versa. Assim sendo se os outros tiverem atitudes positivas para comigo, de forma automática irei fazer o mesmo. Por exemplo, uma turma de alunos recetivos, interessados e simpáticos levam a que seja mais fácil e agradável retribuir com as mesmas atitudes.			
			Sempre que se proporciona. Tendo a mesma postura.	3c / INQ 5		
			Sim. Retribuindo ajudando e cooperando sempre que necessário.	3c / INQ 15		
			Sim, quando partilho sentimentos e materiais.	3d / INQ 33		
		“Comportamento gera comportamento”[2 b) / INQ 12] e “atitudes positivas levam a atitudes positivas” [2 b) / INQ 17] dão-nos a perceção de como gestos simples podem resultar numa grande cadeia de valores humanos e sociais, conduzindo a que o outro se sinta contagiado e tome parte nessa espiral de dádiva em dádiva.				
		<b>Interligação de gerações criada a partir da transmissão de dons</b>	Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha.	2 a) / INQ 8		
			Inserida numa comunidade educativa é impossível estar distante e afastada das pessoas. Dar e receber, ouvir, perguntar, compreender, perceber...	2 b) / INQ 19		
			Trazendo os pais à escola, envolvendo-os em atividades de confraternização e depoimentos das suas histórias de vida.	2 b) / INQ 33		
			Educação em primeiro lugar; Profissionalismo/cumprimento das tarefas e Simpatia e boa disposição	3a) / INQ 14		
			Haver uma relação de confiança e de frontalidade de modo a evitar possíveis equívocos.	3a) / INQ 17		
Basta que haja amizade, partilha e não haja inveja ou querer ser melhor que o outro. Acima de tudo pensar que temos nas nossas	3a) / INQ 18					

		mãos o que há de melhor no mundo e precisamos de semear neles valores cruciais e para tal temos que dar o exemplo.	
		Partilharem de forma aberta as suas experiências educativas.	3a) / INQ 26
		<p><i>“Os pais participando ativamente em vários projetos e trabalhos para a sala e para a escola. Os alunos com o seu carinho, os colegas com a partilha”</i>[ 2 a) / INQ 8]: nesta resposta está bem definida como pode acontecer a interligação de gerações criada a partir da transmissão de dons, atitude crucial em qualquer educador porque <i>“acima de tudo pensar que temos nas nossas mãos o que há de melhor no mundo e precisamos de semear neles valores cruciais e para tal temos que dar o exemplo”</i> [3a) / INQ 18].</p>	
	<b>Estabelecimento de troca e apoio efetivos</b>	Serem igualmente exigentes e desenvolver métodos de trabalho parecidos; encarar a profissão com seriedade e responsabilidade; ter a humildade e capacidade de ouvir críticas e desejo de melhorar.	3a) / INQ 9
		Os sentimentos de amizade, partilha, compreensão.	3b) / INQ 11
		A minha gratidão é para com os alunos procurando dar o meu melhor, as colegas reconhecem o bom desempenho...	3c) / INQ 26
		Sim. Na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros.	3d) / INQ 8
		Sim. Por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos.	3d) / INQ 22
		Sim. Cada dia que passa é uma dádiva, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem	3d) / INQ 31
		Sim. Com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma”.	3d) / INQ 34

	Trabalho em equipa.	3d) / INQ 35
	<p>Os sentimentos de troca e apoio efetivos são sentidos através da partilha entre pares “<i>encarar a profissão com seriedade e responsabilidade; ter a humildade e capacidade de ouvir críticas e desejo de melhorar</i>” [3a) / INQ 9] e “<i>na medida em que existe uma grande partilha com todos os colegas, embora mais com uns do que com outros</i>” [3d) / INQ 8] de professores para alunos “<i>por parte dos professores têm de “se dar” aos alunos... na paciência, na atenção, no interesse... durante as aulas e às vezes nos intervalos</i>” [3d) / INQ 22] e “<i>cada dia que passa é uma dádiva, pois dou a conhecer aos outros o pouco que eu sei, ou seja, ajudo a crescer os que me envolvem</i>” [3d) / INQ 31].</p> <p>O resultado do trabalho existe quando é realizado em equipa [3d) / INQ 35] e a troca e apoio são efetivamente sentidas “<i>com colegas que amam o que fazem e se entregam de “corpo e alma”</i>” [3d) / INQ 34].</p>	
<b>Presença de dons rituais (presentes mais ou menos excessivos)</b>	Sim, com todas as colegas, auxiliares e até com os alunos! Agradeço, reconhecida, e tento retribuir sempre que necessário.	3c) / INQ 1
	Sim, verbalizando essa gratidão e sendo solidária e amiga.	3c) / INQ6
	Penso que todos os dias agradeço aos diferentes colegas, quando necessário.	3c) / INQ 17
	Sim, tentei retribuir, na medida que me foi possível, o favor que me foi prestado.	3c) / INQ 24
	Claro! Agradei e mostrei-me pronta a retribuir...	3c) / INQ 27
	Sim, diariamente. Com um sorriso nos lábios, de perceber que posso contar com o outro e agradecendo verbal ou gestualmente.	3c) / INQ 32
	Sim. Partilha de materiais, informação.	3d) / INQ 15
<p>A trilogia “dar, receber, retribuir” presente nos dons rituais que fazem parte do nosso quotidiano “<i>com todas as colegas, auxiliares e até com os alunos! Agradeço, reconhecida, e tento retribuir sempre que necessário</i>” [3c) / INQ 1] e “<i>com um sorriso nos lábios, de perceber que posso contar com o outro e agradecendo verbal ou gestualmente</i>” [3c) / INQ 32].</p>		
	Todos os dias, agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias);	3c) / INQ 2

			cumprimento, sorriso e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento.	
			Sim, ajudando sempre que necessário.	3c) / INQ 4
			Sim. Com simpatia e reconhecimento. Em várias ocasiões.	3c) / INQ 7
			Claro! E ainda bem! Demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...	3c) / INQ 9
		<b>Interação entre as pessoas, baseada no dar, receber, retribuir</b>	Algumas vezes, demonstrei através de palavras e comportamentos verdadeiros, mostrando a afetividade e o companheirismo.	3c) / INQ 12
			Sim. Quando colaboram comigo em atividades ou serviços na escola.	3c) / INQ 22
			Sim. Demonstrei agradecendo verbalmente. Já senti gratidão em várias ocasiões.	3c) / INQ 28
			Sim, reconhecimento público.	3c) / INQ 33
			Sim e em várias ocasiões. Agradecimento individualmente e reconhecimento coletivo → festas.	3c) / INQ 35
			Sim. Partilha de conhecimentos, materiais, troca de opiniões.	3d) / INQ 3
			Sinto, porque tenho o prazer de ajudar quem mais precisa do meu apoio.	3d) / INQ 12
			Sim, gosto de dar tudo o que posso aos meus alunos e colegas, mantendo um relacionamento de solidariedade e amizade.	3d) / INQ 24
			Os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos.	4f) / INQ 9
		As pessoas interagem naturalmente a partir de uma relação de dádiva “ <i>todos os dias, agradeço a quem presta serviços (café, fotocópias); cumprimento, sorriso e muitas vezes expresso por palavras mais afetuosas esse agradecimento</i> ” [3c)		

		<p>/ INQ 2].</p> <p>Quando dão conta está estabelecida uma relação da qual já não prescindem “<i>Claro! E ainda bem! Demonstrei através de palavras de gratidão e gestos afetuosos: sorrisos, abraços...</i>” [3c) / INQ 9].</p> <p>A interação alarga-se espiralmente “<i>agradecimento individualmente e reconhecimento coletivo → festas</i>” [3c) / INQ 35] focalizando cada vez mais pessoas, sendo os efeitos positivos “<i>os efeitos só podem ser positivos pois é dando que recebemos. Se, enquanto comunidade educativa, nos fecharmos sobre nós próprios nada aprendemos e nada evoluímos</i>”[4f) / INQ 9].</p>																								
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="848 587 1167 683"> <p><b>Sensação de uma força motriz, a partir de uma cadeia de dádivas, gerando como que uma “arte mágica” sentida e “espiralmente” transmitida</b></p> </td> <td data-bbox="1167 587 1901 683"> <p>Respeito o trabalho dos outros, sou solidária, tento ajudar quando vejo que precisam de ajuda e eu posso apoiar em algum aspeto.</p> </td> <td data-bbox="1901 587 2134 683"> <p>3a) / INQ 24</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 683 1167 823"></td> <td data-bbox="1167 683 1901 823"> <p>Há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho.</p> </td> <td data-bbox="1901 683 2134 823"> <p>3d) / INQ 9</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 823 1167 919"></td> <td data-bbox="1167 823 1901 919"> <p>Sim, por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos.</p> </td> <td data-bbox="1901 823 2134 919"> <p>3d) / INQ 13</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 919 1167 1015"></td> <td data-bbox="1167 919 1901 1015"> <p>Trata-se de dádiva na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes.</p> </td> <td data-bbox="1901 919 2134 1015"> <p>3d) / INQ 14</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 1015 1167 1110"></td> <td data-bbox="1167 1015 1901 1110"> <p>Uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas.</p> </td> <td data-bbox="1901 1015 2134 1110"> <p>3d) / INQ 26</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 1110 1167 1206"></td> <td data-bbox="1167 1110 1901 1206"> <p>“Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”.</p> </td> <td data-bbox="1901 1110 2134 1206"> <p>4 / INQ 31</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 1206 1167 1302"></td> <td data-bbox="1167 1206 1901 1302"> <p>Sinto através da forma como se relacionam, assim como manifestam os seus afetos.</p> </td> <td data-bbox="1901 1206 2134 1302"> <p>4 / INQ 35</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="848 1302 1167 1377"></td> <td data-bbox="1167 1302 1901 1377"> <p>Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno</p> </td> <td data-bbox="1901 1302 2134 1377"> <p>4f) / INQ 2</p> </td> </tr> </table>	<p><b>Sensação de uma força motriz, a partir de uma cadeia de dádivas, gerando como que uma “arte mágica” sentida e “espiralmente” transmitida</b></p>	<p>Respeito o trabalho dos outros, sou solidária, tento ajudar quando vejo que precisam de ajuda e eu posso apoiar em algum aspeto.</p>	<p>3a) / INQ 24</p>		<p>Há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho.</p>	<p>3d) / INQ 9</p>		<p>Sim, por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos.</p>	<p>3d) / INQ 13</p>		<p>Trata-se de dádiva na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes.</p>	<p>3d) / INQ 14</p>		<p>Uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas.</p>	<p>3d) / INQ 26</p>		<p>“Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”.</p>	<p>4 / INQ 31</p>		<p>Sinto através da forma como se relacionam, assim como manifestam os seus afetos.</p>	<p>4 / INQ 35</p>		<p>Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno</p>	<p>4f) / INQ 2</p>
<p><b>Sensação de uma força motriz, a partir de uma cadeia de dádivas, gerando como que uma “arte mágica” sentida e “espiralmente” transmitida</b></p>	<p>Respeito o trabalho dos outros, sou solidária, tento ajudar quando vejo que precisam de ajuda e eu posso apoiar em algum aspeto.</p>	<p>3a) / INQ 24</p>																								
	<p>Há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho.</p>	<p>3d) / INQ 9</p>																								
	<p>Sim, por parte de grande parte dos profissionais com quem trabalho. Esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos.</p>	<p>3d) / INQ 13</p>																								
	<p>Trata-se de dádiva na medida em que nos empenhamos, nos damos de “alma e coração”, desdobrando-nos muitas vezes.</p>	<p>3d) / INQ 14</p>																								
	<p>Uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas.</p>	<p>3d) / INQ 26</p>																								
	<p>“Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”.</p>	<p>4 / INQ 31</p>																								
	<p>Sinto através da forma como se relacionam, assim como manifestam os seus afetos.</p>	<p>4 / INQ 35</p>																								
	<p>Tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno</p>	<p>4f) / INQ 2</p>																								

		estiver baseada num espírito de dádiva, este tipo de relação estabelecer-se-á entre os vários agentes da comunidade educativa.	
		“Comportamento gera comportamento”, como tal um bom relacionamento entre professor/aluno ou entre colegas, vai trazer efeitos muito positivos na comunidade educativa.	4f) / INQ 28
		Um efeito de contágio. Mais profissionalismo.	4f) / INQ 34
	<p>Existe reforço positivo, a partir da dádiva “há uma enorme relação de dádiva na medida em que há um enorme reforço positivo de todo o trabalho que desenvolvo, o que faz com que me sinta muito bem no meu local de trabalho” [3d) / INQ 9]. Um dos inquiridos não deixa de se mostrar algo surpreendido “esta dádiva faz a diferença nos nossos quotidianos” [3d) / INQ 13], porque não será comum, a seu ver, a relação de dádiva no ambiente profissional. Mas a dádiva move-nos “uma dádiva permanente que nos move no sentido de encontrar as melhores soluções pedagógicas” [3d) / INQ 26], conduzindo a uma magia espiralmente sentida “tudo o que se aprende na escola, de uma forma ou de outra, reflete-se na comunidade educativa. Se a relação professor/ aluno estiver baseada num espírito de dádiva, este tipo de relação estabelecer-se-á entre os vários agentes da comunidade educativa” [4f) / INQ 2] porque contagiante “um efeito de contágio” [4f) / INQ 34], arrastando consigo efeitos benéficos “Comportamento gera comportamento”, como tal um bom relacionamento entre professor/aluno ou entre colegas, vai trazer efeitos muito positivos na comunidade educativa” [4f) / INQ 28].</p> <p>A “arte mágica” sentida na relação pedagógica, provocando a mudança de atitudes de alguns alunos. “Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos” [4 / INQ 31].</p>		
		Tolerância, respeito e muita disponibilidade	3a) / INQ 19
		Empatia e conjugação de esforços.	3a) / INQ 35
		Prazer em ser PROFESSORA!	3b) / INQ 27
		O docente sentir-se-á motivado a continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis.	4e) / INQ 1



		<b>Execução de trabalho para além do horário laboral remunerado</b>		
		A disponibilidade, a conjugação de esforços, o prazer em ser professora e muitos outros exemplos apresentados pelos inquiridos só serão conseguidos se houver uma entrega muito grande, baseada na dádiva, por exemplo na dádiva do tempo voluntário e não remunerado. Essa dádiva espiralmente sentida, como que numa autêntica “arte mágica” conduzirá a que o docente se sinta “ <i>motivado a continuar a trabalhar com gosto, mesmo em tempos difíceis</i> ”[ 4e) / INQ 1].		
<b>PRINCÍPIOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA</b>	<b>C – Reconhecimento da perfectibilidade do ser humano</b>	<b>O ser humano como “individualidade” de uma sociedade</b>	Quando os alunos revelaram estar aptos para resolver conflitos.	4 / INQ 7
			Ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro...	4 / INQ 9
			Em várias ocasiões. Como orientadora do grupo-turma, tive sempre como premissa “cultivar” nos alunos a responsabilidade, a bondade, a confiança em outrem.	4 / INQ 10
			Quando eles conseguem mediar situações de conflito, quando sabem que podem contar comigo para resolver os seus problemas.	4 / INQ 12
			A formação humana é muito importante, mas tem que ser continuada na família e na comunidade.	4 / INQ 14
			Penso que todos nós contribuímos para a formação humana dos nossos alunos não só por transmitir conhecimentos úteis como, principalmente, “trabalhando” os valores e atitudes. Penso que	4 / INQ 17

			todos os dias, como docente, preocupo-me com isso.	
			Sinto no meu dia a dia sempre. Como exemplo que devemos ser, procuro retribuir nos gestos mais simples.	4 / INQ 25
			Eu penso que enquanto docente tenho um papel importante na formação humana dos meus alunos. Por exemplo, ao trabalhar com os meus alunos “a diferença”, eles conseguem ser mais sensíveis e encarar com naturalidade os colegas ”diferentes”	4 / INQ 28
		<p>A preocupação dos inquiridos na formação dos seus alunos é notória, percebendo-se facilmente a importância que sentem de serem um exemplo “<i>como exemplo que devemos ser, procuro retribuir nos gestos mais simples</i>” [4 / INQ 25], na transmissão de valores e atitudes “<i>penso que todos nós contribuimos para a formação humana dos nossos alunos não só por transmitir conhecimentos úteis como, principalmente, “trabalhando” os valores e atitudes. Penso que todos os dias, como docente, preocupo-me com isso</i>” [4 / INQ 17], “... tive sempre como premissa “cultivar” nos alunos a responsabilidade, a bondade, a confiança em outrem” [4 / INQ 10]. A formação humana presente nas preocupações dos inquiridos “<i>ser docente é também contribuir para a formação humana dos alunos. Exigir e ensinar que cada um dê o melhor de si, criar hábitos de trabalho, fomentar o respeito pelo outro...</i>” [4 / INQ 9], não deixando de apelar à necessidade de que tem que ser continuada na família e na comunidade “<i>A formação humana é muito importante, mas tem que ser continuada na família e na comunidade</i>” [4 / INQ 14].</p>		
			Quando sou visitada por alunos que, tendo sido do Ensino Especial, fizeram a sua formação e hoje têm família e são felizes ou quando me vêm pedir opinião sobre a sua vida.	4 / INQ 6
		<b>Construção da sua identidade, que será narrada numa história</b>	Mantenho ligações com duas antigas alunas duma escola problemática onde trabalhei há 20 anos, em que uma vez por ano, vou lanchar com elas e é com satisfação que recordamos alguns momentos passados na escola. Outro caso tive uma aluna que me convidou para o seu casamento, dizendo-me que nunca se esqueceu da educadora que lhe “dava maminhos” e que era tão	4 / INQ 18

		<b>de vida.</b>	“boa para os meninos”	
			Um dia, encontrei uma senhora no autocarro. Olhou-me. Eu não a reconheci. Em voz alta, disse-me: a Senhora foi a professora que mais me ensinou. Exagerou, de certeza. Mas reconheço... que adorei.	4 / INQ 21
			<p>Sinto-o quando esses pequenos seres, são o espelho da minha maneira de ser e estar. Com frequência nas minhas expressões pessoais com que sou surpreendida “na boca das crianças” e o imitam-me em atitudes e gestos.</p> <p>Relato com orgulho, um episódio que me comoveu e nunca vou esquecer. Certo dia recebi um telefonema de um aluno já adulto, o Tiago que me contactou (e deu-se ao trabalho de arranjar através de terceiros o meu contacto, pois já se tinham passado muitos anos) e marcou um encontro comigo numa confeitaria próxima da faculdade onde terminava o curso a fim de eu, como educadora de outrora, lhe fazer uma dedicatória nas fitas da pasta de finalista.</p> <p>Recordava o seu rosto de menino e naturalmente eu estava mais velha. No entanto quando sentada na mesa olhava a porta na expectativa de o reconhecer, foi recíproco no cruzar dos nossos olhares o reconhecimento imediato, que se traduziu num sorriso e olho vidrado pela ternura do momento.</p> <p>Sem falsa modéstia, senti-me importante ao escrever um pequeno</p>	4 / INQ 32

		<p>poema desejando-lhe felicidade e sucesso na sua vida futura.</p> <p>De certeza que no coração do Tiago ficou uma boa imagem da pessoa e da educadora que o ajudou a crescer, em determinada fase da sua vida. Foi um momento de felicidade para sempre recordar.</p>	
<p>Verdadeiras histórias de vida poderão ser narradas a partir de um conjunto de pequenos gestos marcantes “<i>tive uma aluna que me convidou para o seu casamento, dizendo-me que nunca se esqueceu da educadora que lhe “dava miminhos” e que era tão “boa para os meninos”</i>[ 4 / INQ 18], que nos sensibilizam profundamente até porque sentimos o resultado do que foi dado gratuitamente “<i>um dia, encontrei uma senhora no autocarro. Olhou-me. Eu não a reconheci. Em voz alta, disse-me: a Senhora foi a professora que mais me ensinou. Exagerou, de certeza. Mas reconheço... que adorei</i>” [4 / INQ 21].</p> <p>O que se dá é recebido e imitado “<i>sinto-o quando esses pequenos seres, são o espelho da minha maneira de ser e estar. Com frequência nas minhas expressões pessoais com que sou surpreendida “na boca das crianças” e o imitam-me em atitudes e gestos.</i>”[4 / INQ 32]. A retribuição pode até surgir mais tarde, numa verdadeira história de vida, que terá sensibilizado as pessoas envolvidas para sempre, através da procura do contacto da educadora que marcara o finalista de um curso superior “<i>Recordava o seu rosto de menino e naturalmente eu estava mais velha. No entanto quando sentada na mesa olhava a porta na expectativa de o reconhecer, foi recíproco no cruzar dos nossos olhares o reconhecimento imediato, que se traduziu num sorriso e olho vidrado pela ternura do momento.</i></p> <p><i>Sem falsa modéstia, senti-me importante ao escrever um pequeno poema desejando-lhe felicidade e sucesso na sua vida futura.</i></p> <p><i>De certeza que no coração do Tiago ficou uma boa imagem da pessoa e da educadora que o ajudou a crescer, em determinada fase da sua vida.</i> [4 / INQ 32]. Realmente tem razão este mesmo inquirido terminar escrevendo “<i>foi um</i></p>			

		<i>momento de felicidade para sempre recordar</i> ". E fará parte das suas histórias de vida.	
	<b>Construção da identidade feita no quotidiano de cada um de nós</b>	O encontro de antigos alunos, hoje já licenciados ou empregados, que se dirigem a mim, ou mesmo através do facebook... com muita simpatia e agrado.	4 / INQ 1
		Quando os meus antigos alunos atravessam a rua para me vir dar um beijo ou mesmo quando me visitam na escola. Já tive um grupo que veio à escola apresentar um trabalho feito por eles no 5º ano.	4 / INQ 8
		O reconhecimento nos locais públicos mais diversos e encontrar alunos licenciados em educação musical em orquestras dizendo-me que foram motivados no ensino básico...	4 / INQ 26
		Essencialmente anos mais tarde quando os alunos nos encontram e manifestam alegria em partilhar connosco os seus sucessos.	4 / INQ 27
		Passados muitos anos os alunos continuam a relembrar situações passadas e como elas contribuíram para a sua formação como cidadãos, como sejam a postura e o tratamento.	4 / INQ 33
	No quotidiano de cada um dos inquiridos há momentos marcantes que ajudam a construir a identidade e os enriquecem " <i>O encontro de antigos alunos, hoje já licenciados ou empregados, que se dirigem a mim, ou mesmo através do facebook... com muita simpatia e agrado</i> " [4 / INQ 1]. São os pequenos/ grandes gestos que fazem com que a pessoa se sinta bem e retribuída " <i>Quando os meus antigos alunos atravessam a rua para me vir dar um beijo ou mesmo quando me visitam na escola. Já tive um grupo que veio à escola apresentar um trabalho feito por eles no 5º ano.</i> " [4 / INQ 8].		
		Acredito que sim, não descurando a educação em casa.	4 a) / INQ 1
		Sim. Uns poderão desenvolver mais do que outros, mas acredito que todos se podem desenvolver.	4 a) / INQ 2

<p><b>D – Crença na educabilidade</b></p>	<p><b>Crença na educabilidade das pessoas</b></p>	<p>Sem a colaboração dos pais, a escola não consegue mudar grande coisa.</p>	<p>4 a) / INQ 3</p>
		<p>Sim, a educação muda, altera e transforma o ser humano.</p>	<p>4 a) / INQ 12</p>
		<p>Sim, mas tem que ser muito reforçado em casa, caso contrário cai tudo num “saco roto”</p>	<p>4 a) / INQ 14</p>
		<p>Penso sinceramente que sim, aliás como docente esse deve ser o ponto essencial. Temos de respeitar todos os alunos e por isso todos devem ser e podem ser desenvolvidos por via da educação/do ensino escolar.</p>	<p>4 a) / INQ 17</p>
		<p>Sim, embora a escola por si só não chegue, o contexto familiar é muito importante.</p>	<p>4 a) / INQ 27</p>
		<p>Acredito plenamente, uma vez que, como diretor de um CEF , a equipa pedagógica tem conseguido obter resultados satisfatórios em termos de responsabilidade, assiduidade e aproveitamento.</p>	<p>4 a) / INQ 33</p>
		<p>Sim, às vezes desanimo, mas tento encontrar alternativas... não facilito.</p>	<p>4 b) / INQ 1</p>
		<p>Já desanimei, mas depressa sacudo o desânimo e procuro uma nova estratégia. Facilitar... Nunca!</p>	<p>4 b) / INQ 8</p>
		<p>Não, porque os pequenos progressos são sempre grandes progressos. E normalmente nunca desisto dum aluno que não tenha tantas capacidades</p>	<p>4 b) / INQ 18</p>
		<p>Já me senti um pouco desanimada, mas nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades.</p>	<p>4 b) / INQ 28</p>
		<p>Respeito pela diferença, solidariedade, partilha e amizade.</p>	<p>4 c) / INQ 16</p>

			“Nunca ninguém fica para trás!”	
		<p>Os inquiridos acreditam na educabilidade das pessoas, alguns deles realçando a importância do papel da família “acredito que sim, não descurando a educação em casa.” [4 a) / INQ 1]. Alguns afirmam até que “sem a colaboração dos pais, a escola não consegue mudar grande coisa.” [4 a) / INQ 3], ou que “tem que ser muito reforçado em casa, caso contrário cai tudo num “saco roto”[ 4 a) / INQ 14)] e “embora a escola por si só não chegue, o contexto familiar é muito importante.” [4 a) / INQ 27].</p> <p>É assumido o “Respeito pela diferença, solidariedade, partilha e amizade.” [4 c) / INQ 16] e o mesmo inquirido termina com um peremptório “Nunca ninguém fica para trás!”.</p>		
	<b>Preservação no ser</b>	Já me senti um pouco desanimada, mas nunca desisti de ir ao encontro das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades.		4 b) / INQ 28
		Não sinceramente acredito que a base fundamental é a da educação dada pelos pais e depois sim vem a via da educação do ensino escolar.		4 a) / INQ 11
		Apenas pela via do ensino escolar, penso que não, pois a família tem uma importância muito maior		4 a) / INQ 15
		Acredito desde que na educação familiar ou escolar tenha como bases os valores fundamentais que eu tento transmitir aos meus alunos: respeito, amizade, verdade, justiça, não exigir nada em troca...		4 a) / INQ 18
		Claro que sim mas com muita ajuda da família.		4 a) / INQ 22
		A educação por via do ensino escolar é muito importante, no entanto penso que a família também deve assumir um papel preponderante na educação do indivíduo como um “Todo”.		4 a) / INQ 28
	A aceitação das dificuldades do outro e a tentativa de as colmatar é evidenciada “... nunca desisti de ir ao encontro			

		<p><i>das necessidades do aluno, no sentido de colmatar as suas dificuldades” [4 b) / INQ 28]. Faz parte do seu ser, sabendo a importância do seio familiar “... a base fundamental é a da educação dada pelos pais e depois sim vem a via da educação do ensino escolar” [4 a) / INQ 11] e “a educação por via do ensino escolar é muito importante, no entanto penso que a família também deve assumir um papel preponderante na educação do indivíduo como um “Todo” [4 a) / INQ 28].</i></p> <p>Quer acreditar-se na importância da educação para os valores na família “<i>acredito desde que na educação familiar ou escolar tenha como bases os valores fundamentais que eu tento transmitir aos meus alunos: respeito, amizade, verdade, justiça, não exigir nada em troca...</i>” [4 a) / INQ 18] e essa postura relativamente à família será benéfica na educação global e na preservação de cada um.</p>																
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="846 643 1167 691">Sim, se estiver disposto e lhe forem criadas as oportunidades.</td> <td data-bbox="1167 643 2134 691">4 a) / INQ 6</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 691 1167 783">Sim. Embora os alunos com maiores dificuldades e sem apoio familiar tenham mais dificuldades.</td> <td data-bbox="1167 691 2134 783">4 a) / INQ 8</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 783 1167 927">Na generalidade acredito que sim. Nem faria sentido pensar doutra forma. Mas sei que não é suficiente. O papel da família é fundamental.</td> <td data-bbox="1167 783 2134 927">4 a) / INQ 25</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 927 1167 1066">Sim, mas não chega. Necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade.</td> <td data-bbox="1167 927 2134 1066">4 a) / INQ 34</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 1066 1167 1158">Não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra.</td> <td data-bbox="1167 1066 2134 1158">4 b) / INQ 11</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 1158 1167 1251">Já pensei que o aluno era incapaz, contudo ao longo do tempo ele foi-me mostrando que eu é que era incapaz de o “avaliar”.</td> <td data-bbox="1167 1158 2134 1251">4 b) / INQ 12</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 1251 1167 1343">Já. Mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe...</td> <td data-bbox="1167 1251 2134 1343">4 b) / INQ 19</td> </tr> <tr> <td data-bbox="846 1343 1167 1385">Sim, há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me</td> <td data-bbox="1167 1343 2134 1385">4 b) / INQ 27</td> </tr> </table>	Sim, se estiver disposto e lhe forem criadas as oportunidades.	4 a) / INQ 6	Sim. Embora os alunos com maiores dificuldades e sem apoio familiar tenham mais dificuldades.	4 a) / INQ 8	Na generalidade acredito que sim. Nem faria sentido pensar doutra forma. Mas sei que não é suficiente. O papel da família é fundamental.	4 a) / INQ 25	Sim, mas não chega. Necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade.	4 a) / INQ 34	Não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra.	4 b) / INQ 11	Já pensei que o aluno era incapaz, contudo ao longo do tempo ele foi-me mostrando que eu é que era incapaz de o “avaliar”.	4 b) / INQ 12	Já. Mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe...	4 b) / INQ 19	Sim, há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me	4 b) / INQ 27
Sim, se estiver disposto e lhe forem criadas as oportunidades.	4 a) / INQ 6																	
Sim. Embora os alunos com maiores dificuldades e sem apoio familiar tenham mais dificuldades.	4 a) / INQ 8																	
Na generalidade acredito que sim. Nem faria sentido pensar doutra forma. Mas sei que não é suficiente. O papel da família é fundamental.	4 a) / INQ 25																	
Sim, mas não chega. Necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade.	4 a) / INQ 34																	
Não. Apenas quando o aluno tem capacidades mas não as demonstra.	4 b) / INQ 11																	
Já pensei que o aluno era incapaz, contudo ao longo do tempo ele foi-me mostrando que eu é que era incapaz de o “avaliar”.	4 b) / INQ 12																	
Já. Mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe...	4 b) / INQ 19																	
Sim, há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me	4 b) / INQ 27																	



		pôs à prova... penso que foi esse mesmo aluno que me fez crescer como professora!	
		<p>“Mas depressa acordei para a realidade. Coloquei-me no lugar da mãe...” [4 b) / INQ 19]: o colocar-se no lugar da mãe que sofre e luta por um pouco melhor, fez com que o inquirido se sentisse interpelado. Há dificuldades sentidas que nos des- envolvem, que nos fazem sentirmo-nos acolhidos “... há anos tive um aluno muito deficiente fisicamente que me pôs à prova... penso que foi esse mesmo aluno que me fez crescer como professora!” [4 b) / INQ 27] ou até incapazes porque muito interpelados pelo outro “já pensei que o aluno era incapaz, contudo ao longo do tempo ele foi-me mostrando que eu é que era incapaz de o “avaliar”. [4 b) / INQ 12].</p>	
	<b>Visão positiva da alteridade</b>	A educação é a base de qualquer indivíduo e sem ela não conseguimos evoluir. O conhecimento abre horizontes e desperta a curiosidade.	4 a) / INQ 9
		Penso sinceramente que sim, aliás como docente esse deve ser o ponto essencial. Temos de respeitar todos os alunos e por isso todos devem ser e podem ser desenvolvidos por via da educação/do ensino escolar.	4 a) / INQ 17
		Acredito que a escola é um pequeno laboratório da vida futura do aluno...	4 a) / INQ 26
		Acredito, pode e deve ser uma mais-valia na vida, um enriquecimento no percurso escolar de um aluno que a par da aprendizagem possa ficar no seu coração uma boa recordação, uma grata e saudosa imagem da escola.	4 a) / INQ 32
		Sim, mas tento sempre tirar alguma lição dessas frustrações e aprender a lidar com elas e contorná-las.	4 b) / INQ 9
		Não, tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele.	4 b) / INQ 24
		Já. Poucas vezes, mas penso que o desânimo foi por <u>incapacidade</u>	4 b) / INQ 34

			<u>minha</u> de não conseguir “chegar até ele”.	
		A importância e exigência colocadas na educação e na escola é bem sentida e transmitida pelos inquiridos “ <i>a educação é a base de qualquer indivíduo e sem ela não conseguimos evoluir. O conhecimento abre horizontes e desperta a curiosidade.</i> ” [4 a) / INQ 9] e “ <i>acredito que a escola é um pequeno laboratório da vida futura do aluno...</i> ” [4 a) / INQ 26]. É aí que “ <i>temos de respeitar todos os alunos e por isso todos devem ser e podem ser desenvolvidos por via da educação/do ensino escolar.</i> ” [4 a) / INQ 17], acreditando-se que todos o conseguem “ <i>tento sempre dar a volta ao assunto mudando de estratégias, forma de estar e falar com ele.</i> ” [4 b) / INQ 24], colocando-se até em questão a postura como educador “ <i>penso que o desânimo foi por <u>incapacidade minha</u> de não conseguir “chegar até ele”</i> [4 b) / INQ 34].		
	<b>E – Dom/ Dádiva na relação pedagógica</b>	<b>Partilha constante, diálogo, cooperação, busca e encontro permanente de razões, capacidade de escutar o outro e de o levar a que ele nos escute: uma</b>	A mudança de atitudes de alguns alunos. “Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos”.	4/ INQ 31
Sim, mas não chega. Necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade.			4 a) / INQ 34	
Já desanimei, mas depressa sacudo o desânimo e procuro uma nova estratégia. Facilitar... Nunca!			4 b) / INQ 8	
Por vezes os desafios são muitos e sentimo-nos desanimados mas penso que essa desanimação deve ser um estímulo e não um obstáculo.			4 b) / INQ 17	
Já. Poucas vezes, mas penso que o desânimo foi por <u>incapacidade</u> <u>minha</u> de não conseguir “chegar até ele”.			4 b) / INQ 34	
Transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados.			4 c) / INQ 3	
O respeito pelos outros.			4 c) / INQ 11	

		<b>autêntica arte</b>	As atitudes onde lhes mostro que com trabalho estudo e empenho se conseguem grandes resultados.		
			O ter atitude.		
			O respeito, o amor, a alegria de um convívio saudável e recíproco que humaniza as relações e que muito se aprende, sem querer.	4 c) / INQ 32	
			Será, por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz.	4 d) / INQ 1	
			Desenvolvimento pessoal e social do aluno é transversal a todas as áreas académicas, faz-se dia a dia, em todos os momentos...	4 d) / INQ 19	
		<p>Uma autêntica arte a de conseguir transformar as pessoas “<i>A mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos</i>”. [4/ INQ 31], numa partilha constante sabendo que “<i>necessita de carinho, afeto, amor... isto é, uma relação afetiva e empatia. Diria até mais... necessita também de cumplicidade</i>” [4 a) / INQ 34]. Numa busca e encontro permanente de razões porque “<i>Facilitar... Nunca!</i>” [4 b) / INQ 8] e há que “<i>chegar até ele</i>” [4 b) / INQ 34].</p> <p>Nesta cumplicidade será mais fácil “<i>transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados</i>” [4 c) / INQ 3], levando-os a valorizarem a atitude [4 c) / INQ 11], e a perceberem que “<i>o respeito, o amor, a alegria de um convívio saudável e recíproco que humaniza as relações e que muito se aprende, sem querer</i>” [4 c) / INQ 32], numa verdadeira arte que fará cada um deles “<i>... por certo, um ser humano sensível, atento, disponível, um cidadão feliz</i>” [4 d) / INQ 1].</p>			
			Sinceridade e respeito. Ética.	3a) / INQ 13	
			O respeito pelos outros.	4 c) / INQ 11	
			As atitudes onde lhes mostro que com trabalho estudo e empenho		

			se conseguem grandes resultados.	
		<b>Valor da integridade</b>	O ter atitude.	
			Os valores e atitudes são de vária ordem: respeito, solidariedade, empenho, interesse, participação. De um modo geral inculcar valores e atitudes que lhes permitam uma integração total na sociedade.	4 c) / INQ 17
			O respeito, a verdade, a justiça e a amizade.	4 c) / INQ 18
			Alegria, generosidade (gratuidade), sinceridade e entrega.	4 c) / INQ 34
		<p>Ao longo das respostas, o valor da integridade vai sendo apontado, porque através dele se conseguem objetivos tão nobres como os que foram subtilmente apresentados pelos inquiridos.</p> <p>Realçamos alguns mais evidentes como “<i>Sinceridade e respeito. Ética</i>”[ 3a) / INQ 13], ou “<i>O respeito pelos outros.</i>”</p> <p><i>As atitudes onde lhes mostro que com trabalho estudo e empenho se conseguem grandes resultados. O ter atitude</i>” [4 c) / INQ 11].</p> <p>A integridade está presente em muitas das respostas pois só através dela se consegue a “arte mágica” sentida nas abordagens apresentadas pelos inquiridos. Na realidade só com “<i>alegria, generosidade (gratuidade), sinceridade e entrega</i>” [4 c) / INQ 34] se consegue essa autenticidade na relação pedagógica.</p>		
			Aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais.	4 d) / INQ 2
			Contribuirá para o preparar melhor para a cidadania. Desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal.	4 d) / INQ 10
			Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.	4 d) / INQ 20

		<b>Estabelecimento de uma dinâmica de dádiva facilitadora do processo de aprendizagem e da relação pessoal, humanizando os seus intervenientes</b>	Efeitos positivos, sem dúvida, são o semear de um cidadão da sociedade futura que poderá mudar o mundo.	4 d) / INQ 32
			Os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores.	4 e) / INQ 8
			Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro”.	4 e) / INQ 10
			Troca de experiências/ partilha de saberes/ respeito pelo Outro/ bom ambiente de trabalho.	4 e) / INQ 35
			Maior afetividade, menos afastamento, menos agressividade, mais paz.	4 f) / INQ 3
			Melhores resultados.  Mais confiança no trabalho desenvolvido.  Mais confiança nas posturas e na educação.	4 f) / INQ 5
			Numa relação de dádiva, entendo que a partilha de experiências, a interação, o espírito crítico e o desenvolvimento pessoal, social e profissional de cada elemento, são efeitos subjacentes a este tipo de relacionamento.	4 f) / INQ 12
			A comunidade acredita no nosso trabalho, valoriza as nossas decisões e vai facilitar e apoiar a nossa tarefa.	4 f) / INQ 19
		Numa dinâmica de dádiva qualquer interveniente <i>“aprenderá que melhor do que trabalhar para si, trabalhar para todos é bem melhor, porque todos beneficiarão mais”</i> [4 d) / INQ 2] e <i>“desenvolverá, no aluno, uma melhor relação interpessoal”</i> [ 4 d) / INQ 10], contribuindo para que <i>“seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas”</i>		

		<p>[4 d) / INQ 20].</p> <p>Numa dinâmica de dádiva “<i>os docentes enriquecerão o seu lado humanista e serão de certeza melhores professores</i>” [4 e) / INQ 8], assim como “<i>ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro”</i> [4 e) / INQ 10], conduzindo a “<i>melhores resultados. Mais confiança no trabalho desenvolvido. Mais confiança nas posturas e na educação</i>” [4 f) / INQ 5].</p> <p>Por causa da dinâmica de dádiva e através dela “<i>a comunidade acredita no nosso trabalho, valoriza as nossas decisões e vai facilitar e apoiar a nossa tarefa</i>” [4 f) / INQ 19]: a “<i>arte mágica</i>” sentida e “<i>espiralmente</i>” percebida.</p>																		
	<p><b>Transformação das pessoas através de um valor que o dom possui: o de estabelecer laço</b></p>	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="855 635 1167 775">A mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos.</td> <td data-bbox="1167 635 2145 775">4/ INQ 31</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 775 1167 868">Transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados.</td> <td data-bbox="1167 775 2145 868">4 c) / INQ 3</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 868 1167 916">Colaboração, interesse, paciência, nunca desistir (persistência)</td> <td data-bbox="1167 868 2145 916">4 c) / INQ 22</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 916 1167 1008">Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.</td> <td data-bbox="1167 916 2145 1008">4 d) / INQ 7</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 1008 1167 1101">Muito positivos como sejam aumentar o sentido de responsabilidade e de partilha.</td> <td data-bbox="1167 1008 2145 1101">4 d) / INQ 33</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 1101 1167 1149">Efeitos de retribuição, simpatia, afectividade e gratuidade.</td> <td data-bbox="1167 1101 2145 1149">4 d) / INQ 34</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 1149 1167 1197">Ser solidário e tolerante.</td> <td data-bbox="1167 1149 2145 1197">4 d) / INQ 35</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 1197 1167 1292">Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho.</td> <td data-bbox="1167 1197 2145 1292">4 e) / INQ 7</td> </tr> <tr> <td data-bbox="855 1292 1167 1383">Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os</td> <td data-bbox="1167 1292 2145 1383">4 e) / INQ 10</td> </tr> </table>	A mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos.	4/ INQ 31	Transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados.	4 c) / INQ 3	Colaboração, interesse, paciência, nunca desistir (persistência)	4 c) / INQ 22	Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.	4 d) / INQ 7	Muito positivos como sejam aumentar o sentido de responsabilidade e de partilha.	4 d) / INQ 33	Efeitos de retribuição, simpatia, afectividade e gratuidade.	4 d) / INQ 34	Ser solidário e tolerante.	4 d) / INQ 35	Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho.	4 e) / INQ 7	Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os	4 e) / INQ 10
A mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos.	4/ INQ 31																			
Transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados.	4 c) / INQ 3																			
Colaboração, interesse, paciência, nunca desistir (persistência)	4 c) / INQ 22																			
Contribuir para que seja um cidadão ativo e sensível às questões sociais e humanas.	4 d) / INQ 7																			
Muito positivos como sejam aumentar o sentido de responsabilidade e de partilha.	4 d) / INQ 33																			
Efeitos de retribuição, simpatia, afectividade e gratuidade.	4 d) / INQ 34																			
Ser solidário e tolerante.	4 d) / INQ 35																			
Maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho.	4 e) / INQ 7																			
Os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os	4 e) / INQ 10																			

			rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro”.	
			Ao longo da minha atividade profissional tudo o que tenho desenvolvido e aprendido, diariamente, acaba por me valorizar profissionalmente, tornando-me cada vez mais apta e empenhada.	4 e) / INQ 17
			Melhor ambiente de trabalho.	4 e) / INQ 20
			Bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola.	4 e) / INQ 22
			Poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração	4 e) / INQ 28
			Uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro, tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes!	4 f) / INQ 1
			Maior afetividade, menos afastamento, menos agressividade, mais paz.	4 f) / INQ 3
			Os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo.	4 f) / INQ 8
		<p>O valor do laço, pertencente ao dom, que poderá transformar as pessoas, levando-as a uma alteração de atitudes “A mudança de atitudes de alguns alunos. Alunos agressivos, mal comportados, tornaram-se carinhosos, tolerantes e interessados pela aquisição de conhecimentos” [4/ INQ 31]. Acredita-se conseguir transformar através do inculcar de valores “transformar os alunos em cidadãos de pleno direito inculcando-lhes os valores universais que me foram inculcados” [4 c) / INQ 3]. O laço será conseguido através de uma “maior proximidade entre o grupo de docentes, contribuindo para um melhor ambiente de trabalho” [4 e) / INQ 7] e “ os docentes ao partilharem sentimentos, gestos, comportamentos com outrem tornar-se-ão mais sensíveis a tudo e a todos os que os rodeiam. Colocar-se-ão, mais vezes, no “lugar do outro” [4 e) / INQ 10]. Assim será mais fácil uma aproximação através do laço criado,</p>		

		<p>conseguindo-se “<i>bom trabalho, companheirismo, disponibilidade e “alegria e boa disposição” na escola</i>” [4 e) / INQ 22] e “<i>uma comunidade perfeita em plena harmonia que produzirá efeitos possíveis no futuro, tornando os alunos em adultos conscientes, responsáveis, tolerantes, amigos, sorridentes, calmos e... essencialmente felizes!</i>” [4 f) / INQ 1].</p> <p>O laço, um dos valores que o dom possui, conduzirá a que “<i>os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo</i>” [4 f) / INQ 8].</p>																	
		<table border="1"> <tr> <td data-bbox="855 459 1169 1391" rowspan="8"> <p><b>Presença de gestos simples do dia a dia, na gratuidade neles sentida, na arte mágica que daí advém, através do sentir, facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável</b></p> </td> <td data-bbox="1169 459 1899 555"> <p>Através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...</p> </td> <td data-bbox="1899 459 2145 555"> <p>2 a) / INQ 1</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 555 1899 651"> <p>Sim. Através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso.</p> </td> <td data-bbox="1899 555 2145 651"> <p>2 a) / INQ 2</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 651 1899 699"> <p>Diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos.</p> </td> <td data-bbox="1899 651 2145 699"> <p>4 d) / INQ 3</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 699 1899 880"> <p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p> </td> <td data-bbox="1899 699 2145 880"> <p>4 d) / INQ 9</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 880 1899 976"> <p>Poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração</p> </td> <td data-bbox="1899 880 2145 976"> <p>4 d) / INQ 28</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 976 1899 1120"> <p>Acredito que a relação de dádiva é fundamental na nossa profissão e que foi por isso que a escolhemos, ensinar é dar o melhor de cada um.</p> </td> <td data-bbox="1899 976 2145 1120"> <p>4 e) / INQ 2</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 1120 1899 1302"> <p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p> </td> <td data-bbox="1899 1120 2145 1302"> <p>4 e) / INQ 9</p> </td> </tr> <tr> <td data-bbox="1169 1302 1899 1391"> <p>Um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam</p> </td> <td data-bbox="1899 1302 2145 1391"> <p>4 e) / INQ 34</p> </td> </tr> </table>	<p><b>Presença de gestos simples do dia a dia, na gratuidade neles sentida, na arte mágica que daí advém, através do sentir, facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável</b></p>	<p>Através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...</p>	<p>2 a) / INQ 1</p>	<p>Sim. Através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso.</p>	<p>2 a) / INQ 2</p>	<p>Diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos.</p>	<p>4 d) / INQ 3</p>	<p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p>	<p>4 d) / INQ 9</p>	<p>Poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração</p>	<p>4 d) / INQ 28</p>	<p>Acredito que a relação de dádiva é fundamental na nossa profissão e que foi por isso que a escolhemos, ensinar é dar o melhor de cada um.</p>	<p>4 e) / INQ 2</p>	<p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p>	<p>4 e) / INQ 9</p>	<p>Um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam</p>	<p>4 e) / INQ 34</p>
<p><b>Presença de gestos simples do dia a dia, na gratuidade neles sentida, na arte mágica que daí advém, através do sentir, facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável</b></p>	<p>Através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...</p>	<p>2 a) / INQ 1</p>																	
	<p>Sim. Através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso.</p>	<p>2 a) / INQ 2</p>																	
	<p>Diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos.</p>	<p>4 d) / INQ 3</p>																	
	<p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p>	<p>4 d) / INQ 9</p>																	
	<p>Poderá contribuir para uma relação de maior partilha e colaboração</p>	<p>4 d) / INQ 28</p>																	
	<p>Acredito que a relação de dádiva é fundamental na nossa profissão e que foi por isso que a escolhemos, ensinar é dar o melhor de cada um.</p>	<p>4 e) / INQ 2</p>																	
	<p>Ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa.</p>	<p>4 e) / INQ 9</p>																	
	<p>Um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam</p>	<p>4 e) / INQ 34</p>																	



			energias Os alunos e docentes serão bem mais felizes.	
			Os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo.	4 f) / INQ 8
			Será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem.	4 f) / INQ 18
		<p>A importância dos pequenos e simples gestos “através da simplicidade, carinho, respeito, reconhecimento, saudação e aproximação...” [2 a) / INQ 1], bastando tão pouco para se conseguir por vezes muito “através de simples gestos como um cumprimento, agradecimento ou sorriso” [2 a) / INQ 2].</p> <p>A gratuidade colocada nesses gestos simples “ensinar é dar! Enquanto professores damos conhecimento, amizade, ajuda, carinho, reforço positivo e, no meu caso, quanto mais consigo “dar” aos meus alunos, mais realizada me sinto não só como profissional mas também como pessoa” [4 d) / INQ 9]. Esses gestos levarão a que a pessoa se sinta bem, reconhecidamente bem, até porque nessa relação pedagógica baseada na dádiva, uma arte mágica é sentida, levando à construção de “um ambiente mais saudável, alegre, afetuoso. O esforço será muito menor e rentabiliza-se o trabalho porque se poupam energias Os alunos e docentes serão bem mais felizes” [4 e) / INQ 34].</p> <p>As marcas ficarão para sempre e, quem sabe, a espiral da dádiva terá continuidade porque “os nossos alunos serão sem dúvida mais amigos do seu amigo, mais conhecedores do mundo e gostarão sempre de ajudar o próximo” [4 f) / INQ 8]. Basta que faça com gosto, basta que demos a nossa alma, de uma forma gratuita “será sempre positivo, principalmente quando se gosta do que se faz, nunca se está à espera de nada em troca ou de qualquer recompensa. O que se faz é com gosto, damos a nossa alma e sentimo-nos realmente bem” [4 f) / INQ 18].</p> <p>Esta postura poderá conduzir a uma “diminuição das assimetrias relativamente aos conhecimentos” [4 d) / INQ 3],</p>		

		facilitadora de uma aprendizagem melhor e mais saudável, porque baseada numa “arte mágica” sentida e vivida pelos diferentes atores envolvidos.
--	--	---